

suicídio mítico
uma luz sobre a antiguidade clássica

Joana Guimarães

série monografias

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Joana Guimarães
(Universidade de Coimbra)

*Suicídio Mítico –
Uma luz sobre a Antiguidade Clássica*

Todos os volumes desta série são sujeitos a arbitragem científica independente.

Autor: Joana Guimarães

Título: Suicídio Mítico – Uma luz sobre a Antiguidade Clássica

Editor: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
Imprensa da Universidade de Coimbra
Edição: 1ª/2011

Coordenador Científico do Plano de Edição: Maria do Céu Fialho
Conselho Editorial: José Ribeiro Ferreira, Maria de Fátima Silva,
Francisco de Oliveira, Nair Castro Soares
Director técnico da coleção: Delfim F. Leão
Concepção gráfica e paginação: Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira.

Obra realizada no âmbito das actividades da UI&D
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

Universidade de Coimbra
Faculdade de Letras
Tel.: 239 859 981 | Fax: 239 836 733
3004-530 Coimbra

ISBN: 978-989-8281-91-3
ISBN DIGITAL: 978-989-8281-92-0
DOI: <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-8281-92-0>
Depósito Legal: 329260/11

Obra Publicada com o Apoio de:



© IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

© Classica Digitalia Vniversitatis Conimbrigenis

© Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

Reservados todos os direitos. Nos termos legais fica expressamente proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio, em papel ou em edição electrónica, sem autorização expressa dos titulares dos direitos. É desde já excepcionada a utilização em circuitos académicos fechados para apoio a leccionação ou extensão cultural por via de *e-learning*.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	8
NOTAS PRÉVIAS	9
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – ORGANIZAÇÃO DO <i>CORPVS</i> E SUA TIPOLOGIA	15
<i>MODVS OPERANDI</i> PARA A RECOLHA DOS DADOS	17
TIPOLOGIA DO <i>CORPVS</i>	22
1. MOTIVOS PARA O SUICÍDIO – <i>CAUSAE MORIENDI</i>	22
1.1 <i>DEVOTIO</i>	23
1.2 <i>TAEDIVM VITAE</i>	24
1.3 <i>DOLOR</i>	25
1.4 <i>DESPERATA SALVS</i>	26
1.5 <i>PVDOR</i>	27
1.6 <i>CONSCIENTIA</i>	29
1.7 <i>FVROR</i>	31
1.8 <i>IMPATIENTIA DOLORIS</i>	32
1.9 <i>NECESSITAS</i>	33
1.10 <i>EXSECRATIO</i>	34
1.11 <i>IACTATIO</i>	35
2. MODOS PARA O SUICÍDIO - <i>MODI MORIENDI</i>	36
CAPÍTULO II – <i>CORPVS</i>	43
CAPÍTULO III – TEMÁTICAS EMERGENTES	173
CONCLUSÃO	179
APÊNDICE - TRATAMENTO ESTATÍSTICO	183
BIBLIOGRAFIA	195

*Aos meus filhos, João Maria, Miguel e Magarida,
a quem quero transmitir que a aprendizagem e o saber conduzem a
uma maior fruição da vida e, portanto, a uma maior felicidade.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Doutor Francisco de Oliveira, orientador da dissertação de Mestrado que levou à presente publicação. Foi incomensurável o que fez, que nunca me deixou sozinha no árduo caminho desbravado. Muito aprendi com a sua honestidade e o seu rigor intelectuais, com a sua atitude sempre tão atenta, tanto nas linhas delineadoras e genéricas, como nos detalhes mais subtis. Por tudo isso, o meu mais profundo obrigada.

Ao Professor Doutor José Ribeiro Ferreira, coordenador do Mestrado Mundo Antigo, além de agradecer o encantamento que foi redescobrir a Arte Grega através do seu entusiasmo contagiante e sensibilidade, agradeço também o acolhimento tão generoso no seio do Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra. Todos os mestres que aí tive, todos eles, de forma única, me fizeram sentir, no final de cada aula, mais enriquecida. A todos eles, o meu sentido obrigada.

À Professora Doutora Maria do Céu Fialho, Coordenadora Científica do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, e ao Professor Doutor Delfim Ferreira Leão, Director Técnico da colecção *Classica Digitalia*, agradeço o interesse e disponibilidade para a publicação.

Um abraço, à Ana Catarina Larcher Santos Carvalho, pela amizade de uma vida, curso de um longo rio.

Ao Serafim e aos meus filhos, por tudo o que foi dado, todas as palavras que possam exprimir o meu obrigada, e são elas uma infinidade, todas elas me sabem inexoravelmente aquém.

NOTAS PRÉVIAS

Abreviaturas e siglas utilizadas:

BNP = *Brill's Encyclopädia of the Ancient World. New Pauly. Antiquity*. Eds H. Cancick, H. Schneider; engl. ed.: Ch. F. Salazar, D. E. Orton. Leiden-Boston, 2002.

Grimal = P. Grimal (1951), *Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine*. Paris, Presses Universitaires de France.

Lexikon = *Lexikon der alten Welt* (1965), eds. C. Andresen et alii. Zürich — Stuttgart, Artemis Verlag.

RE = *Paulys Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft* (1893). Neue Bearbeitung, hrsg. G. Wissowa. Stuttgart, Alfred Druckenmüller Verlag.

Van Hoof = A. J. L. van Hoof (1990), *From Autothanasia to Suicide. Self-Killing in Classical Antiquity*. London, Routledge.

Aparato crítico do *Corpus*

No aparato crítico, enuncia-se o motivo, o meio, os temas sugeridos, as fontes consultadas e o resultado de Van Hoof acerca dessa entrada. No que concerne este autor, referimos pela seguinte ordem: motivo, modo, sinal + ou – consoante houve ou não concretização do suicídio; no caso de algum destes três itens não ter sido esclarecido, está um ponto de interrogação. Segue-se a fonte antiga.

Autores antigos

Não são especificadas as inúmeras edições de autores antigos, onde recorreremos essencialmente a edições bilingues (primariamente Budé e Loeb) ou a traduções para espanhol,

francês, inglês, português. Ressalvam-se os casos de citações feitas fora do *corpus*.

Mitónimos

A tradução portuguesa dos mitónimos baseou-se em F. Rebelo Gonçalves (1966), *Vocabulário da Língua Portuguesa*. Coimbra, Coimbra Editora.

INTRODUÇÃO

A procura é incessante e centra-se num objectivo que tem a dupla face da inacessibilidade e do fascínio: conhecer o Mundo Antigo e entendê-lo na vastidão de todas as suas sinuosidades. Para tal, procedemos a uma pesquisa exaustiva, numa tentativa de identificar todas as entradas de dicionários de mitologia onde se registam narrativas de suicídio – e é neste sentido que se deve entender o título “Suicídio Mítico”. Veremos que este se apresentará sob múltiplas roupagens, peças únicas de um *corpus* pujante e complexo. A pesquisa feita trouxe mais conhecimento sobre este passado e, nesse sentido, iluminou-o. Para nós, o suicídio foi uma portentosa ferramenta de compreensão e, mais do que isso, uma interrogação desassombrada sobre a Antiguidade Clássica.

Nos mitos encontramos narrativas sobre deuses e heróis. Se pensarmos nestas narrativas como um mapa psicológico da Antiguidade, poderemos estabelecer pontes umbilicais, identificativas entre o mundo mitológico e o mundo real de então, pois, como diz Van Hoof, “pela sua natureza, o material mítico pertence à esfera das mentalidades”¹.

Muitos dos personagens que protagonizam estes mitos pertencem ao legado literário que chegou até nós. As tragédias são palcos privilegiados que ilustram bem essa situação. Estudar as atitudes suicidárias dos seus personagens é aprofundar a ligação intrínseca existente entre o plano real e o plano mítico².

Etimologicamente, *suicidium* (suicídio) compõe-se de *sui* (de si) e *caedes* (morte violenta, imolação), mas esta sua pertença latina não oblitera o facto de a palavra só surgir no século XVIII, sob a égide de um teólogo chamado Caramuel³. Geralmente, os filósofos latinos vêem este acto, seja como uma partida precipitada, veja-se o caso de uma fuga da vida (*vitam fugere*), expressão encontrada em Cícero, Virgílio, Séneca ou Tácito; seja como uma saída tranquila ou marcha calma, como por exemplo,

¹ Van Hoof 1990 13.

² A este propósito, diz Garrison 1995 1: “All three tragedians use the motif of suicide for exploring the interrelationship of tragic figures with family, political systems and gods, for exploring the actions of an idealized individual within ethical context”.

³ Em *Quaestio de suicidio*, apud Grisé 1982 23.

e vita exire, a vita discedere e obviam morti procedere, em Cícero também, ou *ad mortem ire* em Lucrecio⁴. Nestas atribuições, não se sente o carácter estigmatizante da etimologia de suicídio. Juntando este aspecto ao facto de existirem, ao invés, termos específicos na língua latina antiga para designar outras mortes, tais como *parricidium*, *homicidium*, *matricidium*, *fratricidium*, *infanticidium*, *tyrannicidium*, podemos assinalar desde já um corpo moral distinto da tradição cristã, onde o suicídio se cristaliza num tema tabu com Santo Agostinho.

No entanto, a expressão latina mais utilizada para transcrever o suicídio é *mortem sibi consciscere*. Vemo-la em autores tão díspares quanto Plauto, o historiador Cássio Hemina e em prescrições jurídicas em Roma⁵. O verbo *consciscere* é traduzido por ‘decidir com conhecimento de causa’. Se associarmos este valor semântico a *mortem sibi*, deparamo-nos com a identificação do acto a uma decisão totalmente consciente e, atrevendo-nos desde já a ir mais longe, a uma decisão livre.⁶

Devido à estrutura modular, em lego, do grego, poder-se-ia pensar encontrar mais facilmente uma palavra que plasmasse *ipsis verbis* o conceito de suicídio. Van Hoof considera que *authentēs*, *autocheir* e *autophonos* se reportam a um indivíduo que mata o seu próprio parente, alguém do seu sangue. No entanto, verificámos que os dicionários de grego também incluem, embora com menor intensidade e ênfase, a ideia de exercer violência sobre si próprio, sendo mais geralmente a focalização sobre outrem. Conclui-se, por isso, que se trata de termos que não são específicos do suicídio.

Observando expressões que exprimam a vontade de empreender esse acto, destacamos *hekousios thanatos*, a morte voluntária, e o seu correspondente latino, *mors voluntaria*.

Aphistamai tou biou, o auto-afastamento da vida, é outro modo de veicular a noção de suicídio. Mas, a subtileza filosófica mais densa e talvez mais inquietante, reside na saída racional da vida (*exagoge eulogos*), com o seu equivalente latino *excessus e vita rationalis*⁷. Com efeito, é ultrapassado um degrau conceptual quando se passa da morte voluntária para a morte racional. E aqui,

⁴ Apud Grisé 1982 22-28.

⁵ Apud Grisé 1982 24-25.

⁶ A etimologia de *consciscere* relaciona-se com o verbo *sciscere*, e este com o verbo *scire*, que significa ‘saber’.

⁷ Seria Antístenes, aluno de Sócrates, quem criou este conceito. Ver Van Hoof 1990 141.

acabámos de determinar as pontas de um triângulo equilátero: morte voluntária, morte em consciência, morte racional.

Este breve caminho semântico percorrido faz ressaltar a ausência de nocividade na palavra suicídio, permitindo perceber desde já que as faces do suicídio no Mundo Antigo estariam pintadas de cores distintas das de épocas posteriores.

Durkheim, no século XIX (*Le Suicide* 1897)⁸, define genericamente duas situações conceptuais que conduzem ao suicídio: a insuficiente e deficiente integração no grupo social ou, pelo contrário, a desmedida integração e diminuta individualização. A primeira categoria é subdividida em *suicídio egoísta*, onde pauta a excessiva individualização, e *suicídio anómico*, onde a falta de regulação da sociedade sobre o indivíduo e a não identificação do indivíduo com essa sociedade o leva a um sentimento de alienação e de profunda insatisfação.

Na segunda categoria, encontramos o *suicídio altruísta*, de auto-sacrifício, palco de uma extrema identificação do indivíduo com o grupo, e o *suicídio fatalista*, resultado da elevada regulação da sociedade sobre o indivíduo e consequente castração dos desejos pessoais, como, por exemplo, nos casos de um indivíduo submetido à escravatura ou do casamento forçado de uma mulher-criança.

Nas histórias mitológicas, a matéria sobre a qual estamos a trabalhar, essa definição do suicídio vivenciará um espectro enorme de reinterpretações, que vão do terrífico ao, diríamos, poético-filosófico. Estes mitos nascem também de um tempo muito alargado e somatizam em si características do *ethos* da Grécia e de Roma. No horror, deparámo-nos com vários casos de canibalismo, entre eles o de Cambles, que, sob o efeito de magia, fica possuído por uma fome demencial que o leva a comer tudo, inclusive a sua mulher. No registo poético-filosófico, reencontramos o sábio centauro Quíron, que foi inadvertidamente atingido por uma das setas mortais de Hércules. Não conseguindo suportar a dor física, pedirá a Prometeu que lhe conceda um privilégio único dos homens: a mortalidade. Ele, em troca, dar-lhe-á a sua imortalidade. Neste exemplo é o homem que se transfigura em deus e o deus que fica homem. Estes dois exemplos já mostram que as narrativas mitológicas nos presenteiam com percepções muito diferentes do suicídio. Essas diferenciações, por vezes abissais, por vezes ténues, são matéria de reflexão sobre o Mundo Antigo.

⁸ Apud Garrison 1991 2-4; Hill 2004 4-5.

CAPÍTULO I

ORGANIZAÇÃO DO *CORPVS* E SUA TIPOLOGIA

MODVS OPERANDI PARA A RECOLHA DOS DADOS

Comecemos por explicar a lógica construtiva do *corpus*, não hesitando em utilizar exemplos quando nos parecerem clarificadores da estrutura adoptada. Embora existam inevitáveis referências aos motivos do suicídio, estes serão objecto de análise sistemática e aprofundada posterior. Pretende-se, neste *modus operandi*, apontar o espectro das várias expressões de suicídio consideradas — desde as metamorfoses aos suicídios frustrados por intervenção alheia —, fazer sobressair alguns dos caminhos percorridos na imensa informação encontrada, e anotar inconsistências detectadas nos estudos efectuados e nos dicionários.

Na nossa pesquisa procurámos identificar todas as histórias onde existe suicídio nos mitónimos do *Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine* de Pierre Grimal, no pressuposto de que esse instrumento de trabalho seria praticamente a base única para a organização do *corpus*. Tendo verificado imprecisões, omissões e até erros, concluímos que era necessário recorrer a outros instrumentos. Assim, para além da consulta do *Brill's New Pauly*, impôs-se também pesquisar a *Pauly's Real Encyclopädie*, para esclarecer dúvidas, confirmar ou aprofundar certos aspectos do relato. Sentimos também a necessidade de alargar a consulta de fontes primárias para deslindar algumas versões, nomeadamente aos trágicos gregos, a Pausânias, Virgílio, Ovídio, Higino e Séneca.

O enorme espaço cronológico a que as histórias se reportam, desde tempos minóicos à época romana, sem esquecer uma eventual matriz indo-europeia e os fortes e antigos contactos entre o Oriente e o Ocidente, particularmente por espaços mesopotâmicos e anatólicos, bem como a multiplicação de versões sobre o mesmo mitónimo, ao sabor local ou epocal, ou ao gosto de autores tão originais como os trágicos ou tão criativos como Ovídio, aplicaram a cada história por vezes um elevado número de variantes.

Em consequência, e para encontrarmos os padrões que procurávamos, tivemos que estabelecer critérios. Assim, quando detectámos versões com desfechos suicidas e não suicidas, apenas considerámos as primeiras. No caso de variações de pormenor,

como por exemplo, o meio utilizado para o suicídio, optámos pela solução mais antiga ou mais generalizada. Por vezes, para o mesmo personagem, a narração contém versões distintas, conduzindo ao mesmo fim em causa. Nessas situações, registámos entradas diferentes, numerando cada versão. Em personagens distintos com o mesmo nome, adoptámos solução idêntica.

Incluímos no *corpus* os suicídios frustrados que não se concretizaram por intervenção de agentes exteriores. Veja-se por exemplo Hermíone, mulher de Neoptólemo. Tenta matar a todo o custo a que fora concubina do marido, Andrómaca, assim como o filho desta. Falha o projecto e, frustrada, tenta suicidar-se. Não concretiza apenas porque a ama e a criadagem intervêm. Também no *Orestes* de Eurípides a vontade do herói homónimo é várias vezes reiterada, ele chega mesmo a escolher a arma, mas o acto não acontece devido à intervenção divina.

Por vezes, aqueles que se matam, só materializam o propósito depois de várias tentativas frustradas, sendo este aliás um perfil muito usual nos suicídios reais. Nesta linha, a *Fedra* de Séneca dá-nos conta de uma primeira vontade de suicídio da heroína, dissuadida pela ama, que lhe diz: “*Considero que tu mereces viver por isto, por tu mesma afirmares que mereces morrer*” (vv. 255-7).

Nalguns casos, como o de Mirra 1, identificámos uma primeira tentativa frustrada, que se enquadraria no motivo *pudor*: tentaria matar-se porque se apaixonou por seu pai. Mas, a história desfecha-se num contexto de tédio da vida (*taedium vitae*): Mirra cansa-se da vida errante que leva, fugindo do pai que a quer matar e é, portanto, essa a opção que figura no *corpus* como motivo. Fica assim claro que tanto as tentativas falhadas como as bem sucedidas podem apresentar motivos distintos, decorrentes do contexto e da evolução da história

No caso de Filoctetes, um dos pretendentes de Helena, depositário do arco e das flechas de Hércules e um dos heróis da Guerra de Tróia, não é referido suicídio nem em BNP, nem em Grimal, nem em RE. Além disso, a sua classificação em Van Hoof revela incoerência, se compararmos com a de Orestes. Para este último, Van Hoof discrimina três tentativas goradas. Ao invés, para Filoctetes, que entendemos não elencar no nosso *corpus*, apenas indica uma entrada, quando existem vários ensaios de suicídio relatados na obra homónima de Sófocles¹.

¹ Ver: BNP s.v. Philoctetes 66-67 (não refere suicídio); Grimal s.v. Philoctète 367-369; RE s.v. Philoktetes 2500-2509; em Sófocles, *Filoctetes*, as várias

As metamorfoses configuram também suicídio. O ser que existia dá lugar a um outro. Glauco atira-se ao mar e é transformado em deus marinho. As Heliades choram tanto à morte do irmão que são transformadas em choupos. A ninfa Sálmacis, apaixonada por Hermafrodito, pede aos deuses que não permitam que os seus corpos se separem. Então os deuses unem-nos, formando um novo ser, com natureza dupla. Entendemos ser esta metamorfose “a pedido” também uma expressão de suicídio. Muitas vezes, submetem-se a esta transformação personagens de origem divina ou semi-divina. “Pensá-los mortais” passa a submeter-se ao crivo de “pensá-los metamorfoseados”. Existe aqui uma compatibilização da ideia de suicídio com a ideia de imortalidade, à qual não será estranha a tentativa de racionalização tão intrinsecamente grega. Este padrão de intervenção divina, a metamorfose, na narrativa lendária é tão forte que nos atrevemos a encontrar um eco seu no motivo do *deus ex machina* da produção dramática².

Como exemplo, destacamos Aracne. Num concurso entre esta e Atena, para se averiguar qual a melhor na arte da tecelagem, a deusa destrói o trabalho da rapariga, que se enforca. Todavia, a deusa, não a querendo ver morta, transforma-a em aranha. É como se esta *outra vida*, decorrente de uma metamorfose, fosse a promessa de uma certa tranquilidade.

Já Psâmata, uma Nereide, foge da perseguição de Éaco transformando-se em foca, mas sem sucesso. Ela metamorfoseia-se para fugir, não para sucumbir, e aqui, a transformação, que fazia parte dos atributos das Nereides, assume a face da sobrevivência, não da morte. Por isso Psâmata não foi inserida no *corpus*³.

Ocno também não foi elencado no *corpus*. Ocno é um velho que, cansado da vida, atira ao chão o fardo que carrega e impetra a morte. Quando ela chega, pede-lhe que lhe ponha novamente o fardo sobre as suas costas. Destacamos este exemplo pois é aquele

alusões de Filoctetes a suicídio afiguram-se mais chantagem do que verdadeiro propósito de suicídio: vv.746-749 (num acesso de dor, pede a Neoptólemo que lhe corte um pé, que não lhe poupe a vida); 819-821 (em acesso de dor, pede à terra que o acolha); 1001-1002 (ameaça precipitar-se sobre rocha por ter sido traído); 1081-1162 (no final, a sua preocupação, mesmo despojado do arco, é garantir a subsistência e não se deixar morrer por *inedia*); 1204-1217 (pede que lhe dêem uma espada para se trespassar, já que fica abandonado).

² Ver o caso de *Orestes*, em Eurípidés.

³ BNP s.v. Psamathe 105-106; Grimal s.v. Psamathé 399-400; s.v. Phocos nº 3; RE s.v. Psamathe 1298-1303 nº1; Apolodoro, *Biblioteca*, 3.13.6 (capacidade de se metamorfosear); Ovídio, *Met.* 11.346-406 (refere vingança, não suicídio).

que no final, não quis morrer. Entendemos que o testemunho desta experiência, pela sua antítese, ilumina melhor as múltiplas vivências do suicídio. A este propósito, dirá Esopo num tom anti-estóico, que “*esta fábula mostra que todos os homens estão ligados à existência, mesmo se aí têm uma vida miserável*”⁴.

Nalguns mitos cruzam-se caminhos diversos e coloridos, versões contraditórias que apenas atestam a enorme abundância cultural que transportam. Estes cruzamentos de lendas e registos por vezes folclóricos revelaram-se enriquecedores e exigiram uma procura sistemática nos diferentes dicionários e fontes para desatar os eventuais nós górdios surgidos. Por exemplo, para Adrasto estabelecemos três entradas. As duas primeiras são identificadas com o mesmo personagem, Adrasto, o rei de Argos, mas apresentam a morte do personagem de forma totalmente distinta. No primeiro caso, ele mata-se por desgosto pela morte do filho. Classificámos o motivo como *dolor* e o meio utilizado foi indetectável na pesquisa das fontes e dos dicionários. No segundo caso, o suicídio está associado ao oráculo de Apolo, e Adrasto imola-se por *devotio*, ou seja, sacrifica-se pela comunidade. No terceiro caso, trata-se de um personagem diferente. É Adrasto, filho de Midas, que se degola por *dolor*, dor pela perda do amigo. Vemos portanto que, sob um mitónimo, podem-se ocultar múltiplos fios entrelaçados de histórias, interpretações e contextualizações muito variadas. A confrontação destes casos levou-nos sempre a um exercício de “separação de águas”, de limpeza da nebulosidade das várias lendas, de forma a que o *corpus* se apresentasse claro e preciso nas suas opções.

Também o caso de Ocna ilustra um exercício de escolha. Para o modo de suicídio, Grimal dita o enforcamento, enquanto que Plutarco e RE optam pela precipitação. Neste caso, seguimos a versão que se afigurou mais popularizada, a precipitação.

Na desocultação das histórias detectámos incongruências em Van Hoof. Por exemplo, na lenda de Cila, esta atraiçoa seu pai, cortando-lhe o cabelo, fonte do seu poder⁵. Van Hoof diz que é o seu próprio cabelo que ela corta. Além disso, a referência que põe das *Fábulas* de Higino, a 197.3, não existe. Em Hipónoo, existe referência à fábula 2 de Higino, mas trata-se da fábula 242.

⁴ Esopo, *Fábula 78 “O Velho e a Morte”*; cf. BNP s.v. Ocnus 17; Grimal s.v. Ocnos (não regista este mito); RE s.v. Oknos 2383-2385 (não é este mitónimo, mas existem algumas afinidades); [Van Hoof: não regista].

⁵ O simbolismo do cabelo mágico atravessa as histórias lendárias, como em Sansão.

Confirmou-se que a tradução portuguesa do Grimal contém algumas imprecisões e ambiguidade de critérios. Por exemplo, Atamante conduz, no índice remissivo, a Átamas, mas não tem nenhuma entrada no dicionário, que deveria, naturalmente, existir e também remeter para Átamas. Também existe uma entrada Melete, que não está na versão original e que remete para a entrada Meles. Ora, nessa entrada, a variação que se apresenta em relação a Meles é Melito.

No aparato crítico discrimina-se o motivo (*causa moriendi*), o modo (*modus moriendi*), os temas sugeridos pela lenda que a nosso ver irrompem como os mais significativos, os dicionários consultados, eventuais fontes antigas e os resultados da pesquisa de Van Hoof. Houve sempre a preocupação de confrontarmos os nossos resultados com este autor, pois, tendo em conta a tipologia que procurou definir, foi esse o nosso ponto de partida.

A identificação de temáticas recorrentes nestes mitos é matéria para reflexão sobre contextos históricos e culturais. Por vezes, quando entendemos ser mais clarificador, apontámos pequenos excertos da pesquisa que justificam a opção tomada, sobretudo ao nível dos motivos. Estão também evidenciadas pequenas ou grandes variações na história que atestam os reptos surgidos para apresentar um *corpus* rico e esclarecedor, e que nos obrigou a um constante exercício dialéctico. Nas histórias descritas adoptámos aquilo a que Walter Burkert chamou de “seco resumo”⁶. É muitas vezes da depuração da realidade que emergem padrões históricos e sociológicos relevantes.

⁶ W. Burkert 1981 19.

TIPOLOGIA DO *CORPVS*

1. Motivos para o suicídio – *causae moriendi*

Revelou-se muito desafiador caracterizar, dentro da tipologia do suicídio, os diferentes estados de espírito do indivíduo na altura do acto. Utilizámos como ponto de partida o estudo de Van Hoof. Mas, no âmbito da nossa análise, tivemos a necessidade de criar um paradigma específico.

Quando definimos esta tipologia psicológica, inserimo-la evidentemente dentro do contexto histórico antigo, procurando encontrar termos que façam parte desse caldo cultural passado. Corroboramos portanto Van Hoof quando diz que “é preferível tentar descrever motivações antigas com termos antigos”⁷. Nestas figuras seria impossível desocultar totalmente a realidade interior e ter uma visão de conjunto do edifício de vida específico que levou ao suicídio. Conceptualmente, pareceu-nos que o único caminho viável e frutuoso seria clarificar o motivo principal ou o mais imediato, o catalisador último da acção de auto-destruição. Para tal, não hesitámos em utilizar os casos do *corpus* para argumentar e exemplificar a “personalidade” de cada tipologia, calcorreando as suas áreas de influência e clarificando os limites de cada uma. Muitas vezes, o mais polémico foi distinguir lendas que, a nosso ver, integravam de forma expressiva características de várias tipologias. Procurámos nas fontes informação que nos fizesse definitivamente optar por determinada tipologia em detrimento de outras, no intuito de definir de forma inequívoca as classificações e alicerçando as escolhas efectuadas nos argumentos que nos pareceram mais válidos e estruturados. Estabelecemos comparações com outras situações similares, assinalando padrões comuns. Muitas vezes, as dúvidas levantadas numa história foram sendo esclarecidas com outras histórias, como se de um muro de pedra se tratasse e que encontrasse a sua coesão e solidez na sobreposição e junção de todas as pedras.

⁷ V. Hoof 1990 82.

1.1 *Devotio*

É o suicídio altruísta. O indivíduo sacrifica a vida pela pátria, pela colectividade.

Van Hoof distingue *devotio* de *fides*, a lealdade, que seria uma virtude dos de menor condição, como os escravos e as mulheres, aos olhos do amo, do marido. Neste caso, o suicídio da esposa, mais do que expressão de amor conjugal e dor, seria quase uma obrigação contratual da viúva em relação ao marido defunto. Ora nós excluimos todos estes exemplos de *fides* de Van Hoof, até por não podermos generalizar a ideia de inferioridade da mulher, que tinha, e usava, a capacidade de tomar a iniciativa do divórcio com o suporte da lei; pior nos parece equiparar a sua situação à dos escravos. Consideramos que esta tipologia só traria dúvidas especulativas e, sobretudo, mesmo com todos os dados que obtivemos sobre as histórias, não chegaríamos a conclusão válida e solidamente argumentada sobre como destrinçar, em muitas situações, entre *dolor*, *devotio* e *fides*. Fizemos então um levantamento dos casos que Van Hoof referenciou como *fides* e confrontámo-los com a nossa opção. Existe apenas um, Laodamia, que classificámos como *dolor* e que efectivamente se configura um caso típico desta tipologia, na variante amor conjugal.

Ao invés, o exemplo de Pílates, que quer morrer com Orestes, quando este é condenado, poderia representar um caso exemplar de *fides*, de lealdade. No entanto, pensamos ser mais incisivo classificá-lo como *dolor* e, neste caso, Van Hoof acompanha-nos. Nas situações em que se identificou sentimentos de lealdade e de amizade, expusemo-los nos temas de forma a que não ficassem apenas subentendidos na leitura do mito.

Ancuro e Codro representam ambos a clássica acção de *devotio*. Todas as peças-chave aí se encontram: o sacrifício para salvar a sua cidade, a intervenção de um oráculo que assim o determinou. Em Codro, o sacrifício completa-se mesmo com provocação ao inimigo. Aliás, este *modus operandi*, o desafio, é somente identificado em personagens masculinos e indicia, portanto, um agir mais contido no registo feminino⁸.

Alceste sacrifica-se pelo marido. A acção é de cunho político: o seu gesto ajudará a salvar a pátria pois é ele o rei. Deste modo, afastámo-nos definitivamente da opção *dolor*, variante amor

⁸ Contam-se sete casos de *provocatio*: Antíloco, Codro, Márato, Aquiles, Euquenor, Ídmon e Niso 2. Os três primeiros no enquadramento *devotio*, os três seguintes em *necessitas* e o quinto em *dolor*.

conjugal, posicionando-o na tipologia *devotio*. Nesta óptica segue também Antíloco, com o cunho da provocação.

Entende Van Hoof que “*devotio* is a man’s duty”⁹. O espaço da mulher é por excelência o *oikos* e o sacrifício pela colectividade, um atributo masculino. Nesta matéria, contestamos este resultado, pois o número de casos femininos é muito expressivo também¹⁰. Ora, fazendo o exercício de calcorrear o caminho entre o mundo dos mitos e o mundo real, acendem-se aqui luzes clarificadoras do papel também interventivo da mulher nas sociedades antigas.

1.2 *Taedium vitae*

Taedium vitae é a saciedade da vida ou o simples desgosto de viver. Na perspectiva positiva do tema da saciedade da vida, deparamo-nos com os Hiperbóreos e a ave Fénix. Nesta, morte e renascimento formam um par coeso e indissociável, ciclo contínuo de uma morte que gera nova vida. Nos Hiperbóreos, esta saciedade remete-nos para uma vivência pacífica e mesmo positiva do acto, reproduzindo os costumes dos massilotas. Também aqui se esgrimem argumentos de feição estóica: existe uma legitimação pela razão, como ordem suprema da natureza, a qual não exclui o ir ao encontro da morte após uma longa existência. É enfatizada a liberdade moral de se optar pela morte se se entender que viver já não tem significado. Além disso, existe a valorização desta curiosa perspectiva: o suicídio no degrau máximo da felicidade, prova suprema de grande sabedoria e que não corre o nefasto perigo da Fortuna se reverter. A este propósito, Valério Máximo reporta o testemunho de uma mulher que afirmava constantemente sentir a fortuna favorável e, com medo de experimentar o seu rigor, por estar muito agarrada à vida, se propunha trocar por um fim feliz os poucos dias que lhe restavam¹¹.

Em casos lendários, o pai pretende matar Mirra, mas ela foge. Acaba por se cansar da vida errante que leva e mata-se. Drímaco, o escravo que lidera a revolta dos da sua condição, também se cansa de uma vida de fuga e põe-lhe termo.

⁹ Van Hoof 1990 127.

¹⁰ Contam-se nove casos de *devotio* feminina e treze de *devotio* masculina. Para uma visualização clara dos motivos por género, ver gráfico II. O total das entradas foi de duzentas e trinta e uma. Neste e nos outros gráficos onde discriminámos por género, não considerámos os Eginetas e os Hiperbóreos (pois são povos), assim como o cão Mera, aparecendo desta forma no título do gráfico n=228.

¹¹ V. Max. 2.6.8

Assim, o *taedium vitae* assume duas vertentes: um fim por saciedade feliz da existência; ou, ao invés, um fim por desgostosa cansaça da mesma. Estes dois argumentos são, aliás, legitimados numa abordagem estoica à temática. Liberdade moral de se optar pela morte se se entender que viver já não tem significado, e sabedoria do suicídio no degrau máximo da felicidade, de forma a não correr o perigo de a Fortuna se reverter. A este propósito, diz-nos Plutarco que quando um homem está na posse de todos os seus bens, quando nada do que é necessário à alegria e à felicidade lhe falta, é conveniente para esse homem deixar a vida¹².

1.3 *Dolor*

Muito embora a palavra latina *dolor* possa também especificar sofrimento físico, no nosso paradigma reservámos esta situação para *impatientia doloris*, remetendo o sofrimento psíquico para a categoria *dolor*. É evidente que este termo é muito genérico e que, sob o manto das outras categorias, também encontramos o rasto da dor. Por isso, ao classificarmos um motivo como *dolor*, tivemos muitas vezes a necessidade de clarificar melhor o seu tipo. É a dor causada pela perda do marido, da mulher, do amante, de um filho, de um familiar, de um amigo ou mesmo de um animal e que até nos remete para sentimentos como a amizade, ou mesmo para relacionamentos como o homo-erotismo. Este sentimento configura-se também no amor não correspondido, ou desamor, como lhe chamámos. Esta situação está, aliás, muito bem definida em Pausânias, quando este diz que Selemno morre de amor ao ser abandonado pela ninfa Árgira¹³. Os exemplos abundam em todos os cambiantes possíveis e é por essa razão — por encerrar em si um sentimento tão genérico e abrangente quanto o é a própria dor —, que este motivo revela ser o mais frequente¹⁴.

Vejam os alguns casos. Hilónome não quer sobreviver ao seu marido e mata-se com a mesma flecha que o havia trespassado. A pertença da arma acentua ainda mais o simbolismo do acto e estabelece, numa primeira abordagem, uma ligação com a *fides*, no sentido da lealdade conjugal. No entanto, tal como em *devotio*, onde se afigurou pertinente discutir a eventual inserção de *fides*, que, como demonstrámos, mostrou ser desajustada, em

¹² Plutarco, *As Noções Comuns*, 11 apud Grisé 1982 184.

¹³ Neste e em casos semelhantes, para evitar repetições, deve procurar-se a referência na entrada respectiva no *corpus*.

¹⁴ Ver gráfico I.

dolor reforçamos esse entendimento. A reflexão sobre o caso de Hilónome enfatiza dois argumentos: com os elementos em causa, seria maioritariamente difícil, senão mesmo impossível, determinar a ténue fronteira que separa o sentimento *dolor*, derivado do amor, do sentimento de *fides*, corolário da lealdade à palavra dada no contrato nupcial. Além de não constar desse contrato a obrigação de suicídio em caso de morte de cônjuge — e até se diria que a ideologia grega e romana tende, por exemplo com o estoicismo e com razões sociais, a desdramatizar a dor pela perda do cônjuge —, não faria sentido não estender esse motivo a amantes, noivos, relações homossexuais. Ou seja, adicionar esta cor aos motivos traria, ao invés de clarificação, especulações inférteis.

Dolor é mais preponderante nas mulheres do que nos homens¹⁵. Como este é um motivo muito abrangente, afigurou-se-nos essencial destrinchá-lo nas suas variantes. Os resultados deste tratamento mostraram-se surpreendentes na abundância de informação¹⁶.

Ressalta primeiro que, em termos globais, os motivos “mais fortes” para o suicídio por *dolor* são o amor conjugal e o amor maternal/paternal, não havendo nenhum caso de homo-erotismo feminino. Posto isto, observa-se que as mulheres, matando-se significativamente mais que os homens por *dolor*, como foi atrás referido, fazem-no sobretudo por desamor (o amor não correspondido), onde aliás existe a discrepância mais acentuada entre os géneros, e por amor conjugal. Paralelamente, o amor maternal é “mais forte” que o paternal, embora este também não deixe de ser expressivo.

Todos estes resultados, pequenos mosaicos de um puzzle complexo e muito colorido, mostram indubitavelmente atitudes e móveis diferentes no que concerne os personagens femininos *versus* masculinos. A discussão sobre estas diferenças leva-nos longe em contextos psicológicos e culturais.

1.4 *Desperata salus*

Na proposta de Van Hoof¹⁷, a *desperata salus* é a reacção súbita de dor perante a morte de um ente querido. Não existe o tempo do luto, esse é remetido para *dolor*. Não partilhamos deste entendimento do termo, pois esta lógica é muito difícil de definir com a matéria-prima de que dispomos. É mais claro

¹⁵ Ver gráfico II.

¹⁶ Ver gráfico III.

¹⁷ Van Hoof 1990 100.

caracterizar essas situações como *dolor* e reservar a *desperata salus* para o desespero agudo, induzido por não existir alternativa possível a uma situação. Por exemplo, os casos de virgens assediadas que, tentando fugir, não o conseguem e acabam por se matar para não ceder. Astéria foge de Zeus, que se enamorou dela, metamorfoseando-se em codorniz para lhe escapar, mas, sem o conseguir, acaba por se atirar ao mar¹⁸. Evidenciando as razões que desencadeiam esta tipologia, emerge uma diferença impressionante entre os géneros¹⁹

Em contexto de *desperata salus*, nenhuma saída existe. Os Eginetas vêem-se sujeitos a uma peste terrível e muitos se enforcam. As duas irmãs, Molpadia e Parténope, não guardam bem o vinho que seu pai lhes havia confiado e, com medo do castigo, precipitam-se ao mar. O mal, que de forma iminente vai desaguar sobre os indefesos, também pode assumir-se como injúria grave. No caso de Hécuba, a cativa atira-se borda fora do barco, para não servir Ulisses. No entanto, aqui utilizámos a tipologia *pudor*, pois ela recusava-se a ficar sob o jugo do herói, Ulisses. Se fosse outro que não o herói de Ítaca, talvez não tivesse tomado a atitude de se matar, como parece deduzir-se de Séneca, *Troianas*, 989-990: “*É do senhor que tenho vergonha, não da escravidão*”.

1.5 *Pudor*

Em *pudor* existe o sentimento de destruição da própria imagem, o medo de perder a face, a vergonha. Esta consciencialização é muito forte na Antiguidade. Veja-se o caso emblemático de Ajax. Na primeira versão da história, em Ajax 1, o herói suicida-se depois de lhe ter sido recusado o Paládio e gorado o seu desejo de ver punida Helena com a pena de morte. Ajax consubstancia a imagem do guerreiro, da moralidade tradicional, como a de Aquiles ao entrar na guerra para vingar o amigo Pátroclo, mas vem a sofrer a humilhação extrema. Com efeito, as armas de Aquiles seriam destinadas ao mais ousado dos gregos, aquele que mais terror teria inspirado nos troianos. Quando interrogados os prisioneiros troianos sobre o facto, estes deliberam que foi Ulisses o mais destemido, e não Ajax. E, nessa mesma noite, Ajax enlouquece, tendo o fim que se lhe conhece. Neste “*pudor* ajaxiano”

¹⁸ Neste caso, a metamorfose não é suicídio, mas sim tentativa de sobrevivência e de fuga. O suicídio acontece posteriormente com a precipitação ao mar.

¹⁹ Ver gráficos IV e V.

urde-se a humilhação, a perda de auto-estima, o desmoronar catastrófico de uma identificação com a sua própria imagem. Garrison²⁰ vai mais longe ao afirmar que o suicídio de Ájax pode ser interpretado como uma tentativa de manter as especificidades da sociedade heróica, também evidenciando o que acontece ao indivíduo quando estas características estão em modificação e ele não as aceita. Com o seu gesto, Ájax nega os valores emergentes e mostra a sua desadaptação à sociedade. Nesta argumentação, o Paládio é atribuído a Ulisses devido à sua eloquência, mostrando que os seus pares aceitam uma nova sociedade, na qual a retórica é percebida como sendo mais digna de prémio que o poder militar, uma sociedade onde a *arete* marcial não tem a primazia sobre o resto. Este raciocínio é equívoco, a nosso ver, pois Ulisses também faz prova de grande intervenção bélica. No entanto, tal interpretação também conflui no sentido primordial do termo *pudor*: ele é o marco distintivo da dicotomia vergonha/honra, tão cara ao pensamento grego. Ao matar-se, Ájax reencontra o seu *ethos* de guerreiro, reconstrói a sua imagem, reconcilia-se com os deuses e a sociedade, é resgatado da cobardia e da humilhação.

Este desagregar da imagem, que é o cunho de *pudor*, manifesta-se em diversos contextos. Identificámos a perda de influência política, motivo eminentemente masculino, recolhido no exemplo de Ágrío, deposto e expulso do poder; ou então, em Briseu, que assiste à destruição do reino. Identificamo-la na frustração de ver gorada uma vontade sua, como em Ânio ou Eveno; ou quando existe destruição daquilo que seria mais valorizável na personalidade do indivíduo. Esta situação remete-nos para o adivinho Calcas, que é quem sugere a construção do cavalo de Tróia e é ultrapassado numa competição por Mopso.

No exemplo de Nicteu, identificámos *pudor* em dois aspectos: na vergonha que sente pela filha e na impotência em conseguir castigá-la. É interessante atermo-nos à expressão que Apolodoro emprega a este propósito: “*Sentindo-se desencorajado, matou-se*”.²¹ Ou seja, Nicteu, deprimido, mata-se. Este desânimo, este abatimento urde-se nas teias do *pudor*, catalisador de sentimentos de baixa auto-estima e de fragmentação da própria imagem. Isto também é muito claro na motivação de Aracne para o suicídio: Atena desmereceu o seu trabalho, motivo de orgulho, destruindo-o.

²⁰ Garrison 1991 1-34.

²¹ Apolodoro, *Biblioteca*, 3.5.5.

Em Cárila, escorrem do *pudor* as lágrimas da impotência. A lenda também realça a imagem da mulher interventiva, actuante na sociedade, e é coerente com a realidade já expressa anteriormente da importância do motivo da *devotio* feminina²².

Também Lucrecia, sublimação da *pudicitia*, tem um papel interventivo na sociedade. A sua atitude terá consequências políticas profundas, desencadeando a queda da monarquia, em Roma, e o nascimento da república. Ela interpreta, a um tempo, a castidade feminina, a vivência da família, o espaço do recolhimento, todos eles pedras basilares do bem-estar social, e a outro, o símbolo, o motor catalisador da grande convulsão política e social. Na congregação destes dois factores, a sua importância é tal, que se fixa como arquétipo na Roma Antiga.

Analisando o que levou à classificação em *pudor*, tal como fizemos para *dolor*, evidenciam-se dois aspectos muito interessantes. O primeiro é o de que este sentimento é maioritariamente derivado de sevícias e assédios sexuais, assim como da vergonha por actos cometidos de forma consciente ou inconsciente em ligações tabu. Desta forma, reencontramos *pudor*, no registo masculino, em Cíniras¹ e Ganges, reis que violam as filhas sem o saber. O delito foi cometido de forma inconsciente, mas isso não apaga a mancha criada. O segundo aspecto é, a nosso ver, bastante inesperado. À luz de uma moral sexual desde sempre mais repressiva para as mulheres, assim como da sua posição mais frágil nas sociedades: esta causa é mais expressiva nos homens do que nas mulheres²³.

1.6 *Conscientia*

Em *conscientia* explicitam-se os remorsos e o arrependimento por um acto cometido. Uma das dificuldades que sentimos muitas vezes foi averiguar da justeza da atribuição de *conscientia* ou *pudor*. Por exemplo, Eufrates mata o filho pensando tratar-se de um estrangeiro com o qual a sua mulher estaria a praticar adultério. Legalmente, Eufrates teria toda a legitimidade em matar o adúltero (*moichos*), a sua acção não foi delituosa. Fazendo apelo às leis de Sólon, através de Plutarco: “*Concedeu ... que matasse um adúltero a quem o apanhasse (em flagrante)*”. Portanto, alicerçados também pelo concreto da realidade, quando se dá o reconhecimento dos protagonistas, considerámos como a opção mais válida a tipologia *dolor*, dor pela morte do filho,

²² Vide nota 10 (p. 24) do presente estudo.

²³ Contam-se 9% de casos masculinos e 7% de casos femininos.

em detrimento de *conscientia*. Eufrates não teria nada de que se culpabilizar, e em prejuízo também de *pudor*, ele não teria nada de que se envergonhar. Invocámos este exemplo de *dolor* por fazer emergir de forma clara a dicotomia entre *conscientia* e *pudor*. Este raciocínio aplica-se igualmente à situação idêntica de Altémenes, que mata o pai sem o reconhecer. Mais uma vez, reportando-nos às leis de Sólon, na voz de Demóstenes, reencontramos o mesmo filão desculpabilizante desta acção²⁴:

Se alguém comete um homicídio sem intenção durante os jogos ou abate [um atacante] na estrada ou na guerra, por engano, ou [ao apanhar um adúltero em flagrante] com a esposa ou com a mãe ou com a irmã ou com a filha ou com a concubina, que tomara para ter filhos livres, em casos destes o homicida não será exilado.

Nestes dois casos, de Eufrates e de Altémenes, as leis de Sólon permitiram-nos consolidar os argumentos para não os classificar em *conscientia* ou mesmo *pudor*. Ou seja, à luz do direito ático, este tipo de homicida estaria inocentado das acções cometidas. Em consequência, valorizámos *dolor* como motivo do suicídio.

Classificámos Dejanira em *conscientia*, pois é ela quem aplica o filtro na veste de Hércules. E, muito embora pense tratar-se de um filtro de amor, a magia está sempre ligada a algo nocivo, que vai contra a natureza, e disso ela teria a noção.

Fazendo fé no BNP, “*Fedra suicida-se quando o seu amor por Hipólito se torna público*”. Na observância deste apontamento, remeteríamos para *pudor* este acto, seria a vergonha do sentimento tornado público. Mas na *Fedra* de Séneca é patente o motivo por *conscientia*. Diz a heroína (vv. 1188-1200):

Ó morte, único alívio do amor perverso, (...) Contei coisas falsas e, ao mentir, culpei-o da atrocidade que eu própria, tresloucada, concebera no meu coração insano. Puniste-o em vão, pai (...)

É um verdadeiro acto de contrição, aquele que se estende sob o nosso olhar, onde a *conscientia* encontra palco.

Na lenda de Hermíone, esta também sabe que cometeu um delito objectivo, tem consciência de que o fez, tentou matar a concubina do marido e o seu filho.

É inevitável associar-se a *conscientia* à cultura da culpa, do

²⁴ Demóstenes, 23.43 apud D. Leão 2001 349.

pecado interior, e o *pudor* à cultura da vergonha, da destruição da imagem perante o exterior, perante a colectividade²⁵. Aqui, existe uma culpa objectiva e concreta que se distingue da culpa subjectiva de *pudor*²⁶ e, nesse exercício, vimos que o repto maior, lançado sobre esta tipologia, foi a distinção entre *conscientia* e *pudor*.

1.7 *Furor*

A loucura cognomina-se de *mania* para os gregos e de *amentia*, *dementia*, *furor*, *insania*, para os romanos. Em *furor* congregámos o delírio, a insanidade, a paixão irracional²⁷. Em muitos exemplos, esse *furor* é transmitido pelos deuses como punição. Veja-se o caso de Átis, que prometera a Cíbele manter a virgindade mas que se apaixona por uma ninfa. Cíbele provoca-lhe então a loucura e Átis castra-se. Noutra lenda, Corónis, a ama de Dioniso, é entregue a Butes. O deus enlouquece-o e ele atira-se a um poço²⁸.

É sabido que os deuses castigam a desmedida. Erisícton incorreu em *hybris* e será punitivamente transformado em pantófago, até acabar por se devorar a ele próprio, num acto de loucura e auto-destruição.

O *furor* também pode provir do pavor. Seres híbridos, como as Erínias, induzem comportamentos psicóticos. Identificámos Helena, tão atormentada por elas que acaba por se matar. No mito das filhas de Cécrops, estas, ao verem provavelmente um bebé com cauda de serpente, também enlouquecem.

Identifica-se igualmente *furor* nos estados compulsivos, maníacos e no *pathos*, a paixão excessiva, como em Leucocomante, que protagoniza o ciúme anormal. O narcisismo também se define e alimenta-se a si próprio de um estado maníaco e compulsivo. Reencontramos igualmente este patamar no sadomasoquismo da

²⁵ Vide E. Dodds 1988 26, 36-37 e 56-61. Este autor atribui a cultura da vergonha (“shame culture”) à época homérica e a cultura da culpa (“guilt culture”) à cultura arcaica; J. T. Hooker 1987 121-125.

²⁶ A nosso ver, esta distinção não explica porque é que, enquanto que o *pudor* masculino ultrapassa um pouco o *pudor* feminino, nas situações de *conscientia* os casos femininos são em número muito superior aos masculinos (gráfico II).

²⁷ Na elaboração das tipologias do *corpus*, temos feito algumas observações que se reportam directamente ao estoicismo, pois a sua presença ajuda a definir algumas categorias. Mas, em *furor*, não poderíamos estar mais longe dos actos pautados por uma específica racionalidade.

²⁸ Aliás, bastará pensar-se nas *Bacantes* de Eurípides para que Dioniso apareça como indutor por excelência do *furor*.

dupla Meles 1 / Timágoras 1. O amante masoquista e o amado sádico configuram ambos o critério de loucura²⁹.

Ájax 2 massacra os rebanhos gregos, pensando tratar-se do exército inimigo. Quando cai em si, suicida-se. Recorremos a este exemplo pois os momentos de lucidez não obliteram a tipificação em *furor*, antes fazem também parte do processo de distúrbio mental. Por essa mesma razão, em Alcínoe 1, classificamos de *furor* e não de *conscientia*, contradizendo Van Hoof. Enlouquecida por Atena, a personagem abandona a família para seguir um estrangeiro. Quando se apercebe do que fez, atira-se ao mar. Nitidamente, o *furor* antecede, neste caso, a lucidez e, portanto, integra-se totalmente no contexto da demência.

1.8 *Impatientia doloris*

Impatientia doloris somatiza a dor física. A túnica de Hércules dilacera-lhe a pele. Dejanira, sua mulher, havia-lhe aplicado uma poção fatal, pensando trata-se de um filtro de amor. O sofrimento revela-se intolerável para o herói, que assim se lança na morte. Quíron, já aqui referido, também não aguenta a dor dilacerante da seta envenenada de Herácles. Estes dois exemplos são eloquentes desta tipologia e, além disso, o estoicismo identifica-se neste motivo especificamente físico. Séneca, na sua juventude, sofre de tuberculose. Escreverá ao amigo fictício Lucílio:

Mas por fim fui-me abaixo, e cheguei ao ponto de ficar quase tuberculoso e reduzido a uma extrema magreza. Muitas vezes senti vontade de pôr termo à vida. O que me reteve foi a idade avançada do meu querido pai³⁰.

Para o estóico romano, viver em serenidade e sabedoria será sem dúvida tarefa impossível. No comentário que faz ao *Fédon*, Olimpiodoro dirá que se legitima o suicídio quando o corpo está sujeito a doenças incuráveis que o impedem de servir de instrumento à alma³¹.

²⁹ Ao par Meles 1 / Timágoras 1, adiciona - se o par Meles 2 / Timágoras 2. Os papéis são invertidos e as narrativas sofrem pouca diferença. No entanto, nestes quatro personagens, Meles 2 é o único que não é tipificado com *furor*, mas sim com *desperata salus*. Da interpretação do relato, decorre este entendimento.

³⁰ *Cartas a Lucílio*, 70.16 (trad. de J. A. Segurado e Campos, *Lúcio Aneu Séneca, Cartas a Lucílio*. Lisboa, 1991).

³¹ *Olymp.*, in *Phed.* 5.22, apud Grisé 182.

1.9 *Necessitas*

Necessitas é o suicídio por ordem de outrem. Em Roma, os suicídios a mando de alguém, por exemplo, do imperador, não eram assumidos na lei. Os historiadores usaram algumas expressões eufemísticas para estes suicídios forçados, e uma delas foi *necessitas* (necessidade). Neste caso, não se tratava de uma morte decorrente de uma opção voluntária inicial, mas sim de uma acção imposta por circunstância exterior com poder coercivo. O meio, esse sim, é que poderia ser, eventualmente, de escolha livre.

Necessitas tem, no entanto, duas diferenciações. A *necessitas* explícita é a ordem inequívoca dada para alguém se matar. Por exemplo, Cânace tem um filho do seu irmão e o pai ordena-lhe que se mate, sublinhando a ordem com o envio de espada. Orestes é também condenado à morte, muito embora possa escolher o meio, tal como Éson, subjogado à vontade do seu meio-irmão Pélias.

A outra distinção de *necessitas* é mais subjectiva: é a *necessitas* implícita. Elencámos neste domínio mais subjectivo as situações em que existe conhecimento de um oráculo que anuncia a morte se o personagem optar por determinada alternativa que o leve a esse fim. Por exemplo, Aquiles decide regressar ao combate depois da morte de Pátroclo. Já havia existência de um oráculo a predizer a sua morte em Tróia e, além disso, o seu cavalo Xanto, assim como Heitor e Tétis, dizem-lhe que o seu fim está próximo. Existe em Aquiles uma aceitação e procura do caminho que o conduzirá à morte, anunciada à partida. Nesta contextualização, entendemos pois ser o motivo *necessitas*. O mesmo se passa com o adivinho Ídmon, que embarca na expedição dos Argonautas, mesmo sabendo que morrerá.

Em *necessitas*, o protagonista também pode apenas antecipar-se a uma condenação já existente. Por exemplo, Antígona é encerrada viva, mas antecipa-se ao desfecho certo e enforca-se³². Noutro caso, Indo violou a filha do rei e, para evitar o castigo, que seria a morte, eventualmente o exílio, a escravatura, ou a prisão e tortura, antecipa-se a ela, atirando-se ao rio. Também Euquenor opta por partir para a guerra, sabendo que tanto ir como ficar em casa conduzirão irremediavelmente as duas ao mesmo destino. O

³² É evidente que também podemos identificar nesta sua atitude a desobediência e independência em relação a Creonte, ao mesmo tempo que afirma a sua negação e isolamento, tal como Ajax, da sociedade.

personagem apenas faz a escolha entre os dois caminhos com fim fatal. Neste contexto, poderíamos especular que opta por aquele que mais glória, que mais *iactatio* lhe trará.

Desvenda-se pois *necessitas* no comando explícito, na antecipação a uma condenação, na obediência a um oráculo que prediz a morte. Observámos também que o peso de *necessitas* é superior nos homens³³. A interrogação paira sobre se esta tipologia não remete, de forma natural, para uma maior intervenção, um maior protagonismo na sociedade e, por isso, a uma maior identificação com personagens masculinos. Tal facto entra em contradição com outros já apontados, como a expressividade da *devotio* feminina e a importância de crimes sexuais masculinos no *pudor*. Mas os fios condutores que tecem a História urdem-se sempre em muitas realidades por vezes contraditórias entre si.

1.10 *Exsecratio*

Exsecratio é o suicídio por vingança, por desejo de trazer uma praga a um país ou a um indivíduo. Está associada a poderes mágicos e é, por vezes, a arma dos fracos. Veja-se Escédaso, que, sendo as filhas violadas por dois lacedemónios, mata-se, invocando as Erínias e lançando maldições sobre Esparta. No exemplo de Amínias, quando se mata frente à casa do amado Narciso, fá-lo lançando também imprecações contra este. Aqui, salienta-se uma identificação muito forte entre o suicida e aquele que ele odeia / ama, querendo desencadear neste sentimentos de culpabilidade.

É evidente que por detrás da *exsecratio* se podem resguardar causas diversas. Por exemplo, é o desamor de Narciso que catalisa as acções de Amínias, tal como em Fílis, que esperou em vão pelo seu amado. Melisso quer causar a revolta dos Coríntios para que estes o vinguem de Árquias, que havia provocado a morte de seu filho. O seu suicídio está também ligado à *iactatio*, a jactância. É uma morte encenada, em que o momento e o local escolhidos – na altura dos jogos Ístmicos e no templo de Posídon – permitem

³³ Contam-se sete casos de *necessitas* masculinos e dois femininos (ver gráfico II). É de realçar que a *necessitas* explícita conta com seis personagens e a *necessitas* implícita com quatro. Esta última é constituída por quatro personagens masculinos, Aquiles, Euquenor, Ídmon e Indo, e apenas um feminino, Antígona 1. Aos três primeiros personagens masculinos congregados em *necessitas* implícita, é-lhes associada a *provocatio*. Vide nota 8 (p. 25) do presente estudo.

ter uma teatralização com vista a causar mais impacto.

Quando se descobre que Evópis ama o irmão, estando casada com o tio, ela enforca-se. Neste personagem, tal como em Escédaso, também se perfila o *pudor*.

Vemos que nesta tipologia entrecruzam-se muito claramente algumas das outras tipologias, sendo a mais significativa *dolor*, o que é coerente com o facto de ser a classificação mais importante de todas.

1.11 *Iactatio*

Nos últimos tempos da República e durante a dinastia Júlio-Cláudia, a elite romana cultiva o suicídio de uma forma exacerbadamente teatral e pública. É a *Romana mors*, um mito moderno nascido dessas mortes dramáticas³⁴.

Enquanto que, dos nossos dias, visionamos o acto como patológico e eminentemente privado, nas fontes romanas identificamos racionalidade (por exemplo, na perspectiva estóica). A *iactatio* contempla uma exibição da morte vivenciada de forma filosófica. É como se a comunhão com outros, desses derradeiros momentos, pudesse, de alguma forma, enriquecer e fazer reflectir quem assiste. A este propósito, invoque-se a célebre morte de Petrónio, que, tendo caído em desgraça perante Nero, é obrigado a suicidar-se numa típica acção de *necessitas*. Mas, a descrição que dela faz Tácito³⁵, toca-nos profundamente pela independência moral, desprendimento da vida e partilha da experiência, pois até num banquete participa, mesmo após ter cortado as veias, voltado a fechá-las e a reabri-las novamente.

Enquadramos também o suicídio político de Séneca em *necessitas*. Mas quando os amigos choram a sua morte iminente, ele pergunta-lhes para onde tinham ido os preceitos de filosofia que lhes ensinavam a enfrentar a adversidade³⁶, o que nos remete para uma serenidade estóica à qual não é alheia a *iactatio*.

No corpus, identificámos *iactatio* em Cidipe e em Glauco. Neste, muito embora exista a marca do *furor*, considerámos que, tendo-se tornado o suicídio público, o factor ostentação prevalece. Em Cidipe, numa leitura superficial da narrativa, poder-se-ia correr o risco de interpretar a sua morte como *dolor* pela perda

³⁴ T. Hill 2004 1.

³⁵ Tácito, *Anais*, 16.18-20.2, apud D. Leão (2005), *Petrônio: Satyricon*. Lisboa, Cotovia, “Introdução”, p. 20.

³⁶ Tácito, *Anais*, 15.62, citado por Griffin 1986 65.

dos filhos. Mas Cidipe indaga junto de Hera o que é melhor para os filhos e eles adormecem no templo, não mais voltando à vida. E é Higino quem afirma que Cidipe, tendo procurado saber o que é melhor para os mortais, se mata. Reconhecemos nesta atitude a ostentação filosófica, de aceitação da morte e de procura da felicidade.

No caso de Melisso, prevaleceu a opção *excecratio*, no entanto a *iactatio* é referida nos temas. Entendemos, em Licurgo 1, ao contrário de Van Hoof, que caracteriza o motivo em *iactatio*, qualificá-lo de *devotio*, pois o seu não retorno a Atenas, decorrente do seu suicídio, assegurará a manutenção da constituição correcta na cidade. Em Timágoras 1, também não partilhamos da opção *iactatio* de Van Hoof. Classificámos em *furor*, salientando o *servitium amoris* como temática emergente.

Iactatio apresenta-se como uma tipologia refinada, no sentido em que pressupõe uma certa serenidade filosófica. Desta forma, distancia-se de tipologias onde os sentimentos humanos se expõem de forma mais violenta e exarcebada, tal com em *dolor* ou *desperata salus*. Neste argumento, pode-se encontrar a justificação para ser a mais rara classificação.

2. Modos para o suicídio - *modi moriendi*

Na exposição dos *modi moriendi*, apresentamos uma estrutura distinta da utilizada nos motivos. Optámos por não os separar, tal como havíamos feito nos motivos, antes desvendando a temática como um todo. Na nossa perspectiva, organizar desta forma a tipologia dos meios utilizados, afigurou-se-nos ser uma forma mais natural, mais coesa e mais viva, mas não menos clarificadora e assertiva. Tal facto deve-se ao seguinte: a construção da tipologia *causae moriendi* conduziu-nos a dois níveis de abstracção. O primeiro concentrou-se na conceptualização das diferentes classificações em causa; o segundo, na sua aplicação, alicerçada num raciocínio dedutivo, aos personagens míticos analisados. Ora, no caso dos modos utilizados para o suicídio, a informação colhe-se de uma forma mais directa nas fontes. Nos casos mais difíceis, advém por comparação ou dedução de mitos em contextos similares, conforme exemplificaremos mais à frente. No entanto, estamos perante um nível de abstracção menos complexo ao nível das tipologias, sobretudo da sua génese.

Enunciamos os modos encontrados para a concretização

do suicídio segundo a ordem pela qual serão referidos: **inédia, imolação, envenenamento, enforcamento, precipitação, afogamento** e recurso a **arma**.

De entre estes meios utilizados, existe um que prima pela singularidade: a **inédia** ou seja, a abstinência alimentar. Um meio peculiar, o único que se prolonga no tempo e que leva paulatinamente o personagem a um extremo esquecimento de si próprio e a uma focalização intensa e desmesurada no objecto da sua preocupação. Por exemplo, Cálamo definha com a perda do amado, até se transformar numa cana. Eco, rejeitada por Narciso 1, também enfraquece e fica reduzida a uma voz plangente. Nestes dois casos, identificamos também um padrão recorrente na inédia, a metamorfose e o definhamento consequente. É como se este distanciamento convicto do corpo conduzisse inexoravelmente a uma transformação dessa própria matéria, que renasceria noutra ser.

Em Narciso 1, este meio assume mesmo uma tonalidade única: Narciso definha porque se apaixona por si próprio e fica preso à visão da sua imagem, esquecido de tudo. Não é a dor que acompanha a inédia, mas sim a alheação, quase diríamos, a alienação e, neste sentido, a demência, o *furor*.

Erisícton protagoniza o único caso de auto-consumição. A loucura leva-o a ser pantófago, até que o término é devorar-se. O seu olhar é pesadamente e desequilibradamente carnal para dentro de si próprio e ditará um desaparecimento do corpo. Considerámos pois a sua tipologia pertença da inédia. A este propósito, veja-se o depoimento do vigésimo mineiro, Richard Godoy Villaroel, que saiu da mina de São José no Chile, após mais de dois meses de enclausuramento, juntamente com trinta e dois companheiros, a setecentos metros de profundidade. O seu testemunho encerra, de forma muito eloquente, uma clara definição da inédia: “*Estávamos à espera da morte. O nosso corpo consumia-se a si próprio – estávamos tão magros*”³⁷.

Neste vivenciar a *inédia*, o corpo não definha de forma contínua, como acontece em Eco, pelo contrário, o seu desaparecimento faz-se aos solavancos, ao ritmo das dentadas, e portanto de forma descontínua³⁸. E, nesta morte, podemos também surpreender o

³⁷ *Diário de Notícias*, versão electrónica de 15 de Outubro de 2010.

³⁸ Esta descontinuidade pode ser comparada à Física Quântica. Nesta teoria, observa-se que algumas quantidades físicas, como por exemplo a energia de um electrão que gravite à volta do núcleo de um átomo, só pode ser modificada através de quantidades discretas de energia, os *quanta*, múltiplos

pecado da gula e certamente a reprovação de algum olhar estóico espreitando, e que sabe que os vícios, por natureza, se agravam e levam à auto-destruição.

As mulheres que se matam por **imolação**, lançando-se para a pira do marido³⁹, reflectem a influência da base indo-europeia nas lendas. Os deuses castigam a *hybris* de Capaneu e a sua mulher, Evadne, lança-se à pira. Exorbita-se o amor e a fidelidade conjugal. Além do mais, revela-se também o domínio do fogo e, por conseguinte, o domínio da metalurgia, que remonta ao segundo milénio, pequenos indícios que apontam a imensa amplitude temporal destes mitos.

Noutro registo, a imolação de Fénix diferencia-se das outras pelo seu carácter de continuidade, de imortalidade e até de felicidade, no seu perpétuo renascimento.

O suicídio por **envenenamento** é o método mais raro, conta-se apenas um caso, Éson, que bebe sangue de touro. Esta via intervém também de forma indirecta na morte de Hércules, pois a sua dor física extrema decorre da túnica envenenada que Dejanira lhe havia dado. A escassez dos resultados anula sequer a averiguação de uma possível tendência mais feminina ou mais masculina do método. No entanto, ele apresentou-se-nos mais helénico do que romano na sua identidade. Em Atenas existiam execuções por envenenamento (*vide* Sócrates), e esta percepção foi corroborada no estudo de Van Hoof para personagens reais⁴⁰.

É inequívoco que este modo dependeria de uma medicina mais ou menos sofisticada. Grisé invoca Séneca para afirmar que os romanos conheciam a injeção subcutânea⁴¹. Desabafa o filósofo nas suas epístolas: “Não preciso rasgar todo o peito numa imensa ferida: um bisturi chega para abrir o caminho à suprema liberdade, um ponto diminuto do nosso corpo basta para nos garantir a segurança”⁴².

No modo **enforcamento** salienta-se a maior diferença entre

de uma constante física da natureza, a constante de Planck, não podendo essa quantidade ser modificada de forma contínua.

³⁹ Encontrámos também um caso masculino idêntico a esta situação, Cianipo 2.

⁴⁰ Van Hoof 1990 60.

⁴¹ Grisé 1982 111.

⁴² *Cartas a Lucílio*, 70.16 (trad. de J. A. Segurado e Campos, *Lúcio Aneu Séneca, Cartas a Lucílio*. Lisboa, 1991).

os géneros⁴³. Grisé diz-nos que este suicídio “*parece ter sido uma das formas tradicionais de suicídio nas classes inferiores da sociedade romana*”⁴⁴. Este apontamento abre janela a uma reflexão mais abrangente: na esfera mítica, os suicídios são específicos das classes elevadas.

Ao especificar **precipitação**⁴⁵, o nosso critério foi a queda sobre superfície sólida. No caso de queda sobre a água, mar ou rio, para a distinguir da precipitação, classificámos como afogamento.

Um caso emblemático de precipitação é o de Níobe. Depois de seu pai lhe matar os filhos, atira-se do alto da falésia e a lenda diz-nos que é transformada em pedra. É clarividente a imagem de desmembramento do corpo sobre a rocha, a que corresponde a ideia de se tornar pedra. Se recordarmos o destino por excelência de criminosos e traidores em Roma, a Rocha Trapeia, podemos considerar a precipitação como um dos meios mais violentos e desonrosos.

O **afogamento** é o modo mais numeroso⁴⁶. Nesta quantidade tão elevada reconhecemos a importância da geografia grega, assim como a de todo o Mediterrâneo na formação identitária dos mitos. Ilhas e sobretudo o mar e os rios são palcos constantes dos relatos. Desta forma, a água sobressai como um elemento muito presente e, de forma espontânea, é um catalisador por excelência do suicídio mítico. Esta forte correlação entre a água e estes mitos ainda é mais acentuada ao identificar-se que o modo de suicídio mais expressivo nos mitos mais numerosos, os epónimos e os etiológicos, é precisamente esse, o afogamento.⁴⁷

No entanto, a par da importância fulcral deste modo, também identificamos um número semelhante de suicídios por arma. Os dois meios somam a quase metade (49%) dos modos detectados. Com efeito, sob este termo genérico, a arma,

⁴³ Gráfico VIII.

⁴⁴ Grisé 1982 111. Anote-se que, já na tragédia grega, o enforcamento é praticado por mulheres de classe social elevada, como é o caso de Antígona e Jocasta.

⁴⁵ O desenredar da lenda de Melicertes (ver Ino 1 e 2), detectou erro no estudo de Van Hoof. O autor diz que este se mata, precipitando-se ao mar. No entanto, verifica-se que se trata de um homicídio, a criança cai ao mar, com a mãe, mas já está morta ou, ainda viva, é arrastada pela progenitora. Ver Grimal s.v. Athamas 56-57; s.v. Lélex 257-258; s.v. Leucothée 262; s.v. Mélicerte 287; s.v. Palameon 336-337; Higino, *Fábulas*, 2.5, 4; [Van Hoof s.v. Melikertes?:, jumping, +, Hyg. Fab. 243.1].

⁴⁶ Ver Gráfico VII.

⁴⁷ Ver tabela I e Gráfico IX.

engloba-se, o cutelo sacrificial, a espada e a arma de ferro. Vários contextos foram analisados e, nalguns casos, optou-se por fixar esta tipologia com base em reflexão comparativa e dedutiva. Por exemplo, em Macária, caso de *devotio*, ou seja, de sacrifício pela colectividade, considerámos que foi o cutelo sacrificial, a hipótese mais consentânea. Efectivamente, neste motivo, quando não é encontrada nas fontes informação sobre o meio utilizado, assumimos que este é a arma, mais especificamente, o cutelo sacrificial. O número expressivo destes exemplos, como Alceste, Cianipo 1 ou Cíane 2, entre tantos⁴⁸, realça um padrão — *devotio* e cutelo sacrificial — que nos reporta para práticas sociológicas e culturais muito variadas.

Noutros casos, ativemo-nos a certos detalhes esclarecedores da lenda que lhe dão diferentes contextos e, por conseguinte, a enriquecem muito mais. Por exemplo, enquanto que em Narciso 1, como já referido, classificámos o meio em *inedia*, a variante de Narciso 2 indicia-nos a arma, uma vez que no local do suicídio o chão está manchado de sangue.

Outra situação desta tipologia, com forte conotação simbólica e teatral, é a espada do amado. Exemplifiquemos: Amínias sucumbe empunhando a espada que Narciso, aquele que ama, lhe havia enviado. Amínias não se limita somente a obedecer à *necessitas* implícita, ele fá-lo diante da porta do amado. A teatralidade enfatiza o simbolismo do acto e adensa a forte carga dramática. A espada é, aliás, das armas referidas, a mais emblemática, pois sugere uma ligação profunda e íntima com o seu dono, assumindo muitas vezes protagonismo na anagnórise, situação essa tão cara aos tragediógrafos gregos. Por exemplo, Pelopeia reconhece no seu pai, através da espada deste, aquele que a violara, facto que ditará o seu suicídio, com essa mesma espada. Dido 2 também protagoniza uma morte eminentemente cénica, na pira, mas cravando a espada de Eneias em si própria, descrição muito erotizada em Virgílio.⁴⁹

A este propósito, não deixa de ser interessante invocar a morte de Catão de Útica. No final da República, Catão é aliado de Pompeu. Após a morte deste no Egipto, continua a resistência em África. Quando vê que é César o vencedor, mata-se em Útica. Mas

⁴⁸ Os casos de *devotio* são essencialmente concretizados com cutelo sacrificial. Ver gráfico X.

⁴⁹ Refere expressivamente Edwards 2007 183 que a descrição da morte de Dido em Virgílio tem uma “*sinisterly erotic dimension*”.

o significado deste suicídio pretende ser intelectualmente estóico, Catão mune-se do *Fédon*. Entende que a sua leitura ajudá-lo-á a decidir: “*Ainda não tomei uma decisão sobre o meu destino, mas quando a tomar, serei dono de executar aquilo que resolvi*”. Apesar dos esforços dos que gravitam à volta dele nessa noite, filho, amigos, aliados, escravos, quando finalmente consegue a espada que a todo o custo lhe negavam, Catão lança o grito do Ipiranga: “*Agora pertença-me!*”⁵⁰. A espada devolve-lhe a auto-determinação e o domínio sobre a situação.

⁵⁰ Plutarco, *Catão O Jovem*, 69.6 e 70.2 respectivamente.

CAPÍTULO II

CORPVS

ADRASTO 1 (ver Hipónoo)

Adrasto é rei de Argos. Dez anos após a primeira expedição dos Sete contra Tebas, empreende com os Epígonos, uma nova guerra contra Tebas, para restabelecer Polinices no trono. Tomam a cidade, aí estabelecendo como rei Tersandro, filho de Polinices. Mas Egialeu, filho de Adrasto, é morto por Laódamas, filho de Etéocles. Adrasto morre de dor pela perda do filho.

Motivo: *dolor*

Modo: ?

Temas: Argos, amor paternal, perda de filho, Sete contra Tebas

Fontes:

BNP s.v. Adrastus 154-155 n°1 (versão 1)

Grimal s.v. Adraste 13 (versões 1 e 2)

RE s.v. Adrastos 411-416 n°1 (versão 1: o velho Adrasto morre de desgosto pela perda do filho Egialeu na guerra; Pausânias, 1.43, morreu de velhice e dor pela perda de Egileu)

Pausânias, 1.43.1 (Egialeu morre em combate)

[Van Hoof: não regista]

ADRASTO 2 (ver Adrasto 1)

A história base é a mesma, relativa à disputa pelo trono de Tebas, mas, na versão de Higino, Adrasto e Hipónoo atiram-se ao fogo por ordem de Apolo.

Motivo: *devotio*

Modo: imolação pelo fogo

Temas: Apolo, Argos, oráculo

Fontes:

BNP s.v. Adrastus 154-155 n°1 (versão 1; ver também Adrastus n° 2, onde um Adrasto é morto por Diomedes na *Iliada*, juntamente com seu irmão)

Grimal s.v. Adraste 13 (refere uma versão da imolação de Adrasto)

Higino, *Fábulas*, 242

[Van Hoof s.v. Adrastos: devotion, fire, +, Hyg.Fab. 242]

ADRASTO 3

De origem frísia, Adrasto, filho de Midas, exilado para se purificar da morte involuntária de um irmão, refugia-se na corte de Cresos e torna-se seu amigo. O rei, conhecendo, por um sonho, que seu filho Átis morreria vítima de arma, evita todas as situações e circunstâncias que possam proporcionar tal incidente. Só por insistência do jovem príncipe permite que ele participe na caçada a um perigoso javali. Por precaução, dá-lhe a companhia de Adrasto, como seu guardião. Infelizmente, uma lança atirada por este falha o alvo e atinge o príncipe. Mesmo desculpado pelo rei, Adrasto degola-se sobre o túmulo do príncipe.

Motivo: *dolor*

Modo: arma

Temas: amizade, engano, hospitalidade

Fontes:

BNP (não consta esta lenda)

Grimal (não refere esta lenda)

RE s.v. Adrastos 416 n° 4 (de origem frísia, mata-se sobre o túmulo de Átis, filho de Cresos, que numa caçada matara por engano; aus Kummer 'dor, desgosto)

Heródoto, 1.34-45 (degolou-se sobre o túmulo); 5.7

[Van Hoof s.v. Adrastos: pudor, weapons, +, Her. 1.45]

AGLAURO (ver Cécrops, filhas de)

Atena entra na forja de Hefesto, que a tenta violar. Do esperma derramado sobre a perna de Atena e por esta lançado à terra, nasce Erictônio, que é confiado à guarda das três filhas de Cécrops — Aglauro, Herse e Pândroso —, com a condição de não destaparem o cesto onde estava a criança. Movidas pela curiosidade, não respeitam a ordem da deusa. Assustadas com o que vêem (duas serpentes de guarda à criança ou uma criança com cauda de serpente) enlouquecem e atiram-se do alto da Acrópole. Aglauro é a única que não espreita. Segundo uma lenda do séc. IV, Aglauro suicida-se para salvar a pátria. É cultuada num santuário na Acrópole, sendo considerada a primeira sacerdotisa de Atena. Teria dado o nome ao demo Argile.

Motivo: *devotio*

Modo: precipitação

Temas: Atena, Hefestos, mito etiológico, suicídio colectivo, sexualidade dos deuses, vingança dos deuses

Fontes:

BNP s.v. Aglaurus 344 n°2 (lenda do séc. IV, Aglauro suicidou-se para salvar a pátria. É cultuada num santuário na Acrópole, sendo considerada a primeira sacerdotisa de Atenas. Teria dado o nome ao demo Argile); s.v. Erichthonius 31 n°1; s.v. Herse 277 (loucas, Herse e Aglaurus atiram-se da Acrópole); s.v. Arrhephoroi 23-24; s.v. Pandrosus 437-438

Grimal s.v. Érictonios 145; s.v. Aglauros 22 n° 2; s.v. Cécrops 82-83; s.v. Hersé 208; s.v. Pandrosos 344 (por vezes adiciona-se uma quarta irmã)

RE s.v. Aglauros 825-830 n°2; s.v. Herse 1146-1149 n°1 ; s.v. Kekrops 119-125

Apolodoro 3.14.4 (atiram-se do alto dos rochedos da Acrópole)

Higino, *Fábulas*, 166 (insânia, afogamento)

Ovídio, *Met.*, 2.551-561 ; 787-832 (por inveja ou ciúme de Herse, Aglauro foi metamorfoseada em estátua de pedra); 3.189; *Met.* 2.552-565 (Aglauro, a única a mirar, foi metamorfoseada em ave)

Pausânias 1.18.2 (Pândroso não olhou; as outras duas ficaram loucas)

[Van Hoof s.v. Aglauros et Herse, furor, jumping, +, Paus. 1,18,2]

ÁGRIO

Filho de Partáon, da Etólia, destrona Eneu. O neto deste, Diomedes, depois da Guerra de Tróia decide vingar seu avô Eneu. Expulsa Ágrio e restitui o reino. Em consequência, Ágrio mata-se.

Motivo: *pudor*

Modo: ?

Temas: Guerra de Tróia, perda de poder político, vingança de família

Fontes:

BNP s.v. Agrius 395 n°1 (versão de Higino)

Grimal s.v. (nada diz)

RE s.v. Agrios 896-897 n°5 (versão de Higino)

Higino, *Fábulas*, 175, 242.2 (mata-se)
Ov. *Ep.* 9.153 e *Pont.* 3.9.9 (não refere suicídio)
[Van Hoof s.v. Agrios: pudor, +, Hyg.Fab. 242,1 (erro)]

ÁJAX 1

Ájax, rei de Salamina, é filho de Télamon e de Peribeia. Depois de terminada a Guerra de Tróia, Ájax pretende que Helena seja punida com a morte, por adultério. Os Atridas opõem-se, e Ulisses consegue que Helena seja entregue a Menelau. Ájax pede, então, que lhe seja atribuído, como parte do prémio, o Paládio, estátua de Palas Atena com propriedades mágicas. Com nova intervenção de Ulisses, também este pedido sai gorado. Ájax ameaça vingar-se de Menelau e de Agamnénon, que se protegem com uma guarda. No dia seguinte, de manhã, Ájax é encontrado morto, trespassado pela sua espada.

Motivo: *pudor*

Modo: arma

Temas: adultério de Helena, Guerra de Tróia, Paládio, prémio do saque

Fontes:

BNP s.v. Ajax Telamonius 409-410 n° 1

Grimal s.v. Ajax 23 [II]

RE s.v. Aias 930-940 n°3 (ofensa; espada)

Homero, *Odisseia*, 11.541-567 (no além, ainda detesta Ulisses)

[Van Hoof s.v. Aiax: pudor, weapons, +, Hom.*Od.* 11.541-567]

ÁJAX 2

Na versão preferida pelos trágicos, depois da Guerra de Tróia, Ájax Telamónio não consegue a distinção de lhe serem entregues as armas de Aquiles, que Atena destinara ao guerreiro que mais terror tivesse inspirado aos troianos. Num acesso de loucura, ataca os rebanhos dos Gregos pensando que eram os próprios inimigos. Quando recobra consciência, mata-se. A má sina de Ájax está relacionada com ira de Atena perante a *hybris* do herói (proclama que pode alcançar a vitória mesmo sem a ajuda dos deuses).

Motivo: *furor*

Modo: arma

Temas: engano, divisão do saque, Guerra de Tróia, *hybris*

Fontes:

BNP s.v. Ajax Telamoniuss 409-410 n° 1

Grimal s.v. Ajax 23 [II]

RE s.v. Aias 930-940 n°3 (loucura, espada)

Higino, *Fábulas*, 107.3 (*gladio* ‘com a espada), 242.1

Ovídio, *Met.* 13.382-398 (por *dolor* —despeito, ira, rancor— mata-se com espada)

Sófocles, *Ájax*, 748-777 (*hybris*), 815-865 (decide matar-se com arma; 835-844, lançando imprecações contra os Atridas; 898-919 Tecmessa comenta o suicídio de *Ájax*)

[Van Hoof: não regista]

ALCESTE

Filha de Pélias, irmã de Medeia, de Iolcos, era muito bela e virtuosa. Casou com o rei Admeto, da Tessália, que a conquistou depois de suplantar duras provas impostas por Pélias. Quando o marido está a ponto de morrer, por não ter cumprido todos os rituais de Ártemis, oferece-se para morrer em seu lugar, pois nem pai nem mãe aceitaram substituí-lo (versão de Eurípides, *Alceste*, 466-468, 634-650).

Hércules desce aos Infernos e trá-la de volta (versão de Eurípides, *Alceste*, 1006-1163), ou Perséfone fá-la regressar à vida.

Motivo: *devotio*

Modo: arma

Temas: amor conjugal, catábase, deus ex machina, donzela como prémio, ressurreição, vingança de Ártemis, superioridade do homem

Fontes:

BNP s.v. Alcestis 441

Grimal s.v.: Admète 10; s.v.: Alceste 25

RE s.v. Alkestis 1513-1514; s.v. Admetos 377-380 n° 1

Eurípides, *Alceste* (v. 37, 434, 524, 682: morrer em vez de Admeto; 74: sacrifício com espada; v.226-230: suicídio em acção extracénica, degolada ou enforcada; 252-257: Alceste moribunda; 280 ss: dita as últimas vontades; 391: morre,

depreende-se que é atingida por arma sacrificial, segue-se definhamento lento até à morte; 1058: pelo seu gesto, Alceste é dita *euergētis* ‘benfeitora’; 1006-1163: Hércules trá-la do Hades)

Higino, *Fábulas*, 51, 243.4

[Van Hoof s.v. Alkestis: devotio, ?, +, Hyg.Fab. 243,4]

ALCÍMEDE (ver Éson)

Alcímede é mulher de Éson, fundador de Iolco (noutras versões a mulher chama-se Polimede, Polímele ou Anfínome), mãe de Jasão e filha de Autólico. Mas Pélias, o meio-irmão de Éson, condena-o à morte. Então Alcímede, com o filho distante na perigosa expedição dos Argonautas, e o marido morto, lança uma maldição sobre Pélias e enforca-se.

Motivo: *exsecratio*

Modo: força

Temas: amor conjugal, Argonautas, Iolco

Fontes:

BNP s.v. Alcimede 449-450; (não regista Polymede)

Grimal s. v. Aeson 16; s.v. Pélias 353-354; s.v. Polymédé 385 (também se chama Alcímede)

RE s.v. Alkimede 1540 n° 1 (remete para Aison e para Iason); s.v. Polymede 1762-1763 (nomes alternativos: Polymea, Polymele, Polypheme, Alkimede, Amphinome)

Apolodoro, *Biblioteca*, 1.9.16 (Polimede mãe de Jasão); 1.9.27 (Polimede, mãe de Jasão, enforca-se amaldiçoando Pélias)

Diodoro, 4.50 (Pélias força o pai de Jasão a beber sangue de touro; a mãe de Jasão, Anfínome, lança maldição e mata-se com espada)

Valério Flaco, 1.761-818 (chorando o filho, Alcímede decide morrer com o marido por ingestão de sangue de touro)

[Van Hoof: não regista]

ALCÍNOE 1

Alcínoe é de Corinto e contrata uma fiandeira mas, quando esta termina o trabalho, não lhe paga o salário. A fiandeira amaldiçoaa, invocando Atena, patrona das fiandeiras. A deusa enlouquece Alcínoe, que logo se apaixona por um hóspede, Xanto, estrangeiro

de Samos. Para o seguir, deixa marido e filhos. Quando toma consciência do acto, já em plena travessia, clama, desesperada, pela família que abandonou e acaba por se atirar ao mar, afogando-se.

Motivo: *furor*

Modo: afogamento

Temas: adultério com hóspede, engano, hospitalidade, maldição, tecelagem, vingança divina

Fontes:

BNP (não regista)

Grimal s.v. Alcinoé 25

RE (não regista)

[Van Hoof s.v. Alkinoe: mala conscientia, jumping, +, Parthenios, Er.Path. 27,2; cf. p.121: Alcinoé afoga-se por mala conscientia]

ALCÍNOE 2 ver Cleópatra

[Van Hoof: não regista]

ALCIÓNE 1

Alcióné é filha de Éolo e Enárete (ou de Egiale), casada com o rei Céix de Tráquin. Segundo Ovídio, Céix parte em viagem marítima e naufraga, aparecendo em sonho à sua fidelíssima esposa Alcíone, a noticiar a sua morte. Desesperada, Alcíone logo decide também morrer, indo encontrar na praia o cadáver do marido naufragado. Ambos desaparecem no meio das ondas, como que metamorfoseando-se nas aves homónimas.

Motivo: *dolor*

Modo: afogamento

Temas: engano, maldição, metamorfose, perda de marido, vingança divina

Fontes:

BNP s.v. Alcyone 461 n°2

Grimal s.v. Alcyoné 27; s.v. Céyx 87 n°2

RE s.v. Alkyone 1579-1580 n°4; s.v. Alkyonides 1583 a).

Higino, *Fábulas*, 65 (*propter amorem ipsa se in mare praecipitavit* 'por amor, ela atirou-se ao mar')

Ovídio, *Met.* 9.410-750 (a versão artística deixa em suspenso

o modo da morte, mas depreende-se afogamento)
[Van Hoof: não regista]

ALCIÓNE 2 (ou Endeis)

Alcióne, ou Endeis, é filha de Ciro e Cariclo e mulher de Éaco. Ciro aparece na lenda de Teseu como um monstro que atormentava os viajantes. Teseu vence-o e lança-o ao mar, onde dá o nome a escolhos ou às Rochas Cirónicas, na região de Mégara. Alcíone lança-se ao mar depois da morte do pai. É transformada em alcíone. A zona do afogamento passa a chamar-se Mar de Alcíone.

Motivo: *dolor*

Moedo: afogamento

Temas: amor filial, metamorfose, mito epónimo, perda de pai, Teseu

Fontes:

BNP s.v. Alcyonides 462 nº 2 (“Alcyone, the daughter of Sciro”); s.v. Aeacus 164-165 (não refere morte); s.v. Endeis (remete para Aeacus); s.v. Sciron 95-96

Grimal s.v. Sciron 417 (não inclui suicídio da filha); s.v. Charyclo nº 2; s.v. Cychrée 107; s.v. Éaque 131 (desposou Endeis, a filha de Ciro); s.v. Poséidon 389-391 (refere bandido Ciro); s.v. Thésée 450-455 (Teseu mata Ciro)

RE s.v. Alkyone 1579-1581 nº3; s.v. Alkyonides 1583 d)

Ovídio, *Met.* 7.443-447

[Van Hoof: não regista]

ALCIÓNIDAS (filhas de Alcioneu)

Desesperadas, ao verem seu pai morto por Hércules, as sete filhas de Alcioneu atiram-se ao mar e são metamorfoseadas em alcíones.

Motivo: *dolor*

Modo: afogamento

Temas: amor filial, Hércules, metamorfose, mito epónimo, perda de pai, suicídio colectivo

Fontes:

BNP s.v. Alcyonides 462 nº2 (suicídio); (remete para

Alcyoneus, onde nada diz)
 Grimal s.v. Alcyonée 28 nº1 (suicídio)
 RE s.v. Alkyonides 1583 b)
 [Van Hoof: não regista]

ALTEIA (ver Meleagro)

Alteia é filha de Téstio, mãe de Meleagro e de Dejanira, mulher de Eneu, rei dos Etólios, de Cálidon. As Moiras anunciam-lhe que o filho Meleagro, nascido há sete dias, morrerá quando o tição que se encontra no átrio se consumir todo. Alteia apaga-o logo e esconde-o num cofre. Meleagro cresce e, durante a caçada de Cálidon, mata um tio, irmão da mãe. Tomada de raiva, Alteia acende o tição e Meleagro morre. Desesperada, Alteia enforca-se.

Segundo Apolodoro, no enterro de Meleagro, as carpideiras são metamorfoseadas em aves.

Motivo: *conscientia*

Modo: força

Temas: aves de Meleagro, caçada de Cálidon, carpideiras, destino

Fontes:

BNP s.v. Althaea 550 nº1

Grimal s.v. Althée 30; s.v. Méléagre 284; s.v. Oenée 325-326

RE s.v. Althaiia 1693-1696 nº 2 (dois modos de suicídio)

Apolodoro, *Biblioteca*, 1.8.3 (força; aves de Meleagro)

Higino, *Fábulas*, 171

Ovídio, *Ep.* 9. 157 (Dejanira refere-se ao ferro com que sua mãe se suicidou)

[Van Hoof s.v. Althaiia: dolor, weapons, +, *Ov.Her.* 9,157]

ALTÉMENES

Catreu é filho de Minos e de Pasífae e sucessor ao trono de Creta. Tem três filhas: Aérope, Clímene, Apemósine, e um filho, Altémenes. Um oráculo diz-lhe que um dos seus filhos o matará. Catreu esconde a revelação, mas Altémenes e Apemósine descobrem-na e põem-se em fuga, chegando a Rodes, onde fundam Creténia, designação tirada do nome da sua ilha natal.

Catreu, que não esquece o oráculo, dá as suas duas outras filhas a Náuplio, para que este as venda como escravas no estrangeiro. Quando envelhece, quer deixar o reino ao seu filho Altémenes e vai procurá-lo em Rodas. Desembarca num sítio ermo, onde se depara com uns vaqueiros que pensam que ele e os seus homens são piratas. Tenta identificar-se, mas o ladrar dos cães impede o diálogo. Os pastores apedrejam-no. Altémenes surge e mata-o com um dardo. Apercebendo-se do que fez, Altémenes invoca as divindades infernais para que seja engolido pela terra. O pedido é cumprido.

Motivo: *dolor*

Modo: precipitação

Temas: Creta, divindades infernais, engano, oráculo, pastores, piratas

Fontes:

BNP s.v. Althaemenes 551

Grimal s.v. Catrée 82; s.v. Aéropé 15-16 (nada diz)

RE s.v. Althaimenes 1696 n°1

Apolodoro, *Biblioteca*, 3.2

Didodoro Sículo, 5.59 (fica errante e morre de angústia)

[Van Hoof s.v. Althaimenes: pudor, jumping, +, Apoll. 3,2,2,3]

AMATA

Quando Eneias chega ao Lácio, pede apoio ao rei Latino, que se dispõe a dar-lhe a sua filha em casamento. A rainha Amata opõe-se e move-lhe guerra, juntamente com Turno, seu prometido genro. Com a derrota deste, desesperada assume a sua culpa e enforca-se.

Motivo: *conscientia*

Modo: força

Temas: influência política feminina, Itália, matriarcado, príncipe estrangeiro

Fontes:

BNP s.v. Amata 563

Grimal s.v. Amata 30

BNP s.v. Amata 563

Virgílio, *Eneida*, 12.595-603 (assume a culpa)

[Van Hoof s.v. Amata: dolor, hanging, +, Verg.Aen. 12,603]

AMÍNIAS (cf. Narciso 2)

Na versão beótica da lenda, o jovem Amínias, de Téspias, junto do monte Hélicon, apaixona-se pelo belo Narciso. Mas este é avesso ao amor e não corresponde. Narciso acaba por lhe enviar uma espada. Compreendendo o significado do gesto, Amínias mata-se frente à porta do amado, lançando imprecações sobre ele.

Motivo: *exsecratio*

Modo: arma

Temas: desamor, espada do amado, Hélicon, homo-erotismo, Narciso

Fontes:

BNP (nada diz)

Grimal s.v. Narcisse 308-309

RE s.v. Ameinias 1818 n° 2

[Van Hoof s. v. Ameinas: *exsecratio*, weapons, +, Konon, frg.24 (FGrH I 197)]

ANA (ver Dido 2)

Numa variação da lenda de Dido, não teria sido esta, mas sua irmã Ana a imolar-se pelo fogo por amor a Eneias, que partira.

Motivo: *dolor*

Modo: imolação pelo fogo

Temas: Cartago, Eneias, Fenícia, príncipe estrangeiro

Fontes:

BNP s.v. Anna 701 (origem semítica do nome); s.v. Dido 389 (segundo Varrão, é Ana que se imola por Eneias)

Grimal a.v. Anna Perenna 37 (não refere suicídio)

RE s.v. Anna 2223 n°1

[Van Hoof: não regista]

ANCURO

Ancuro é filho de Midas e rei da Frígia. Próximo da capital, Górdio, abre-se um abismo enorme que ameaça engolir a cidade. Perante o perigo, Ancuro pede a ajuda do oráculo. Este diz-lhe que Ancuro tem que lançar na voragem aquilo que lhe é mais

precioso. Anacuro começa por lançar o ouro e as jóias que possui, mas nada acontece. Compreendendo então o sentido do oráculo, lança-se a si próprio no abismo, que se fecha imediatamente sobre ele.

Motivo: *devotio*

Modo: precipitação

Temas: anel de Polícrates, Ásia, oráculo, ouro e prata

Fontes:

BNP (não regista)

Grimal s.v. Anchouros 35

RE s.v. Anchuros 2111

[Van Hoof s.v. Anchouros: *devotio*, jumping, +, Plout.Mor. 306F]

ANFÍON

É filho de Zeus e de Antíope, marido de Níobe. Ovídio descreve a *hybris* de Níobe, filha de Tântalo, a qual se vangloria da sua progénie e felicidade, desprezando o culto de Latona. Esta leva Febo Apolo a matar com suas flechas os sete filhos e depois as sete filhas de Níobe. Perante a carnificina dos filhos, e seguindo a versão de Ovídio, o pai Anfíon mata-se de dor, com arma de ferro.

Motivo: *dolor*

Modo: ferro

Temas: amor paternal, Apolo, castigo das divindades, felicidade, *hybris*, Latona, progénie

Fontes:

BNP s.v. Amphion 604 n°1

Grimal s.v. Amphion 32 (não refere suicídio, mas loucura e morte por Apolo)

RE s.v. Amphion 1944-1948 n°1

Ovídio, *Met.* 6.146-312 (v. 271-272: arma)

[Van Hoof: não regista]

ÂNIO

O rei etrusco Ânio tem uma filha, Sália. O jovem Cateto apaixonou-se por ela, rapta-a e leva-a para Roma. Ânio tenta, em vão, apanhar os fugitivos. Em desespero, atira-se ao rio mais

próximo, que passa a ter o seu nome (actualmente o Anieno, que se junta ao Tibre a norte de Roma).

Motivo: *pudor*

Modo: afogamento

Temas: hidrónimo, mito epónimo, rapto, Roma

Fontes:

BNP s.v. Anio 699-700 (não menciona morte); s.v. Anniius 705-706 (nada diz)

Grimal s.v. Cathètos 81

RE s.v. Anniius 2261

Plutarco, *Obras Morais*, 315e

[Van Hoof s.v. Anniius: pudor, jumping, +, Plout.Mor. 315E]

ANTICLEIA

Anticleia é mãe de Ulisses e mulher de Laertes. Durante a longa ausência de Ulisses, é consumida pelo desgosto, ou, segundo Higino, mata-se perante falsa notícia da sua morte. Ulisses vem a encontrá-la quando desce ao Além.

Motivo: *dolor*

Modo: inédia

Temas: amor maternal, catábase, Guerra de Tróia

Fontes:

BNP s.v. Anticlea 741-

Grimal s.v. Anticlée 38

RE s.v. Antikleia 2425 nº 4; s.v. Nauplios 2004-2008

Higino, *Fábulas*, 243 (mata-se perante falsa notícia)

Homero, *Odisseia*, 11.202 (morre de saudade) e 15.358 (morre de tristeza)

[Van Hoof s.v. Antikleia: dolor, ?, +, Hyg.Fab. 243,1]

ANTÍGONA 1

Filha do incesto de Édipo com sua mãe Jocasta. Desafiando a ordem do tio Creonte, Antígona faz os rituais religiosos ao irmão morto, Polinices, espalhando pó sobre o cadáver. Creonte, seu prometido sogro, condena-a então à morte, manda-a encerrar viva numa caverna (ou no túmulo dos Labdácidas), onde ela se enforca.

Motivo: *necessitas*

Modo: força

Temas: Tebas, tirania, sepultura, Édipo

Fontes:

BNP s.v. Antigone 745 nº3 (situa o suicídio na tragédia)

Grimal s.v. Antigone 38 nº 1; s.v. Pélée 352-353

RE s.v. Antigone 2401-2404 nº 3

Apolodoro, *Biblioteca*, 3.7.1 (Antígona roubou o corpo de Polinices, foi encerrada no túmulo)

Higino, *Fábulas*, 72 (Antígona é morta por Hémon, que se suicida *manu aliena*, por *necessitas*), 243.8

Sófocles, *Antígona*, 1220-1221 (força)

[Van Hoof s.v. Antigone: desperata salus, hanging, +, Soph. Ant. 1221; cf. p. 91]

ANTÍGONA 2

Antígona é filha de Eurícion, da Tessália, e mulher de Peleu. Acidentalmente, Peleu mata o sogro na caçada de Cálidon e refugia-se na corte de Acasto, filho de Pélias e rei de Iolco. Acasto purifica-o, mas a sua mulher, Astidameia, apaixonou-se por Peleu, que se lhe recusa. Astidameia congemina anunciar então, numa carta enviada a Antígona, que Peleu vai casar com Estéroe, a filha de Acasto. Desesperada, Antígona enforca-se.

Motivo: *dolor*

Modo: força

Temas: adultério, caçada de Cálidon, desamor, Tessália, vingança feminina

Fontes:

BNP s.v. Antigone 745 nº2

Grimal s.v. Pélée 352-353; s.v. Acaste 3; s.v. Stéroe 429 nº 5

Lexikon s.v. Peleus 2242-2243

RE s.v. Antigone 2401-2404 nº 2

[Van Hoof: não consta]

ANTÍLOCO

É o filho mais velho de Nestor, rei de Pilos, e de Eurídice. Quando vê seu pai ser atacado e em risco de ser morto, corre a interpor-se e perece.

Motivo: *devotio*

Modo: arma

Temas: amor filial, Guerra de Tróia, *provocatio*, Nestor, suicídio *manu aliena*

Fontes:

BNP s.v. Antilochus

Grimal s.v. Antiloque 38-39

RE s.v. Antilochos 2429-2431 n° 1

Píndaro, *Odes Píticas*, 6.28-42 (salva o pai enfrentando Mnestor)

[Van Hoof s.v. Antilochos: *devotio*, *provocation*, +; cf. Pind. Pyth. 6,28]

APRIATE

Apriate é de Lesbos e é amada por Trambelo, filho de Télamon. Mas este amor não é correspondido. Trambelo decide então raptá-la, a jovem resiste e atira-se ao mar.

Motivo: *desperata salus*

Modo: afogamento

Temas: desamor, Lesbos, rapto, viagens marítimas,

Fontes:

BNP (não regista)

Grimal s.v. Apriaté 43

RE s.v. Apriate 269-270

[Van Hoof s.v. Apriate: pudor, jumping, + Parthenios. Er.Path. 26,2]

AQUILES

É filho de Peleu e Tétis, rei dos Mirmidões, na Ftia. A sua lenda é rica em variantes. Assim, um oráculo prediz a sua morte em Tróia. No entanto, a cidade não poderá ser vencida sem a intervenção de Aquiles. Este oráculo parece explicar algumas peripécias da sua infância e juventude, que indicam que cedo opta por uma vida apagada e longa em detrimento de uma vida curta e gloriosa. Mas, graças aos artifícios de Ulisses, Aquiles é levado a participar na Guerra de Tróia até se retirar do combate depois de nove anos de

façanhas. Quando decide regressar à guerra, depois da morte de Pátroclo, o seu cavalo Xanto prediz que a sua morte está próxima. O mesmo lhe anuncia Tétis, ou Heitor, quando Aquiles o mata. Pode, assim entender-se, que a sua morte acaba por ser voluntariamente aceite e procurada, apesar de tentativas alheias, e eventualmente suas, para não entrar em guerra ou para se ausentar do palco dos combates.

Motivo: *necessitas*

Modo: arma

Temas: amizade, Guerra de Tróia, perda de amigo, suicídio *manu aliena*, *provocatio*, vingança de um amigo

Fontes:

BNP s.v. Achilles 89-96

Grimal s.v. Achilles 5-9

Lexikon s.v. Achilleus 10-11 nº 1

RE s.v. Achilleus 221-248

[Van Hoof s.v. Achilles: dolor, weapons, –, Hom.II. 18,34]

ARACNE

É uma rapariga da Lídia, muito reputada na tecelagem, arte que teria aprendido com Atena. Torna-se vaidosa e soberba ao renegar o apoio da deusa. Num concurso entre ambas para se encontrar a melhor, Palas Atena destrói o trabalho de Aracne e esta enforca-se. Mas Atena não a quer morta, metamorfoseando-a em aranha, que em grego se diz *arachne*.

Motivo: *pudor*

Modo: força

Temas: *hybris*, Lídia, metamorfose, mito epónimo, tecelagem, vingança de Atena

Fontes:

BNP s.v. Arachne 944

Grimal s.v. Arachné 43

Lexikon s.v. Arachne 238 nº 1

RE s.v. Arachne 367-368 nº1

Ovídio, *Met.* 6.1-145

[Van Hoof s.v. Arachne: pudor, hanging, +, Ov.Met. 6,134]

ARIADNE

É filha de Minos e Pasífae. A versão do suicídio por enforcamento, depois de abandonada por Teseu, é somente relatada por Plutarco. Este dá conta da existência de versões contraditórias, entre elas a do suicídio.

Motivo: *dolor*

Modo: força

Temas: desamor, Creta, Teseu

Fontes:

BNP s.v. Ariadne 1076-1077 (não refere suicídio)

Grimal s.v. Ariane 50 (nada diz)

RE s.v. Ariadne 803-811 n° 1 (enforca-se; Plut. Thes. 20.1]

Pausânias, 10.29.3 (não refere a morte)

Plutarco, *Teseu*, 20.1

[Van Hoof s.v. Ariadne: dolor, hanging, +, Plout.Thes. 20]

ÁSPALIS

Meliteu, filho de Zeus e da ninfa Ótris, é exposto, à nascença, num bosque. Sobrevive graças a um enxame de abelhas que o alimenta. Quando cresce, vai para a Tessália e aí funda a cidade de Meliteia, de que se torna tirano, usufruindo sexualmente de raparigas. Agrada-se de Áspalis e ordena que lha tragam, mas esta enforca-se antes da chegada dos soldados que a vêm buscar. O irmão da rapariga, Astígites, disfarçado com a roupa de Áspalis, mata o tirano com uma espada e torna-se rei. Entretanto o corpo de sua irmã desaparece, é substituído por uma estátua de madeira e passa a ser objecto de culto.

Motivo: *desperata salus*

Modo: força

Temas: engano, exposição de crianças, mito etiológico, tiranicídio, tirano devasso

Fontes:

BNP (não regista)

Grimal s.v. Aspalis 50

RE s.v. Aspalis 1711

[Van Hoof: não regista]

ASSÁON (ver Níobe)

Níobe é filha de Assáon e mulher do assírio Filoto, que morre durante uma caçada. Assáon quer então unir-se à sua filha. Esta recusa-o. Assáon vinga-se de forma terrífica. Convida os 20 filhos de Níobe, os seus netos, para uma festa e incendeia o palácio. Todos morrem queimados. Com o remorso, Assáon mata-se.

Motivo: *conscientia*

Modo: ?

Temas: Assíria, caçada, incesto

Fontes:

BNP s.v. Niobe 770-772

Grimal s.v. Assaon 55; s.v. Niobé 317 nº 2

RE s.v. Assaon 1741 (Reue ‘arrependimento’)

[Van Hoof s.v. Assaon: mala conscientia, ?, +, Parthenios, Er.Path. 33,3]

ASTÉRIA

Astéria é filha do titã Ceu e de Febe, irmã de Leto. Febe e Leto são filhas de Úrano e de Geia, a Terra. Amada por Zeus, metamorfoseia-se em codorniz para escapar à perseguição do deus e atira-se ao mar, onde se transforma em ilha, Ortígia, a Ilha das Cordonizes (*ortyx* em grego), a futura Delos.

Motivo: *desperata salus*

Modo: afogamento

Temas: Delos, metamorfose, mito epónimo, Zeus

Fontes:

BNP s.v. Asteria 190 nº 2

Grimal s.v. Astéria 55

RE Asteria 1781 nº 6

[Van Hoof: não regista]

ASTÍANAX

É filho de Heitor e Andrómaca. Após a queda de Tróia, e ainda criança, é levado como refém pelos gregos, que o atiram de uma torre, receosos de uma futura vingança. Séneca transforma-o num

jovem herói que aceita voluntariamente o sacrifício, avançando para a morte.

Em grego, o seu nome significa ‘Rei da Cidadela’, deixando entrever um mito epónimo.

Motivo: *necessitas*

Modo: precipitação

Temas: criança, mito epónimo, sacrifício voluntário

Fontes:

BNP s.v. Astyanax 212 (não explicita sacrifício voluntário)

Grimal s.v. Astyanax 55

RE s.v. Astyanax 1866 n° 1

Séneca, *Troianas*, 1102-1103 (*sponte* ‘de livre vontade’)

Ovídio, *Met.* 13.414-416, Íbis, 494 (é atirado)

[Van Hoof s.v. Astyanax: *necessitas*, jumping, +, Sen. *Troades*, 1102]

ÁTIS (cf. Ságaris)

É filho do mortal Agdístis e de Nana, ninfa do rio Sangário. Abandonado à nascença nos montes, é alimentado por um caprino. Mais tarde, emigra da Frígia para a Lídia e torna-se devoto de Cíbele. Extremamente belo, é vítima de amor hermafrodita por parte de Agadístis, enlouquece, castra-se e morre.

Na versão de Ovídio, Átis prometera a Cíbele manter-se virgem, mas vem a apaixonar-se pela ninfa Ságaris. Cíbele provoca a loucura, a que se segue a castração, o que de certo modo é sugerido por outras castrações simultâneas à de Átis.

Seria cultuado com a deusa, culto que engloba rituais agrários e de iniciação na adultez, com possível relação etimológica com Adónis. A castração faz parte do culto de Cíbele, o que sugere tratar-se de lenda etiológica.

Motivo: *furor*

Modo: arma

Temas: autocastração, Cíbele, Frígia, hermafroditismo, ira divina, mito etiológico, *theriodes bios*, virgindade

Fontes:

BNP s.v. Attis 327-329

Grimal s.v. Attis 60; s.v. Sagaris 413 n°2

RE s.v. Attis 2247-2252

Ovídio, *Fastos*, 4. 223-246 (v. 237: castração com *saxum* 'sílex')

Pausânias, 7.17.7-12 (existência de várias versões da lenda)
[Van Hoof: não consta]

AURA

Aura é filha da frígia Peribeia e do titã Lelanto. Caçava com as companheiras de Ártemis e era tão veloz como o vento (o seu nome significa brisa). Dioniso ama-a mas não consegue apanhá-la. Então, pede a Afrodite que a enlouqueça e Aura acaba por se entregar. Terão dois gêmeos. Mas Aura, tresloucada, despedaça-os e atira-se ao rio Sangário. Zeus transforma-a em nascente.

Motivo: *furor*

Modo: afogamento

Temas: Dioniso, metamorfose, mito etiológico

Fontes:

BNP (não regista)

Grimal s.v. Aura 61-62

RE s.v. Aura 2424

[Van Hoof: não consta]

BÍBLIS 1

Filha de Mileto e neta ou bisneta de Minos, apaixonou-se pelo irmão-gêmeo Cauno. Mas este foge para a Ásia, onde funda a cidade epónimo, na Cária. Bíblis enlouquece e anda errante por toda a Ásia até se enforcar ou precipitar-se de um rochedo e ser transformada em hamadriade. Compadecidas com a sua dor, as Ninfas metamorfoseiam-na em fonte de lágrimas. Será epónimo da cidade homónima da Fenícia.

Motivo: *furor*

Modo: precipitação

Temas: Ásia, Creta, diáspora minóica, errância, incesto, metamorfose, mito epónimo

Fontes:

BNP s.v. Byblis 841-842

Grimal s.v. Byblis 69 (precipitação, metamorfose em fonte);
s.v. Caunos 82

RE s.v. Byblis 1098-1099 n° 1 e 4

Higino, *Fábulas*, 243.6 (matou-se por amor a Cauno)

Ovídio, *Arte de Amar*, 1.283-284 (enforca-se); *Met.* 9.450-465-665; 664 (converte-se numa fonte); Íbis, 365-366 (paixão pelo irmão)

Pausânias, 7.5.10 e 24.5 (fonte Bíblis, cantada por poetas)

Teócrito, 7.115 (fonte Bíblis)

[Van Hoof s.v. Byblis: dolor, hanging; +, *Ov.Ars am.* 1,283; cf. p.101: como pode uma ninfa morrer?]

BÍBLIS 2 (ver Bíblis 1)

A história de Bíblis (ver Bíblis 1) tem uma versão inversa. É o irmão Cauno que a persegue, ela foge e enforca-se. Dá nome a duas cidades, uma na Cária e outra na Fenícia.

Motivo: *desperata salus*

Modo: força

Temas: Ásia, assédio de meio-irmão, incesto, mito epónimo

Fontes:

BNP s.v. Byblis 841-842; s.v. Caunus 39-41 n° 1 (“their incestuous relationship”; Parthenius 11) Byblis

Grimal s.v. Byblis 69 (enforca-se); s.v. Caunos 82

Higino, *Fábulas*, 243

[Van Hoof: não regista esta entrada]

BOLINA

Bolina, assediada por Apolo, atira-se ao mar. É tornada imortal.

Motivo: *desperata salus*

Modo: afogamento

Temas: assédio sexual, Apolo, sexualidade dos deuses

Fontes:

BNP (não regista)

Grimal (não regista)

RE s.v. 674 n° 2

Pausânias, 7.23.4

[Van Hoof: não regista esta entrada]

BRISEU

Briseu é um sacerdote de Apolo, rei de Pédaso e pai de Briseida. Durante o saque de Tróia, Aquiles destrói-lhe a casa e ele enforca-se.

Motivo: *pudor*

Modo: força

Temas: Ásia, Guerra de Tróia, saque

Fontes:

BNP s.v. Briseus, Brise 774 (remete para Briseis, que não refere morte de Briseu)

Grimal s.v. Brisès 68

RE s.v. Briseus 857-858 n°1

[Van Hoof: não regista]

BRITE (ver Britomártis)

Idêntica à lenda de Britomártis. Brite é filha de Marte (Ares), e por essa razão também chamada Britomártis, seguidora de Ártemis, em Creta. Minos apaixona-se por ela e Brite atira-se à água. O seu corpo é encontrado na rede de um pescador. Uma peste assola Creta e o oráculo declara que para pará-la os habitantes locais terão que lhe prestar homenagem com o epíteto Dictina, a Artémis da rede (*diktya* em grego).

Motivo: *desperata salus*

Modo: afogamento

Temas: Ártemis, assédio sexual, Creta, Minos, mito etiológico, pesca

Fontes:

BNP (não regista)

Grimal s.v. Bryté 68

RE s.v. Britomartis 880-881; s.v. Bryte 929

[Van Hoof: não regista]

BRITOMÁRTIS (cf. Dicte)

É uma cretense, filha de Zeuse de Carme. Na versão de Calímaco, é uma ninfa virgem, companheira de Ártemis em Gortina. O seu nome significa “a Virgem Doce”. Minos apaixona-se por ela e

persegue-a por toda a ilha de Creta. Apercebendo-se, um dia, que ia ser apanhada, Britomártis salta do alto de uma falésia para o mar. É salva pelas redes dos pescadores, o que explica o epíteto Dictina ‘da rede’.

Uma versão de natureza etiológica atribui-lhe a invenção das redes de caça e pesca.

Motivo: *desperata salus*

Modo: afogamento

Temas: Ártemis, assédio sexual, Creta, Minos, mito epónimo, mito etiológico, suicídio frustrado, virgindade

Fontes:

BNP (não regista)

Grimal s.v. Britomartis 68; s.v. Minos 297-299

Lexikon’s a.v. Britomartis 504 nº2

RE s.v. Britomartis 880-881; s.v. Diktyнна 584-59 (relata a lenda de forma clara)

[Van Hoof s.v. Britomartis-Diktyнна: pudor, jumping, +, Kallim.Hymn. In Artem. 195; cf. p.97]

BRÓTEAS 1

É filho de Tântalo, rei da Frígia ou Lídia, e de Eurianassa, irmão de Pélops e de Níobe. Uma versão da sua vida diz que é um caçador que incorreu na ira de Ártemis. Acreditando ser imune, atira-se ao fogo.

Motivo: *furor*

Modo: imolação pelo fogo

Temas: Ártemis, Ásia, caça

Fontes:

BNP s.v. Broteas 790 nº1

Grimal (não regista)

RE s.v. Broteas 897-898 nº 1

[Van Hoof: não regista]

BRÓTEAS 2

Filho de Tântalo, de Zeus ou de Hefesto, é cego por Zeus por não ter préstimo. Imola-se pelo fogo devido à sua fealdade e por tédio de vida.

Motivo: *taedium vitae*

Modo: imolação pelo fogo

Temas: Ásia, cegueira, fealdade masculina, vingança de Zeus

Fontes:

BNP s.v. Broteas 790 nº1 (Lebensüberdruss ‘tédio de vida’)

Grimal (não regista)

RE s.v. Broteas 897-898 nº 2

Ovídio, Íbis, 515-517 (*cupidine mortis* ‘por desejo de morrer’)

[Van Hoof: não regista]

BUTES

Butes é filho de Bóreas e meio irmão de Licurgo. São filhos de mães distintas mas nenhuma delas é a mulher legítima do deus, que é Oritia. Butes quer matar Licurgo mas falha os seus intentos e foge com os seus apoiantes para Naxo, onde sobrevive graças à pirataria e ao latrocínio. Chega a atacar a Ftiótide na Tessália para raptar mulheres, mas depara-se com as adoradoras de Dioniso. A maior parte consegue fugir mas a ama do deus, Corónis, é raptada e entregue a Butes. A pedido de Corónis, Dioniso enlouquece Butes, que se mata atirando-se a um poço.

Motivo: *furor*

Modo: afogamento

Temas: Dioniso, pirataria, Tessália, vingança divina

Fontes:

BNP s.v. Butes 837-838 (é o terceiro dos referidos)

Grimal s.v. Boutès 67; s.v. Coronis 100 nº3

Diodoro Sículo, 5.50

RE s.v. Butes 1080-1081 nº 5; s.v. Koronis 1431-1434.

[Van Hoof s.v. Bytes: furor, jumping, +, Diod. 5,50,5]

CÁLAMO

Cálamo é filho do deus-rio Menandro, situado na Frígia, e o seu nome significa “cana”. Mantém uma relação amorosa com um jovem muito belo, Carpo, filho de Zéfiro e de uma das Horas. Um dia, quando ambos se banham no Menandro, Cálamo desafia Carpo para uma corrida de natação, onde este morre afogado. Devastado pela dor, Cálamo pede a Zeus uma morte prematura

e deixa-se definhar até se tornar numa cana ou cálamo, na borda do rio.

Carpo significa “fruto” e torna-se o “fruto dos campos”, que morre e renasce cada ano.

Motivo: *conscientia*

Modo: inédia

Temas: amizade, caça, homo-erotismo, Frígia, mito epónimo, perda de amigo

Fontes:

BNP s.v. Calamos 930 n°1

Grimal s.v. Calamos 74 (versão utilizada)

RE s.v. Kalamos 1538 n°1 (Carpo foge de seu pai, pede a Zeus uma morte para si e para o seu amigo)

[Van Hoof: não regista]

CALCAS

Calcas é o adivinho de Micenas ou de Mégara, filho de Testor e, através deste, descende de Apolo, que lhe confere o dom da profecia. Participa na Guerra de Tróia e é ele que sugere a construção do cavalo de Tróia.

Quando a guerra termina, não parte com os gregos, pois sabe que a cólera de Atena vai abater-se sobre estes, devido às injustiças cometidas para com o seu protegido Ájax. Embarca juntamente com Anfíloco, adivinho e filho de Anfiarau, e com os heróis Leonteu, Podalírio e Polipetes. Chegam a Cólofon, onde Calcas encontra Mopso, o adivinho do oráculo de Apolo de Claro. Entram os dois em competição e Mopso ganha. Ora, um oráculo havia anunciado a Calcas que morreria no dia em que encontrasse um adivinho mais hábil do que ele. Morre de desgosto ou mata-se.

Motivo: *pudor*

Modo: inédia

Temas: adivinhação, Guerra de Tróia, Ásia (Jónia), Mégara, Micenas, oráculo

Fontes:

BNP s.v. Calchas 934-935

Grimal s.v. Calchas 74; s.v. Mopsos 302 n° 2

RE s.v. Kalchas 1552-1555 (1554: “stribt darauf aus Kummer”)

Estrabão, 14.1.27 (*lype* ‘desgosto’)

[Van Hoof s.v. Kalchas: pudor, ?, +, Strabo 14,1,27]

CALIPSO

É filha de Atlas, juntamente com as Oceânides e as Nereides. Teria origem oriental e seria deusa da noite e do reino dos mortos.

Segundo Ovídio, é vítima de amor infeliz por Ulisses. Em Higino, suicida-se.

Motivo: *dolor*

Modo: ?

Temas: Ásia, desamor, Ulisses

Fontes:

BNP s.v. Calypso 1011 (suicídio)

Grimal s.v. Calypso 77 (não refere suicídio)

RE s.v. Kalypso 1772-1799 n° 1

OLD s.v. Calypso (versão de Higino)

Ovídio, *Ars*, 2.119 ss. (paixão por Ulisses)

Higino, *Fábulas*, 243.7 (versão do suicídio)

[Van Hoof s.v. Kalypso: dolor, ?, +, Hyg.Fab. 243,7]

CALÍRROE 1

Terminada a Guerra de Tróia, uma tempestade leva o etólio Diomedes até à Líbia, reino de Lico, o filho de Ares. Lico tem o hábito de sacrificar os estrangeiros ao seu pai. Diomedes é então feito prisioneiro mas a filha de Lico, Calírrroe, cujo nome significa ‘Belo Riacho’, apaixona-se por ele e liberta-o. Diomedes foge. Desesperada, a rapariga enforca-se.

Motivo: *dolor*

Modo: força

Temas: África, desamor, Etólia, Guerra de Tróia, sexualidade feminina, xenofobia

Fontes:

BNP (não regista)

Grimal s.v. Callirhoé 76 n° 4; s.v. Lycos 267-268 n° 8

RE s.v. Kallirrhöë 1668 n°1 (filha de Oceano, ninfa de Perséfone; não refere suicídio)

[Van Hoof s.v. Kallirrhoe Lyci filia: dolor, hanging, +, Plout. Mor. 311C]

CALÍRROE 2

Calírrroe, uma jovem de Cálidon, nega-se ao amor de Coresso, sacerdote de Dioniso. Coresso queixa-se a Dioniso e o deus espalha uma epidemia de loucura por toda a região. Os habitantes recorrem então ao oráculo de Dodona e ele desvenda que, para acalmar o deus, terão que sacrificar Calírrroe ou alguém jovem que tome o seu lugar. Mas quando Coresso vai sacrificá-la, falta-lhe a coragem e degola-se a si próprio no altar. Nesse momento, Calírrroe também se degola junto de uma fonte que toma o seu nome.

Motivo: *conscientia*

Modo: arma

Temas: desamor, Dioniso, mito epónimo, hidrónimo

Fontes:

BNP s.v. Callirhoe 986-987 nº4 (degola-se)

Grimal s.v. Callirhoé 76, nº5

RE s.v. Kallirrhoë 1668-1673 nº7

Pausânias, 7.21.1-5

[Van Hoof s.v. Kallirrhoe Calydonia: pudor, weapons, +, Paus. 7,21,1]

CAMBLES

Cambles era rei da Lídia. O apetite insaciável que possuía leva-o, uma noite, a devorar a sua própria mulher. Acorda de manhã com um resto da mão na boca. Percebendo o que tinha feito, mata-se. Teria sido o mago Iárdano, arqui-inimigo de Cambles, a provocar esta fome mortífera.

Motivo: *furor*

Modo: arma

Temas: antropofagia, canibalismo, magia

Fontes:

BNP s.v. Cambles 1015

Grimal s.v. Camblès 77; s.v. Iardanos 223

RE s.v. Kambles 1808

Ateneu, 10.415cd

[Van Hoof s.v. Kambles: pudor, weapons, +, Athen. 10,415c]

CÂNACE (ver Macareu)

Cânace é filha de Éolo e de Enárete, da Tessália. Segundo Ovídio (segundo sem dúvida Eurípides), Cânace tem um filho do seu irmão Macareu. O bebé é escondido entre objectos sagrados e a ama tenta levá-lo para fora do palácio para o expor. Mas um grito do bebé revela-o a Éolo, que o atira aos cães e envia uma espada à sua filha, ordenando-lhe que se mate. Descoberta a sua paixão pela irmã, Macareu também se mata.

As tradições mais antigas sobre um Éolo homónimo referem a existência de casamentos entre irmãos na família.

Motivo: *necessitas*

Modo: espada

Temas: casamento entre irmãos, espada, exposição de crianças, incesto

Fontes:

BNP s.v. Canace 1032 [2]

Grimal s.v. Cànacé 78; s.v. Macarée 272 n° 1

RE s.v. Kanake 1853 n°1

Ovídio, *Ep.* 11, tem como fonte principal o Éolo de Eurípides; no v.95 refere a arma como *ensis*.

[Van Hoof s.v. Kanake: pudor, weapons, +, Eur.Aiolos]

CANENS

É uma ninfa do Lácio, casada com o rei Pico, numa relação de amor. Mas, numa caçada, Circe vê Pico e apaixonar-se por ele. Transforma-se em javali, leva Pico a persegui-la, afastando-o da mulher. Então Circe declara-se e é rejeitada. Irada, Circe transforma-o em pica-pau. Ao seu desaparecimento, a mulher de Pico não tem sossego, anda errante durante seis dias e seis noites até cair exausta nas margens do Tibre. Com uma última canção (*Canens* significa ‘Cantante’), desaparece. O local passa a chamar-se Canens.

Motivo: *dolor*

Modo: inédia

Temas: caça, Circe, dolo, fidelidade masculina, Itália, Lácio, mito epónimo, corónimo, sexualidade feminina

Fontes:

BNP (não regista entrada)

Grimal s.v. Canens 78

RE s.v. Canens 1474

Ovídio, *Met.* 14.320-440 (424: privada de sono e de alimento)

[Van Hoof: não regista]

CÁON

Cáon, irmão ou companheiro de Heleno, é o herói epónimo da Caónia, uma região do Epiro. Durante uma epidemia, Cáon sacrifica-se pelos seus compatriotas, oferecendo-se como vítima voluntária aos deuses.

Motivo: *devotio*

Modo: arma

Temas: Epiro, mito epónimo, epidemia

Fontes:

BNP (não regista)

Grimal s.v. Chaon 88

RE s.v. Chaon 2111 nº 2

[Van Hoof: não regista]

CÁRILA

Cárila é órfã e vive em Delfos. Durante uma seca, vai pedir trigo ao rei. Mas este, que só aos ricos fazia benesses, reage batendo com uma sandália no rosto de Cárila. Desesperada e envergonhada, a órfã enforca-se. Com a continuação da carestia, um oráculo responde que se torna necessário expiar a morte da jovem. Em sua honra, passa a celebrar-se em Delfos, de oito em oito anos, um ritual onde, depois de fazer distribuições de provisões, o rei toca com a sandália numa boneca homónima, que depois é enterrada no local onde Cárila se enforcara.

Em congruência, o nome significa a ideia de gratuidade, benemerência para com o povo.

Motivo: *pudor*

Modo: força

Temas: Delfos, distribuições de trigo, folclore, mito etiológico

Fontes:

BNP (não regista)

Grimal s.v. Charila 88-89

RE s.v. Charila 2141 (Volksfreude ‘Alegria popular’)

Plutarco, *Obras Morais*, 293d

[Van Hoof s.v. Charilla: pudor, hanging, +, Plout.Mor. 293D; cf. p.116]

CASTÁLIA

Castália é uma jovem de Delfos. Perseguida pelo deus Apolo nas proximidades do santuário, atira-se a uma fonte, que desde então toma o seu nome e é consagrada a Apolo.

Motivo: *desperata salus*

Modo: afogamento

Temas: Apolo, assédio sexual, Delfos, fonte, mito epónimo, hidrónimo

Fontes:

BNP s.v. Castalia 1176 (nada refere)

Grimal s.v. Castalie 81

RE s.v. Kastalia 2336-2338 nº 2

[Van Hoof: não consta]

CÉCROPS, FILHAS DE (ver Aglauro, Herse e Pândroso).

Atena entra na forja de Hefesto, que a tenta violar. Do esperma derramado sobre a perna de Atena e por esta lançado à terra, nasce Ericciónio, que é confiado à guarda das três filhas de Cécrops —Aglauro, Herse e Pândroso— com a condição de não destaparem o cesto onde está o bebé. Movidas pela curiosidade, não respeitam a ordem da deusa. Assustadas com o que vêem (duas serpentes de guarda à criança ou uma criança com cauda de serpente), enlouquecem e atiram-se do alto da Acrópole.

Este acto está provavelmente relacionado com o ritual das Arréforas, onde objectos sagrados eram transportados por donzelas. As mulheres juravam por Pândroso, a única que obedeceu à deusa. O nome Ericciónio foi relacionado com *eris* ‘luta’ ou com *erion*, o pano de lã com que Atena limpou o esperma, e com *chthon*, a terra para onde atirou o pano.

Motivo: *furor*

Modo: precipitação

Temas: Atena, Hefestos, mito etiológico, sexualidade dos deuses, suicídio colectivo, vingança divina

Fontes:

BNP s.v. Erichtonius 31 n°1; s.v. Herse 277 (loucas, Herse e Aglauros atiram-se da Acrópole); s.v. Arrhephoroi 23-24; s.v. Pandrosus 437-438

Grimal s.v. Érictonios 145; s.v. Aglauros n° 2; s.v. Cécrops 82-83; s.v. Hersé 208; s.v. Pandrosos 344 (por vezes adiciona-se uma quarta irmã)

RE s.v. Aglauros 825-830 n°2; s.v. Herse 1146-1149 n°1 ; s.v. Kekrops 119-125

Apolodoro 3.14.4 (atiram-se do alto dos rochedos da Acrópole)

Higino, *Fábulas*, 166 (*insania*, afogamento)

Ovídio, *Met.*, 2.551-561, 710-835

Pausânias 1.18.2 (Pândroso não olhou; as outras duas ficaram loucas)

[Van Hoof s.v. Aglauros et Herse, furor, jumping, +, Paus. 1,18,2]

CENEU

É uma jovem de nome Cénis. Ao ser violada por Posídon, pede para ser metamorfoseada em homem invulnerável. De seguida, exige um culto divino. Zeus pune-o lançando os Centauros contra ele. Higino elenca-o nos suicidas.

Motivo: *desperata salus*

Modo: ?

Temas: assédio sexual, *hybris*, metamorfose, transsexualidade, vingança de Zeus

Fontes:

BNP s.v. Caeneus 896

Grimal s. v. Caenée 74 (não refere suicídio)

RE s.v. Kaineus 1504-1505

Higino, *Fábulas*, 14, 242.3 (elenco dos suicidas)

Ovídio, *Met.* 12. 459-532 (só refere a mudança de sexo, para homem)

[Van Hoof s.v. Kaeneus: ?, ?, +, Hyg.Fab. 242]

CÍANE 1

A ninfa Cíane, quando vê Perséfone (Prosérpina) a ser levada, raptada, por Hades, tenta impedir a passagem nos seus reinos marinhos. Mas Hades fende as águas com o seu ceptro, abrindo uma passagem para o seu reino do Além, frustrando a tentativa de obstaculizar o rapto. Despeitada, ferida e triste pela impotência no seu reino, situado entre Cíane e Aretusa, deixa-se definhar até se metamorfosear em várias nascentes, como as actuais Ciani e Pisma, na zona de Nápoles.

No local haveria antigo ritual de atirar animais à água.

Motivo: *pudor*

Modo: inédia

Temas: mito epónimo, etiológico, hidrónimo, Itália, rapto como ritual de casamento, metamorfose

Fontes:

BNP s.v. Cyane 1032

Grimal s.v. Cyané 106 nº2

RE s.v. Kyane 2234-2235 nº 1 e 2

Ovídio, *Met.* 5.409-437

[Van Hoof: não regista]

CÍANE 2 (ver Cianipo 1)

Lenda de Siracusa. Cianipo é pai de Cíane. Certa noite, embriagado, viola a filha pensando talvez não ser reconhecido; mas Cíane rouba-lhe um anel e vem a identificá-lo. Entretanto, uma peste cai sobre a cidade. Consultado o oráculo, este anuncia que o flagelo só parará quando a jovem for sacrificada. Cíane mata seu pai e depois suicida-se.

Noutra versão, ambos se suicidam para afastar a peste.

Motivo: *devotio*

Modo: arma

Temas: anagnórise com anel, incesto, oráculo, peste, Siracusa, vinho

Fontes:

BNP (não consta)

Grimal s.v. Cyané 106-107 nº 3 (Cíane e seu pai matam-se);

s.v. Cyanippos 107 n° 3

RE s.v. Kyane 2234-2235 n° 3; s.v. Kyanippos 2236-2238 n° 3
Plutarco, *Obras Morais*, 310bc (degola o pai e depois suicida-se)
[Van Hoof s.v. Kyane: pudor, weapons, +, Plout.Mor. 310c]

CIANIPO 1 (ver Cíane 2)

Lenda de Siracusa. Cianipo é pai de Cíane. Certa noite, embriagado, viola a filha pensando talvez não ser reconhecido; mas Cíane rouba-lhe o anel e vem a identificá-lo. Entretanto, uma peste cai sobre a cidade. Consultado o oráculo, este anuncia que o flagelo só parará quando for sacrificada uma vida humana que tenha cometido incesto. Cíane e seu pai matam-se.

Motivo: *devotio*

Modo: arma

Temas: anagnórise com anel, incesto, oráculo, peste, Siracusa

Fontes:

BNP (não consta)

Grimal s.v. Cyané 106-107 n° 3 (Cíane e seu pai matam-se)

RE s.v. Kyane 2234-2235 n° 3; s.v. Kyanippos 2236-2238 n° 3

Plutarco, *Obras Morais*, 310bc (mata-se sobre o corpo do pai)

[Van Hoof: não regista]

CIANIPO 2

Cianipo, da Tessália, recusa sacrificar a Dioniso. Casa com a bela e nobre Leucónoe, por quem está apaixonado, mas continua a dedicar-se de forma absoluta à caça. Preenche com ela os seus dias, as noites são de sono reparador. Leucónoe sente-se preterida. Um dia resolve segui-lo secretamente para tentar perceber o que tanto o atrai nos bosques. Mas os cães de caça descobrem-na e despedaçam-na. Quando se apercebe, Cianipo fica desesperado. Levanta uma pira, aí deposita a sua mulher, mata os cães, atira-os também para a pira e em seguida mata-se sobre ela.

O seu nome mistura os significados de cão (*kýon*) e de cavalo (*hippos*).

Motivo: *dolor*

Modo: imolação pelo fogo

Temas: amor conjugal, caça, Dioniso, perda de mulher,

Tessália, *theriodes bios*

Fontes:

BNP s.v. Cyanippus 1033 n° 2 (“dies by his own hand”)

Grimal: Cyanippos 107 n° 2

RE s.v. Kyanippos 2236-2238 n°2

Plutarco, *Obras Morais*, 310e

[Van Hoof s.v. Kyanippos: desperata salus, ?, +, Parthenios, *Er.Path.* 10,4]

CICNO 1

Cicno vive nos bosques de Cálidon, na Etólia e é filho de Apolo e de Tíria. A sua beleza não se coaduna com o seu carácter egoísta e maldoso, e com isto afasta amizades e pretendentes. Resta apenas Fílio, que lhe é dedicado. Mas Cicno impõe-lhe uma série de tarefas, que Fílio desempenha com a ajuda de Hércules. Quando saturado, Fílio acaba por também partir. Sentindo-se abandonado, Cicno atira-se com a sua mãe a um lago.

Apolo tem pena deles e transforma-os em cisnes. Cicno, em grego, significa cisne.

Motivo: *pudor*

Modo: afogamento

Temas: caça, Cálidon, castigo da beleza, Etólia, homoerotismo, metamorfose, suicídio colectivo

Fontes:

BNP s.v. Cyncus 1043-1044 (não refere este Cicno); (não tem entrada Phylios)

Grimal s.v. Cyncos 108-110 n° 5; s.v. Phylios 375

Higino, *Fábulas*, 154.5

Ov. *Met.*7.371-381 (só Cicno se atira, não a mãe; esta chama-se Híria)

RE s.v. Kyknos 2435-2451 n° 5

[Van Hoof: não regista]

CICNO 1, mãe de

Abandonado pelo amado, Cicno afoga-se num lago. A mãe acompanha-o na morte.

Motivo: *dolor*

Modo: afogamento

Temas: amor maternal, Etólia, perda de um filho, suicídio solidário

Fontes:

BNP (não refere)

Grimal s.v. Cyncnos 108-110 n° 5; s.v. Phyllos 375

RE s.v. Kyknos 2435-2451 n°7

[Van Hoof: não regista]

CICNO 2

É filho de Esténelo, rei da Ligúria. Ao chorar a perda do amigo Faetonte (cf. Heliádes), Zeus transforma-o em cisne. Em Ovídio, escolhe viver em lagos e pauis, como as Heliádes, por ódio ao fogo.

Motivo: *dolor*

Modo: inédia

Temas: homo-erotismo, Ligúria, Itália, perda de amado, metamorfose

Fontes:

BNP s.v. Cyncnus 1043 n°3 (várias fontes); s.v. Phaëton 905 n°3

Ovídio, *Met.* 2.367-400

RE s.v. Kyknos 2435-2451 n°4; s.v. Phaethon 1508-1515 (explícita a versão)

[Van Hoof: não regista]

CIDIPE

É uma sacerdotisa argiva que pergunta a Hera o que é melhor para os seus dois filhos. De imediato Hera fá-los adormecer no próprio templo e nunca regressam à vida.

Higino afirma que, tendo diligentemente procurado saber o que é melhor para os mortais, se suicida.

Motivo: *iactatio*

Modo: ?

Temas: felicidade, filosofia, Hera, mito etiológico

Fontes:

BNP s.v. Cydippe 1045 n°2 (Bíton e Cléobis); s.v. Cleobis and Biton 428 (não refere suicídio)

RE s.v. Biton 544-546 n° 1

Grimal (não regista)

DC 64.6

Heródoto, 1.31 (conta a história a Cresos)

Higino, *Fábulas*, 254.5-6 (modelos de *pietas*)

Plutarco, *Obras Morais*, 108e (não refere suicídio)

[Van Hoof: não regista]

CILA (ver Niso 1)

É filha de Niso, rei de Mégara. Por instigação de Vénus, apaixonou-se por Minos quando este cerca Mégara. Cila traiu então seu pai, cortando-lhe o cabelo que lhe garantia longo reinado. Mas, em vez de se casar com ela, conforme prometido, Minos ata-a ao navio e Cila morre afogada. Apiedados, os deuses tê-la-iam transformado em ave (Grimal).

Higino diz que, após a recusa de Minos, ela se atira ao mar para evitar o castigo de Niso. Depois da morte, Niso é metamorfoseado em águia marinha, sempre em perseguição de Cila, transformada em peixe (*ciris*).

Por vezes é confundida com a homónima do mito de Cila e Caríbdis.

Motivo: *desperata salus*

Modo: afogamento

Temas: Creta, Mégara, mito etiológico, mito epónimo, príncipe estrangeiro, traição

Fontes:

BNP s.v. Skylla 146 n°2 (não explicita suicídio); s.v. Nisus 779 n°1 (metamorfoseada na ave homónima)

Grimal Skylla 417 n°2

RE s.v. Skylla 647-659 n° 2; s.v. Nisos 759-760 n°1

Apolodoro, *Biblioteca*, 3.15.8 (Minos lança-a à água)

Higino, *Fábulas*, 198 (transformada em peixe)

Ovídio, *Met.* 8.6-151 (v.145-151: atira-se da popa para fugir ao pai); Tristes, 2.393 ss.

Pausânias, 1.19.4-5 (não refere o suicídio); 2.34.7 (Minos manda matar pela traição)

[Van Hoof s.v. Skylla: dolor, jumping, +, Hyg.Fab. 197,3 (referência errada; na p.73 também erra ao afirmar: “sacrificed her purple hair”)]

CÍNIRAS 1 (ver Esmirna / Mirra)

Primeiro rei de Chipre, para onde emigra vindo da Síria. A razão da vinda poderá ser o incesto involuntário cometido com a filha Esmirna, gerando Adónis (ver Mirra). Em Rodes casa com a princesa local. Suicida-se em consequência do incesto com a filha Esmirna.

Motivo: *pudor*

Modo: ?

Temas: Apolo, Ásia, Chipre, colonização, incesto

Fontes:

BNP s.v. Cinyras 346-347

Grimal s.v. Cinyras 93 (não refere suicídio)

RE s.v. Kinyras 484-486

Higino, *Fábulas*, 242.4 (suicida-se em consequência do incesto)

Ovídio, *Met.* 10.298-502 (não refere suicídio de Cíniras; cf. Mirra)

[Van Hoof s.v. Kinyras: pudor, +, Hyg.Fab. 242,4; cf.p.118]

CÍNIRAS 2

Tendo perdido uma competição musical com Apolo, de quem seria sacerdote, Cíniras suicida-se, no que é seguido pelas suas cinquenta filhas.

Motivo: *pudor*

Modo: ?

Temas: Apolo, Ásia, Chipre, competição com deus, música

Fontes:

BNP s.v. Alcyonides 462 n°2; s.v. Cinyras 346-347

RE s.v. Kinyras 484-486 (esp. p.485); RE s.v. Alkyonides 1583 c)

Grimal s.v. Alcyonée 28 n°1 (refere-se às filhas de Alcioneu)

[Van Hoof: não regista]

CÍNIRAS 2, filhas de (ver Cíniras 2)

Após a morte do seu pai em confronto com Apolo, as cinquenta filhas de Cíniras e de Cencreis atiram-se ao mar.

Motivo: *dolor*

Modo: afogamento

Temas: Apolo, Ásia, Chipre, competição, música, suicídio colectivo

Fontes:

BNP s.v. Alcyonides 462 n°2; s.v. Cinyras 346-347

RE s.v. Kinyras 484-486 (esp. p.485); RE s.v. Alkyonides 1583 c)

Grimal s.v. Alcyonée 28 n°1 (refere-se às filhas de Alcioneu)

[Van Hoof: não regista]

CÍQUIRO

Antipe, uma nobre donzela da Caónia, apaixonou-se por um jovem e esse amor é correspondido. Encontram-se os dois, às escondidas dos pais, num bosque sagrado. Um dia, Cíquiuro, filho do rei da Caónia, persegue uma pantera nesse bosque, onde os dois amantes se escondem nuns arbustos. Ao ver as folhas mexerem-se, Cíquiuro lança a sua azagaia e mata Antipe. Quando se apercebe do que cometeu, monta novamente no cavalo e lança-o contra as rochas, matando-se.

Os habitantes da Caónia cercaram esse sítio com muros e chamam Cíquiuro à cidade assim fundada.

Motivo: *dolor*

Modo: precipitação

Temas: amor desigual, caça, Caónia, engano, mito etiológico, mito epónimo, sexo pré-matrimonial

Fontes:

BNP (não consta)

Grimal s.v. Cichyros 92

RE s.v. Kichyros 377 n° 1

[Van Hoof: não regista]

CLEOBEIA

Na corte de Fóbio, tirano de Mileto, vive como refém um jovem nobre, de seu nome Anteu de Halicarnasso. Cleobeia, a rainha, apaixonou-se por ele, mas Anteu evita-a a todo o custo. Argumenta que tem medo de ser descoberto e invoca também o respeito pela hospitalidade de Fóbio. Cleobeia

decide então vingar-se. Atira uma taça de ouro a um poço e pede a Anteu que vá buscá-la. Quando Anteu se encontra lá no fundo, Cleobeia lança-lhe uma pedra que o mata. Por remorso, enforca-se.

Motivo: *conscientia*

Modo: força

Temas: adultério feminino, hospitalidade, dolo feminino, Mileto

Fontes:

BNP s.v. Cleoboea 428

Grimal s.v. Anthée 3

RE s.v. Kleoboia 669-670 n° 5

[Van Hoof s.v. Kleoboia: mala conscientia, hanging, +, Parthenios Er.Path. 14,4)

CLEOMEDES

Na 71^a Olimpíada, o pugilista Cleomedes de Astipaleia mata o adversário, Iço, de Epidauro. É desclassificado e enlouquece. No ginásio local, provoca um acidente onde morrem 60 crianças. Fugindo para não ser lapidado, refugia-se no templo de Atena. Esconde-se numa arca no santuário e fecha-a. Quando a conseguem abrir, tinha desaparecido.

É instituído um culto em sua honra.

Motivo: *furor*

Modo: ?

Temas: Astipaleia, Epidauro, Jogos Olímpicos, metamorfose, mito etiológico

Fontes:

BNP (não consta)

Grimal s.v. Cléomédès 95 (não refere suicídio, mas desaparecimento)

RE s.v. Kleomedes 679-694 n° 4 (desaparece)

Pausânias 6.9.6-8 (desaparece)

[Van Hoof s.v. Kleomedes: furor, weapons, +, Her. 6,75]

CLEÓPATRA (ver Alcínoe e Alteia)

Filha de Idas e mulher de Meleagro, rei da Etólia. Quando

o marido morre, vítima do incêndio atizado por Alteia (ver Alteia), enforca-se.

Motivo: *dolor*

Modo: força

Temas: amor conjugal, Etólia, perda de marido, intervenção feminina

Fontes:

BNP s.v. Cleopatra 438 n^o2 (no episódio de Meleagro, onde convence o marido, Meleagro, a pôr de parte a sua raiva e a reentrar na batalha, tem o mesmo papel que Pátroclo na história de Aquiles)

Grimal s.v. Cleópâtra 95 n^o2; s.v. Méléagre 284

RE s.v. Kleopatra 732-789 n^o 3

Apolodoro, 1.8.3 (força; mito etiológico; carpideiras transformadas em aves)

Higino, *Fab.* 174 diz que a esposa de Meleagro se matou, recebendo o nome de Alcíone

Pausânias, 4.2.7

[Van Hoof: não consta; a que consta é a rainha do Egípto, s.v. Kleopatra: pudor, poison, +, Vell. 2,87,2]

CLEÓSTRATO

Para livrar a cidade de Téspias de um dragão a quem era feito sacrifício anual de um jovem, Cleóstrato veste uma armadura metálica com uma espécie de harpões ou anzóis, e, pela sua iniciativa, ao ser comido pelo dragão, provoca-lhe a morte. O nome significa ‘Combate glorioso’.

Motivo: *devotio*

Modo: precipitação

Temas: dragão, mito epónimo, sacrifício voluntário masculino, Téspias

Fontes:

BNP (não consta)

Grimal s.v. Cléostratos 95

RE s.v. 806 (não consta esta lenda)

Pausânias, 9.26.7

[Van Hoof: não regista]

CLÍCIE (ou Clícia)

Clície é amante de Hélio (ou Sol), que a troca por Leucótoe, filha do rei Órcamo, da Pérsia. Ao ser preterida, denuncia Leucótoe ao pai desta, que enterra a filha viva. Hélio, todavia, nunca mais visita Clície. E esta, nove dias sem comer, morre de pesar e é transformada em heliotrópio (ou girassol).

Motivo: *conscientia*

Modo: inédia

Temas: Ásia (Pérsia), Hélio, metamorfose, mito etiológico, repressão sexual

Fontes:

BNP s.v. Clytia, Clytie 488 nº3 (“dies from sorrow”); s.v. Leucothoe 451-452

Grimal s.v. Clytia 97 (erro: “Clytie fut enfermée dans une fosse profonde, où elle mourut ... Leucothoé en fut punie); s.v. Leucothoé 262 (transformada em heliotrópio)

RE s.v. Klytia, Klytie 893 nº2 (Alpenveilchen ‘ciclame’); s.v. Leucothoe 2306

Higino, *Fábulas*, 14 e 20 (nada diz; indicação errónea de Grimal)

Ovídio, *Met.* 4.206-270; v.256-270 (torna-se flor semelhante a violeta)

[Van Hoof: não regista]

CLÍMENO (ver Harpálice)

Filho de Esqueneu, ou de Teleu, rei da Arcádia. Clímeno apaixona-se pela sua filha Harpálice e, com a cumplicidade da ama, consegue unir-se a ela. Depois, dá-a em casamento a Alastor, mas arrepende-se e toma-a de novo. Harpálice vinga-se. Mata os seus irmãos mais novos (ou então a criança que teve da relação incestuosa), e dá-os a comer a seu pai. Compreendendo o sucedido, Clímeno mata a filha e suicida-se.

Segundo outra versão, é transformado em ave.

Motivo: *pudor*

Modo: ?

Temas: antropofagia, Arcádia, incesto, metamorfose, perda de filhos

Fontes:

BNP s.v. Clymenus 486-487 n°6 (refere a violação de Harpálice); s.v. Harpalyce 1148 n°2

Grimal s.v. Clyménos 96 n°3 Harpalycé 174-175 n° 2

RE Harpalyke 2403-4044 n° 3; s.v. Klymenos 881-882 n°2

Higino, *Fábulas*, 206, 242.4 (mata-se pelo incesto)

[Van Hoof s.v. Klymenos: pudor, ?, +, Hyg.Fab. 242,4]

CLITE

A jovem é filha do adivinho Mérope de Percote, na Mísia, e mulher de Cízico, rei dos Dolíones, na Propôntida, Ásia. Tendo acolhido os Argonautas logo após o casamento, quando estes partiram e foram novamente lançados à costa por uma tempestade, os Dolíones julgaram tratar-se de ataque de piratas e pegaram em armas. Na refrega, o rei Cízico é morto pelo argonauta Jasão. Desesperada, Clite enforca-se.

Motivo: *dolor*

Modo: força

Temas: amor conjugal, Argonautas, Ásia, perda do marido

Fontes:

BNP s.v. Cleite 421

Grimal s.v. Clité 96; s.v. Cyzicos 112

RE s.v. Kleite 655-656 n°1

[Van Hoof s.v. Kleite: dolor, hanging, +, Parthenios, Er.Path. 28,2]

CODRO

De origem messénia e filho de Melanto, Codro sucedeu a seu pai como rei de Atenas. Em guerra com os Atenenses, os Peloponésios consultaram o oráculo de Delfos, que garantia a vitória na condição de não matarem o rei de Atenas. Conhecedor do oráculo, e para garantir a salvação da cidade, Codro sai da cidade disfarçado de mendigo ou lenhador e provoca os dois primeiros inimigos que lhe aparecem pela frente, sendo morto. O seu túmulo ficava no exterior, às portas da cidade. Provavelmente o mito ajudava a explicar essa localização.

Motivo: *devotio*

Modo: arma

Temas: Atenas, disfarce, *provocatio*, Messénia, mito etiológico, oráculo

Fontes:

BNP s.v. Codrus 503

Grimal s.v. Codros 98; sv. Alétès 28

RE s.v. Kodros 984-994 (Opfertod)

[Van Hoof s.v. Kodros: devotio, provocation, +, Lykourgos, Kata Leokratous]

CORESSO (ver Calíroe 2)

Coresso, sacerdote de Dioniso, apaixonou-se por Calíroe, que não lhe corresponde. Perante os lamentos do apaixonado, o deus envia uma peste que só será amainada com o sacrifício de Calíroe, ou de um substituto, oficiado por Coresso. Nem os pais aceitam substituir Calíroe. Mas quando Coresso vai sacrificá-la, falta-lhe a coragem, o amor sobrepõe-se, e degola-se a si próprio no altar. Nesse momento, Calíroe também se degola junto de uma fonte que toma o seu nome.

Motivo: *devotio*

Modo: arma

Temas: desamor, Dioniso, hidrónimo, mito epónimo, oráculo, suicídio duplo

Fontes:

BNP (não consta)

Grimal s.v. Callirhoé 76 n° 5

RE (não consta)

Pausânias, 7.21.1-5

[Van Hoof s.v. Koresos: dolor, weapons, +, Paus. 7,21,1]

CORÓNIDES

Em Orcómeno, na Beócia, surge uma epidemia. Duas irmãs, Metíoca e Menipa, filhas de Corónis e de Oríon, oferecem-se como vítimas às divindades infernais. Recebem um culto onde anualmente são sacrificados animais. São transformadas em cometas.

Motivo: *devotio*

Modo: arma

Temas: mito epónimo, Beócia, Hades, sacrifício feminino, sacrifícios humanos, suicídio colectivo, astronomia

Fontes:

Grimal s.v. Coronides 100

RE s.v. Koronis 1431-1434

[Van Hoof: não regista]

CREÚSA 1 (ou GLAUCE)

Creúsa, ou Glauce, é filha de Creonte, rei de Corinto. Quando fica noiva de Jasão, Medeia envia-lhe presentes envenenados que lhe provocam dores por combustão. Creúsa atira-se a uma fonte e afoga-se.

A fonte passa a ter o nome de Glauce.

Motivo: *impatientia doloris*

Modo: afogamento

Temas: Corinto, Creonte, fonte, Jasão, Medeia

Fontes:

BNP s.v. Creusa 939-940 n° 3 (nada consta); s.v. Glauce 866 n° 2 (suicídio)

Grimal s.v. Créüse 103 n° 3 (não menciona suicídio); s.v. Glaucé (remete para Creúsa, mas em nenhuma das entradas se diz algo pertinente)

RE s.v. Glauke 1394-1397 n° 1 (fonte Glauce; suicídio) e n° 5; s.v. Kreusa 1824-1826 n° 2 (Náíade da Tessália), n° 4 (idêntica a Glauke)

Higino, *Fábulas*, 25.3

Pausânias, 2.3.6

[Van Hoof: não regista esta personagem]

CREÚSA 2

É filha de Erecteu e de Praxíteia. Violada por Apolo numa gruta da Acrópole de Atenas, onde expõe a criança, Íon, nascida do encontro. O menino vem a ser criado no templo de Delfos. Entretanto, Creúsa casa com Xuto, só tendo filhos quando visitam Delfos. Aqui dá-se um encontro e reconhecimento de Íon, matéria da tragédia homónima de Eurípides. No decurso da acção, Creúsa projecta suicidar-se mas dá-se um final feliz graças ao aparecimento da Atena, enviada por Apolo.

Motivo: *pudor*

Modo: arma

Temas: Apolo, Atenas, Delfos, exposição de crianças, gruta, *noverca*, reconhecimento

Fontes:

BNP s.v. Creusa 939-940 n° 2 (nada consta)

Grimal s.v. Créüse 103 n° 3 (não menciona suicídio)

RE s.v. Kreusa 1824-1826 n° 3

Eurípides, Íon, 1061-1073 (coro refere que Creúsa planeia matar-se com espada ou forca) 1553-1618 (Atena revela a verdade)

[Van Hoof s.v. Kreusa: pudor, weapons, –, Eur.Ion. 1065]

CRISIPO

Crisipo é filho de Pélops e da ninfa Axíoca, ambos de origem asiática. Quando Laio é banido da corte tebana por Zeto e Anfíon, refugia-se na corte de Pélops, na região do Peloponeso, apaixonou-se por Crisipo e rapta-o. Este, sob o peso da vergonha, suicida-se.

Pélops amaldiçoa Laio, e será esta a origem da maldição dos Labdácidas.

Motivo: *pudor*

Modo: ?

Temas: Ásia, homo-erotismo, hospitalidade, maldição, mito etiológico, Peloponeso, Tebas

Fontes:

BNP s.v. Chrysippus 288 n° 1 (suicídio)

Grimal s.v. Chrysippos 91

Lexikon s.v. Chrysippos 2498-2500

RE s.v. Chrysippos 2498-2511 n°1; s.v. Oidipus 2103-2117, esp.2109-2110

Higino, *Fábulas*, 85, 243

[Van Hoof: não regista]

CTÓNIA (ver Erecteu, filhas de)

[Van Hoof: não regista]

DADA

Dada é a mulher do herói cretense Sámon, que ajudou Escamandro a conquistar a Tróade. Depois de Sámon ser morto numa batalha, Dada pede a um arauto que a acompanhe até uma cidade próxima, onde ela pretende voltar a casar. No caminho, o arauto viola-a. Humilhada, Dada trespassa-se com a espada do seu marido, que trazia consigo. Quando os cretenses sabem da notícia, lapidam o arauto no local do crime, que toma o nome de Campo do Impudor.

Motivo: *pudor*

Modo: espada

Temas: Ásia, assédio sexual, corónimo, Creta, espada, mito epónimo, paralelo com Lucrecia, Tróia

Fontes:

BNP (não consta)

Grimal s.v. Dada 113

RE s.v. Dada 1977

[Van Hoof: não regista]

DÁFNIS

Filho de Hermes e de uma ninfa, Dáfnis é um semideus. Nasce na Sicília, num bosque de loureiros dedicado às ninfas, o que explica o seu nome, que significa loureiro em grego. De grande beleza, Dáfnis é amado por deuses e humanos, mas é a ninfa Nómia, a Pastora, que tem o seu amor, com juras de fidelidade mútua e eterna.

A filha do rei da Sicília embebeda-o e consegue unir-se a ele. Nómia cega-o (nalgumas versões chega a matá-lo). Dáfnis, inventor da siringe, entoia canções de luto e, no seu desespero, lança-se do alto de um rochedo.

Associava-se a memória de Dáfnis a uma fonte e anualmente ofereciam-se sacrifícios em sua honra. Noutras versões: transforma-se em rochedo; é levado ao céu por Hermes, seu pai.

Motivo: *pudor*

Modo: precipitação

Temas: bucolismo, castigo da beleza, cegueira, desamor, engano, mito etiológico, paralelo com Castália, rito de iniciação, sexualidade feminina, Sicília, vinho

Fontes:

BNP s.v. Daphnis 83 nº1 (honrado com rituais de lamentação, como os de Adónis. Na poesia bucólica era o ideal do pastor adolescente e criador das toadas pastoris)

Grimal s.v. Daphnis 117

RE s.v. Daphnis 2141-2147 nº 1

[Van Hoof: s.v. Daphnis 2: pudor, jumping, –, Longos 4,18]

DEJANIRA (ver Hércules)

Dejanira é filha de Alteia e de Eneu, rei de Cálidon (ou de Dioniso, noutra versão) e irmã de Meleagro. Quando Hércules desce ao Hades para procurar Cérbero, encontra a alma de Meleagro, que lhe pede que case com a sua irmã Dejanira, sozinha desde que ele morrera. Hércules e Dejanira casam-se e terão Hilo. Quando deixam Cálidon, encontram no caminho o Centauro Nesso, que tenta violar Dejanira. Hércules mata-o, mas, antes de morrer, Nesso consegue entregar a Dejanira o que diz ser um filtro de amor. Na realidade, esse filtro é uma droga: contém sangue que lhe escorrera da ferida mortal provocada por Hércules.

Depois de acolhidos em Tráquin pelo rei Céix, em cujas campanhas militares vem a participar, Hércules apaixonase por Íole, que tomara como refém. Para reconquistar o amor do marido, Dejanira resolve utilizar o suposto filtro de amor. Tinge uma túnica com a droga que lhe havia dado Nesso e envia-a a Hércules. Mal este a veste, uma queimadura terrível destrói-lhe a pele. Hércules não consegue resistir ao sofrimento e acaba por se imolar no monte Eta. Quando vê o que provocou, Dejanira mata-se, seja com uma espada, seja pela força.

Motivo: *conscientia*

Modo: arma

Temas: antecedentes familiares (mãe), Cálidon, catábase, filtros de amor, Hércules, magia

Fontes:

BNP s.v. Deianira 178

Grimal s.v. Déjanire 119

RE s.v. Deianeira 2378-2381 nº1 (ambas as versões)

Diodoro Sículo, 4.36-38 (Dejanira enforca-se ao conhecer a sua *hamartia* ‘culpa’)

Higino, *Fábulas*, 36 (suicidou-se) 243.3 (matou-se)

Sófocles, *Traquínias*, 879-891 (com arma)

[Van Hoof s.v. Deianeira: pudor, weapons, +, Soph.Trach. 881; p.115-116: espada segundo Sófocles; força segundo Higino (informação errónea)]

DICTE (ver Britomártis)

Nome alternativo de Britomártis, ninfa de Creta. Assediada por Minos, salta para o mar mas é salva por rede de pescadores.

Motivo: *desperata salus*

Modo: afogamento

Temas: assédio sexual, Creta, Minos, pesca, suicídio frustrado

Fontes:

BNP s.v. Dicte 375 (nada diz)

Grimal s.v. Dicté

RE s.v. Britomartis 880-881; s.v. Diktyinna 584-59

[Van Hoof: não regista; regista em Britomartis-Diktyinna]

DIDO 1

A lenda de Dido, rainha de Cartago, está ligada à colonização fenícia do mediterrâneo ocidental.

Perseguida por seu irmão Pigmalião, que já tinha morto o seu marido e tio, Sicarbas, Dido foge de Tiro e estabelece-se em Cartago. Aqui, um rei indígena e vizinho, Iarbas, quer casar com ela e ameaça declarar guerra à cidadela de Cartago se ela o recusar. Pressionada, Dido pede um prazo de três meses, argumentando que a sombra do seu primeiro marido tem de ser apaziguada com sacrifícios. Quando o prazo expira, e para salvar a cidade, sobe para uma pira e mata-se.

Motivo: *devotio*

Modo: imolação pelo fogo

Temas: África, Ásia, Cartago, Fenícia

Fontes:

BNP s.v. Dido 389 (para salvar a cidade)

Grimal s.v. Didon 124; s.v. Sychée 432

RE s.v. Dido 426-433
 [Van Hoof: não consta]

DIDO 2

A história contada na *Eneida* de Virgílio difere um pouco, mas Dido, rainha de Cartago, também se mata depois de se apaixonar por Eneias, que com ela vivera como príncipe consorte, e de este partir sem se despedir. Dido manda construir uma pira e pede a Ana, sua irmã, que lhe ateie fogo enquanto ela se mata com a espada que lhe fora oferecida por Eneias. No meio das chamas, lança imprecações contra Eneias e os troianos.

Quando, no Canto VI da *Eneida*, Eneias a reencontra no Além, Dido vira-lhe costas e refugia-se nos braços do defunto marido, Siqueu, a quem havia jurado fidelidade.

Motivo: *exsecratio*

Modo: arma

Temas: Áfirca, Ásia, coadjuvante, Cartago, desamor, espada do amado, Fenícia, paralelo com Hércules sobre a pira, rainha,

Fontes:

BNP s.v. Dido 389 (segundo Varrão, é Ana que se imola por Eneias)

Grimal s.v. Didon 124; Sychée 432 (suicida-se por remorsos pela infidelidade a Siqueu).

RE s.v. Dido 426-433

Higino, *Fábula*, 243.7

[Van Hoof s.v. Dido: dolor, weapons, +, Verg. *Aen.* 4,642-692]

DIMETES (ver Evópis)

Depois da morte de Evópis, que lançara maldições sobre o marido (ver Evópis, de Trezena), Dimetes encontra na praia o cadáver de uma mulher muito bela, apaixona-se e une-se a ele. O cadáver decompõe-se e Dimetes constrói-lhe um túmulo. Não podendo suportar a dor desta perda, trespassa-se com a sua espada sobre o sepulcro.

Motivo: *dolor*

Meio: espada

Temas: amor macabro, fetichismo, necrofilia, suicídio sobre

túmulo da amada, Trezena

Fontes:

BNP (não consta)

Grimal s.v. Dimoetès 125

RE s.v. Dimoites 649

[Van Hoof s.v. Dimoetes: dolor, weapons, +, Parthenios Er.Path. 31]

DRÍMACO

Os habitantes da ilha de Quios foram os primeiros a comerciar escravos, incorrendo na cólera dos deuses. Muitos dos escravos fogem para as montanhas e, liderados por Drímaco, vão destruindo as terras dos seus antigos donos. Depois de muitas investidas, os habitantes de Quios acabam por fazer um pacto com Drímaco, que, mediante um tributo, se compromete a não atacá-los mais. Com a cabeça a prémio, Drímaco, cansa-se de viver em sobressalto. Convence um jovem que ele ama a cortar-lhe a cabeça e a ir reivindicar o prémio junto dos habitantes de Quios. Depois da morte do seu líder, os escravos retomam a pilhagem. Então, os habitantes de Quios elevam um santuário a Drímaco, que, em sonhos, os avisa quando um escravo prepara alguma conjura contra o dono.

Motivo: *taedium vitae*

Modo: espada

Tópico: mito etiológico, revoltas de escravos, suicídio *manu aliena*

Fontes:

BNP (não consta)

Grimal s.v. Drimacos 129

RE s.v. Drimakos 1708

[Van Hoof: não consta]

ECO (ver Narciso 1)

Na versão de Ovídio, a ninfa Eco, quando se apaixona por Narciso, na Beócia, e é rejeitada, desespera e retira-se para a solidão das grutas, definhando até ser apenas uma voz que geme.

Motivo: *dolor*

Modo: inédia

Motivos: Beócia, desamor, gruta, mito epónimo

Fontes:

BNP s.v. Echo 787-789 (versão de Ovídio); s.v. Narcissus 560-561

Grimal s.v. Narcisse 308-309; s.v. Écho 132-133

RE s.v. Echo 1926-1930; s.v. Narkissos 1721-1733 n°1

Ovídio, *Metamorfoses*, 3. 356-510

Pausânias, 9.31.7-9 (suicídio subentendido; admite paixão pela irmã; diz que a flor existia antes)

[Van Hoof: não consta]

ÉDIPO

Pertence à família real Tebana. É filho de Laio. Sua mãe surge com vários nomes, um deles é Jocasta. Na lenda entrecruzam-se muitas versões. No seguimento de um oráculo, logo que nasce, Édipo é exposto e recolhido por pastores coríntios que o levam a Peribeia e Pólipo, rei de Corinto. Saído da adolescência, vai interrogar o oráculo e fica a conhecer o seu destino: matar o pai (que ele acredita ser Pólipo) e casar com a mãe (que para ele é Peribeia). Querendo fugir à maldição, abandona a suposta casa paterna. Num cruzamento, Édipo mata Laio, seu pai natural, sem o saber (incerto se é antes ou depois da consulta do oráculo). Em Tebas, decifra o enigma da esfinge, que se suicida. Ao libertar Tebas do monstro, casa com a viúva do recém-falecido rei, Jocasta, sua mãe verdadeira. Mas uma peste assola a cidade. Consultado o oráculo através do adivinho Tíresias, e conhecidos os antecedentes de Édipo através de um pastor e de um mensageiro, dá-se a anagnórise e a consciencialização do incesto. Jocasta enforca-se. Édipo cega-se ou, segundo Higino, mata-se.

Motivo: *pudor*

Modo: ?

Temas: Corinto, Édipo, incesto, oráculo, Tebas

Fontes:

BNP s.v. Oedipus 44-48 (não refere suicídio)

Grimal s.v. Oedipe 323-324 (não refere suicídio)

RE s.v. Oidipus 2103-2117

Higino, *Fábulas*, 242.5 (suicidou-se depois de se cegar, por causa de sua mãe)

Sófocles, *Rei Édipo*, 1369

[Van Hoof s.v. Oidipous: pudor, ?,+, Hyg.Fab. 242,4 (errado); cf. p. 118: uma versão diz que se suicida ao saber do incesto; p.270, n.85 remete para Soph.OT. 1369: na verdade, Édipo recusa a ideia de suicídio]

EGÉRIA

Ninfa de Nemi, nas proximidades de Roma, e esposa ou conselheira do rei Numa. Quando este desaparece, morre transformada em fonte, de tantas lágrimas verter. Tinha culto junto da Porta Capena, em Roma. Liga-se ao culto de Diana.

Motivo: *dolor*

Modo: inédia

Temas: amor conjugal, Itália, metamorfose, mito etiológico, perda de marido

Fontes:

Grimal s.v. Egéria 133

BNP s.v. Egeria 838-839 cita versão de Ovídio, *Met.* 15.478-551 (versão usada)

RE s.v. Egeria 1980-1981

Ovídio, *Met.* 15. 547-551

[Van Hoof: não consta]

EGEU

Teseu é filho de Egeu, o rei de Atenas. Retorna da expedição contra o Minotauro. Havia prometido içar as velas brancas se voltasse vivo. No caso de os navios tornarem sem ele, as velas seriam negras. Mas Ariadne, que ele tinha abandonado em Naxos, lança-lhe maldições que o desorientam e Teseu esquece-se de trocar as velas. Seu pai Egeu, que o aguardava na costa, ao avistar as velas negras, julga seu filho morto. Precipita-se ao mar que, desde então, toma o seu nome, o Mar Egeu.

Motivo: *dolor*

Modo: afogamento

Temas: amor paternal, Atenas, Creta, engano, maldições, Minotauro, mito epónimo, navegações, perda de filho,

sacrifícios humanos, Teseu

Fontes:

BNP s.v. Aegeus 187-188 (“Many saw this as part of a collection of proofs, intended to link Aegeus to Poseidon, who likewise claimed fatherhood of Theseus”).

Grimal s.v. Egée 133; s.v. Thésée 450-451

RE s.v. Aigeus, 952-956 n° 1 (atirou-se da Acrópole e foi venerado como herói).

Higino, *Fábulas*, 43.2, 242.1

[Van Hoof s.v. Aigeus: desperata salus, jumping, +, Plout. Thes. 22]

EGINETAS

Irada por os Eginetas prestarem culto à sua rival Ártemis (ou divindade com ela identificada), Hera envia uma terrível peste que os dizima. Muitos, para fugirem à morte, enforcam-se (versão de Ovídio).

A lenda pode relacionar-se com a extrema riqueza histórica e religiosa da sobrepovoada ilha e com episódios vários de conquistas do seu território, com escravização e matança da população aprisionada, como em 424 a. C.

Motivo: *desperata salus*

Modo: força

Temas: Egina, peste, suicídio em massa, vingança divina

Fontes:

Grimal não regista entrada

BNP não regista entrada

RE s.v. Aigina 964-968

Ovídio, *Met.* 7.517-660 (esp. 604-605)

Plutarco, *Nícias*, 6

Tucídides, 4.57

[Van Hoof s.v. Aeginetae: desperata salus, hanging, Ov.Met. 7.604]

ENDEIS (ver Alcíone 2)

[Van Hoof: não regista]

ENONE

Na sua juventude, Páris é afastado de Tróia e vive nas montanhas com a ninfa Enone, filha do deus-rio Cébren. Mas abandona Enone quando Afrodite lhe promete o amor de Helena. Durante o cerco de Tróia, é ferido por uma seta de Filoctetes. Lembrando-se da promessa de Enone — que saberia curá-lo de feridas —, vai ter com ela ou envia mensageiros pedindo ajuda. Mas a ninfa, irritada por ter sido abandonada, recusa o socorro da medicina que Apolo lhe ensinara em troca da sua virgindade. Finalmente arrepende-se, mas será tarde demais, já Páris havia morrido. Atordoada pelo remorso e pela dor, enforca-se ou precipita-se de uma torre ou atira-se à pira fúnebre.

Motivo: *conscientia*

Modo: força

Temas: Apolo, Páris, medicina feminina, Guerra de Tróia, vingança, virgindade

Fontes:

BNP s.v. Oenone 54 n°2 (não refere meio)

Grimal s.v. Oenoné 327 (força ou imolação)

RE s.v. Oinone 2251–2253 n° 2

Apolodoro, 3.12.6 (arrependendo-se, enforcou-se)

Ovídio, *Her.* 5 (só menciona abandono, regresso de Páris com Helena, ciúme de Enone, domínio das ervas medicinais).

[Van Hoof s.v. Oinone: dolor, hanging, +, Apoll. 3.12.6]

ENTÓRIA, quatro filhos de

O camponês Icário oferece hospitalidade a Saturno, que se une à filha deste, Entória. Dessa relação nascem 4 filhos: Jano, Himno, Fausto e Félix. Saturno ensina a Icário a arte de cultivar a vinha e de fazer vinho, recomendando-lhe que partilhe os novos conhecimentos com os vizinhos. Icário assim faz: convida os vizinhos e dá-lhes a beber o vinho, o que os faz cair em letargia. Quando acordam, julgam ter sido envenenados e lapidam Icário. Desgostosos, os seus quatro netos enforcam-se. Logo uma epidemia assola Roma, em consequência da cólera de Saturno, diz o oráculo de Delfos. Para acalmar o deus, Lutácio Cátulo funda o templo de Saturno, no sopé do Capitólio, e um altar ornado com as quatro caras dos filhos de Entória. Além disso,

dá ao primeiro mês do ano a designação de Janeiro, provinda do nome de Jano, filho de Saturno e de Entória.

Trata-se de lenda romana tardia, relatada por Plutarco e relativa à fundação do templo de Saturno, cultuado em Itália.

Motivo: *dolor*

Modo: força

Temas: amor filial, decoração de templo, Dioniso, Itália, mito etiológico, mito epónimo, paralelo com a lenda de Erígone, Saturno, vinho

Fontes:

Grimal s.v. Entoria 139; s.v. Erigoné 145-146 nº1

BNP (não regista entrada)

RE s.v. Entoria 2650

Plutarco, *Obras Morais*, 307e-f

[Van Hoof: não regista]

ERECTEU, filhas de

Erecteu é um herói ateniense e o seu mito está ligado às origens de Atenas, onde tem um culto importante. É filho de Hefesto e da Terra. Entrará na genealogia dos primeiros reis de Atenas como filho de Pandíon I e de Zeuxipe, irmão de Butes, de Filomela e Procne, conhecidos pela sua metamorfose em aves.

À morte de Pandíon, Erecteu sucede-lhe e Butes fica sacerdote de Atena e Posídon, as duas divindades protectoras de Atenas. Erecteu casa com Praxíteia, filha de Frásimo e de Diogeneia.

Durante uma guerra travada entre os Atenienses e os habitantes de Elêusis, estes aliam-se ao trácio Eumolpo, filho de Posídon e de Quíone, bisneto de Erecteu. O herói pergunta ao oráculo de Delfos como podem sair vitoriosos. O oráculo responde que Erecteu deverá sacrificar uma das suas filhas (a filha mais nova). Retornando a Atenas, e dependendo das versões, sacrifica Ctónia ou Protogenia. Mas as irmãs (cujo número varia de versão para versão) tinham feito o juramento de que não sobreviveriam após a sua morte e suicidam-se.

Numa outra versão, elas matam-se em prol do interesse da pátria. Erecteu e os atenienses saem vitoriosos.

Motivo: *devotio*

Modo: arma

Temas: amor fraternal, Atenas, devotio, fides, mito etiológico, perda de irmã, sacrifício feminino, suicídio colectivo

Fontes:

BNP s.v. Erechtheus 21

Grimal s.v. Érechthée 143; s.v. Chthonia 92 n° 2 (suicida-se com as irmãs, depois de Protogenia ter sido sacrificada); versão inglesa s.v. Chthonia (“she killed herself and her sisters”); s.v. Créüse 103

RE s.v. Erechtheus 404-411 n° 1; s.v. Chthonia 2522-25233 n° 4 (sacrificada pelo pai, por indicação do oráculo)

Apolodoro, 3. 15.4-5 (haviam jurado morrer juntas; trad. Loeb)

Higino, *Fábulas*, 46.4 (Ctónia é sacrificada pelo pai em vez do irmão; as irmãs cumprem o juramento e matam-se), 238 (Ctónia sorteada)

[Van Hoof s.v. Erechthei filiae: fides, weapons, +, Apoll. 3,15,4,5]

ERÍGONE 1

Filha de Egisto e Clitemnestra. Na presente versão, consegue que Orestes seja levado a julgamento no tribunal do Aerópago. Mas Orestes é absolvido. Despeitada, Erígone enforca-se.

Motivo: *pudor*

Modo: forca

Temas: Areópago, Atenas, Orestes, intervenção feminina

Fontes:

BNP s.v. Erigone 32 n° 2

Grimal s.v. Érigoné 145 n° 2

RE s.v. Erigone 450-452 n° 1 (aus Gram ‘por despeito’); s.v. Orestes 987 (forca)

[Van Hoof: não regista]

ERÍGONE 2

Icário, ateniense, dá hospitalidade a Dioniso quando ele traz aos homens a sabedoria da vinha e do vinho. Dioniso apaixonou-se por Erígone, filha de Icário, e têm um filho, o herói Estáfilo. Dioniso oferece a Icário um odre de vinho, incentivando-o a partilhá-lo com os seus vizinhos pastores. Mas eles embebedam-se e julgam que Icário os envenenou. Matam-no à paulada e abandonam o

cadáver. O seu cão, Mera, pelo ladrar, revela a Erígone o sítio onde se encontra o cadáver do pai, privado de sepultura. Desesperada, Erígone enforca-se na árvore ao pé da qual está o corpo. Todos seriam transformados em constelações.

Motivo: *dolor*

Modo: força

Temas: amor filial, Atenas, Dioniso, paralelo com Antígona, sepultura, vinho

Fontes:

BNP s.v. Erigone 32 n° 1

Grimal s.v. Érigoné 145 n° 1; s.v. Maera 274

RE s.v. Erigone 450-452 n°2

Higino, *Fábulas*, 130, 243.5

[Van Hoof s.v. Erigone: dolor, hanging, Apoll. 3,14,7,3; cf. p.105, onde a inclui nos suicídios por dolor: “A mother’s death alone is no reason for children to kill themselves — in the case of Ilione both parents were dead. The mythical example of a daughter who follows her father in death is Erigone”]

ERÍGONE 2, companheiras de (ver Erígone 2)

Quando Erígone se enforca na árvore ao pé da qual encontra o corpo do seu pai, Dioniso vinga-se, enviando aos atenienses um terrífico flagelo: enlouquecidas, as raparigas de Atenas enforcam-se. O oráculo de Delfos é então consultado: o deus estaria a vingar a morte de Icário e de Erígone. Os pastores são punidos e institui-se em Atenas o festival dos *Aiora*, durante a qual se suspendem raparigas das árvores, mais tardes simples efígies.

Motivo: *furor*

Modo: força

Temas: Atenas, Dioniso, folclore, mito etiológico, suicídio colectivo

Fontes:

BNP s.v. Erigone 32 n° 1; s.v. Aiora 406-407

Grimal s.v. Érigoné 145-146 n° 1; s.v. Maera 274

RE s.v. Erigone 450-52 n°2

Higino, *Fábulas*, 130.3

Higino, *Astronomia*, 2.4-5

[Van Hoof: não regista]

ERISÍCTON

Herói da Tessália, não temia os deuses. Incorre em *hybris* quando corta um bosque sagrado consagrado a Deméter. Apodera-se dele uma fome insaciável e terrível. É esse o castigo da deusa.

Em poucos dias, o sacrílego Erisícton devora todo o seu patimónio. A sua filha Mestra, que tinha sido amante de Posídon e deste havia recebido o dom de se metamorfosear, vende-se como escrava e depois, tomando nova forma, revende-se novamente. Por esta via, consegue prover ao sustento do pai. Mas Erisícton, na sua loucura, acaba por se devorar a si próprio.

Motivo: *furor*

Modo: inédia

Temas: Deméter, gula, *hybris*, metamorfose, paralelo com Cambles, Posídon, Tessália, vingança divina, pantofagia.

Fontes:

BNP s.v. Erysichton 53

Grimal s.v. Érysichton 148 n° 1 (filha Mnestra); s.v. Mestra 294

RE s.v. Erysichton 571-574 n° 1

Ovídio, *Met.* 8. 725-884 (v. 8.848 e 871-874: é Erisícton que vende e revende a filha)

[Van Hoof: não consta]

ÉSACO

Ésaco é filho de Príamo e de Arisbe. Herda do avô Mérope o legado de interpretar os sonhos. Quando Hécuba está na iminência de dar à luz Páris, sonha que nascerá uma tocha inflamada que incendiará Tróia e as florestas de Ida. Ésaco é chamado a desvendar a mensagem deste sonho. Revela que o nascituro causará a ruína da cidade. Aconselha a darem-lhe morte à nascença.

Pouco depois, a mulher de Ésaco morre, picada por uma serpente. Ésaco atira-se ao mar. Com pena, Tétis transforma-o em mergulhão (lat. *mergus*).

Motivo: *dolor*

Modo: afogamento

Temas: amor conjugal, Ásia, metamorfose, perda de mulher, serpente, sonho, Tróia

Fontes:

BNP (não regista)

Grimal s.v. Aesacos 16

RE s.v. Aisacos 1046

[Van Hoof: não consta]

ESCÉDASO

Escédaso, de Leuctros, tem duas filhas, Hipo e Mólpia, que são violadas por dois lacedemónios, Frurárquidas e Parténio. Humilhadas, enforcam-se. O seu pai, Escédaso, tenta obter junto dos espartanos o castigo dos culpados. Sem esperança de alcançar justiça, suicida-se, invocando as Erínias e amaldiçoando Esparta. Ficou consagrada a expressão *Skedasou katara* ‘maldições de Escédaso’.

Motivo: *exsecratio*

Modo: ?

Temas: Esparta, mito etiológico, Erínias

Fontes:

BNP (não regista)

Grimal s.v. Hippo 211

RE s.v. Skedastos, 465-468

Pausânias 9.13.5 (não indica o meio)

Plutarco, *Obras Morais*, 773b-774c (foram mortas pelos violadores)

[Van Hoof s.v. Skedastos: *exsecratio*, ?, Plout.Mor. 774B]

ESCÉDASO, filhas de (Hipo e Mólpia)

Em Leuctros, Escédaso tinha duas filhas, Hipo e Mólpia, que são violadas por dois lacedemónios, Frurárquidas e Parténio. Em consequência, enforcam-se.

Motivo: *pudor*

Modo: força

Temas: Esparta, estupro, suicídio colectivo

Fontes:

BNP s.v. Hippo (não refere)

Grimal s.v. Hippo 211

RE s.v. Skedastos, 465-468

Pausânias 9.13.5

[Van Hoof s.v. Skedasi et Leuctri filiae: pudor, hanging, +, Diod. 15,53,3; p.117: castidade interessa ao bem-estar social]

ESFINGE

A Esfinge é um monstro feminino. Tem a forma de uma mulher, o peito, as patas e a cauda de um leão e as asas de uma árvore de rapina. Assola a região de Tebas matando os viajantes que não decifram os enigmas que lhes coloca.

Mas Édipo resolve o enigma da Esfinge e o monstro atira-se do alto do rochedo onde se encontra.

Motivo: *pudor*

Modo: precipitação

Temas: esfinge, hibridismo, vampirismo, perigos das viagens, Tebas

Fontes:

BNP s.v. Sphinx 733

Grimal s.v. Sphinx 428; s. v. Créon 101-102 n° 2

RE s.v. Sphinx 1723

Diodoro Sículo, 4.64.4

Higino, *Fábulas*, 67.5

[Van Hoof s.v. Sphinx: pudor, jumping, +, Diod. 4,64,4]

ESMIRNA (ver Mirra)

ÉSON (ver Alcímede; ver Jasão)

Éson é filho de Creteu e de Tiro, pai de Jasão. O seu meio-irmão Pélias retira-lhe o reino de Iolcos, que Creteu lhe havia legado, e envia Jasão à conquista do velo de ouro. Quando se espalha a notícia de que os Argonautas haviam perecido, Pélias decide matar Éson. Mas este implora ser ele a escolher a forma de morrer e envenena-se com sangue de touro.

Motivo: *necessitas*

Modo: veneno

Temas: Argonautas, Iolcos, Jasão, ódio fraternal

Fontes:

BNP s.v Aeson 254-255 n° 1 (fontes sobre suicídio: Apolodoro, Diodoro Sículo, Valério Flaco)

Grimal s.v. Aeson 16

RE s.v. Aison 1086-1087 n° 3 (várias versões da morte: ou voluntariamente ou obrigado)

Apolodoro, 1.9.27

Diodoro, 4.50 (Pélias força o pai de Jasão a beber sangue de touro; a mãe de Jasão, Anfínome, lança maldição e mata-se com espada)

Valério Flaco, 1.761-818 (chorando o filho, Alcímede decide morrer com o marido por ingestão de sangue de touro)

[Van Hoof: não regista]

ESTENEBEIA (cf. Anteia)

Estenebeia, que aparece em Homero com o nome de Anteia, é mulher do rei Preto e o casal habita em Tirinte. Os filhos são Megapentes e as Prétides. Estenebeia é seduzida pela beleza do recém-chegado Belerofonte, mas o jovem recusa os seus avanços. Estenebeia calunia-o perante Preto de ter tentado violá-la. Este, que não pode matá-lo devido a um interdito religioso (tinha-o purificado de um homicídio), e por afeição, envia-o para a Lícia com uma carta dirigida ao sogro, Ióbates, onde pede que mate o seu portador. Mas, por novo interdito (deveres de hospitalidade), Ióbates em vez de o matar, destina-lhe vários trabalhos perigosos, como matar a Quimera. Belerofonte escapa ao destino e volta a Tirinte para se vingar das calúnias. Estenebeia tenta fugir montada no cavalo Pégaso mas Belerofonte fá-la cair no mar (versão homérica, com paralelo em Eurípides).

Higino diz que Estenebeia se suicida por amor a Belerofonte, ou quando sabe que este casou (*Fab.*243), ou vai casar com a sua irmã, como prémio por ter morto a Quimera (*Fab.*57). Segundo um escólio às *Rãs* de Aristófanes, bebeu cicuta.

Motivo: *dolor*

Modo: afogamento

Temas: adultério, amizade, beleza, carta, desamor, hospitalidade, interditos religiosos e culturais, paralelo com Fedra / Hipólito, Quimera, vingança feminina

Fontes:

BNP s.v. Stheneboea 832; s.v. Bellerophontes, Bellerophon 587-588

Grimal s.v. Sthénébée 429; s.v. Bellérophon 64-65 (interdito religioso)

RE s.v. Stheneboia 2468 (fala em furor curado, não refere suicídio); s.v. Bellerophon 241-251, esp. 250-251 (versão do suicídio)

Higino, *Fábulas*, 57 (casamento com a segunda irmã foi reconhecimento por ter matado a Quimera), 243.2 (suicida-se por amor)

[Van Hoof s.v. Stheneboia: dolor, ?, +, Hyg.Fab. 57,5]

ESTRÍMON

Estrímon, um dos três mil filhos de Oceano e de Tétis, é rei da Trácia. Quando o seu filho Reso é morto em Tróia, Estrímon, desesperado, atira-se ao rio Palestino, que passa a ter o seu nome.

Motivo: *dolor*

Modo: afogamento

Temas: amor paternal, Guerra de Tróia, hidrónimo, Trácia, Tróia

Fontes:

BNP s.v. Strymon 889 (não refere mito)

Grimal s.v. Strymon 431

RE s.v. Strymon 390-394 n^o2

[Van Hoof: não regista]

ETRA

Filha de Piteu, rei de Trezena, mãe de Teseu. Na versão de Higino, suicida-se devido ao desgosto causado pela morte do(s) filho(s).

Motivo: *dolor*

Modo: ?

Temas: amor maternal, Teseu, Trezena, sexualidade dos deuses

Fontes:

BNP s.v. Aethra 271 (não refere suicídio)

Grimal s.v. Aethra 17 (não refere suicídio)

RE s.v. Aithra 1107-1109 n^o 1 (suicídio, Hyg. Fab. 243)

Higino, *Fábulas*, 243.2 (morte de filhos)

Pausânias, 2.33 (não refere morte)
 [Van Hoof s.v. Aithra: ?, dolor, +, Hyg.Fab. 243,2]

EUFRATES

Eufrates tem um filho chamado Axurtas. Um dia encontra o filho adormecido ao pé de sua mãe. Pensando tratar-se de um estranho, mata-o. Descoberto o equívoco, atira-se ao rio Medo, que passa a chamar-se Eufrates.

Motivo: *dolor*

Modo: afogamento

Temas: amor paternal, Assíria, engano, mito epónimo, hidrónimo, perda de filho

Fontes:

BNP s.v. Euphrates 185-187 (nada diz)

Grimal s.v. Euphratès 151

RE s.v. Euphrates, 1295-1216, esp. 1215-1216, nº 2 (Eufrates era filho de Arandakes); s.v. Xarandas 1408

[Van Hoof s.v. Euphrates: inpatientiae doloris, poison, +, Cass.Dio 69,8,3]

EUQUENOR

Polido, adivinho coríntio, anuncia ao filho, Euquenor, que este morrerá em sua casa de doença ou na Guerra em Tróia. Euquenor prefere partir para a guerra. É atingido por uma seta de Páris.

Motivo: *necessitas*

Modo: arma

Temas: Corinto, destino, *provocatio*, Guerra de Tróia, suicídio *manu aliena*

Fontes:

BNP s.v. Polyidus 527 nº1

Grimal s. v. Euchénor 149; s.v. Polyidos 385

RE s.v. Euchenor 881; s.v. Polyidos 1648-1662

[Van Hoof: não consta]

EURÍDICE

Eurídice é mulher de Creonte, rei de Tebas. A dor pela perda

do filho Hémon, que se matara por Antígona, leva-a a enforcar-se.

Motivo: *dolor*

Modo: força

Temas: amor maternal, Antígona, Creonte, perda de filho, suicídio solidário, Tebas

Fontes:

BNP s.v. Antigone 745-746 n° 3; s.v. Eurydice (não regista esta personagem)

Grimal s.v. Eurydice 152 n° 5; s.v. Antígona 38 “enfermée vivante dans le tombeau des Labdacides”

RE s.v. Eurydike 1322-1327 n°5

Sófocles, *Antígona*, 1263, 1282-1283 (suicidou-se com arma), 1301-1305 (trespassa-se junto de um altar, lançando maldições sobre Creonte), 1315-1316

[Van Hoof s.v. Euridyke Creontis uxor: dolor, weapons, +, Soph.Ant. 1282, 1315]

EVADNE

Capaneu, filho de Hipónomo, é um dos sete príncipes Argivos que integram a expedição dos Sete contra Tebas. Não teme os deuses e, no primeiro ataque à cidade, quer incendiá-la. Os raios de Zeus param-no no momento em que vai escalar o muro de Tebas e castigam a sua *hybris* com a morte. A sua mulher Evadne, filha de Ífis, lança-se na pira onde o corpo de Capaneu é incinerado.

Motivo: *dolor*

Modo: imolação pelo fogo

Temas: amor conjugal, *hybris*, perda do marido, Sete Contra Tebas, Tebas, Zeus

Fontes:

BNP 242 n° 2

Grimal s.v. Capanéé 78; s.v. Évadné 155 n° 2; s.v. Iphis 236-237 I n° 1

RE s.v. Euadne 818 n° 2

Eurípides, *Suplicantes*, 984-1071

Higino, *Fábulas*, 243.2

Propércio, 1.15.17-18

[Van Hoof s.v. Euadne Kapanei filia: dolor, fire, +, Eur.Hik. 1016]

EVENO

Eveno é rei da Etólia, filho de Ares e de Demonice. Matava todos os pretendentes da sua filha Marpessa e ornava o templo de Posídon com os seus crânios. Mas Idas rapta Marpessa e oferece-a a Apolo. Eveno persegue Idas, que foge no carro alado oferecido por Posídon. Não o conseguindo apanhar, Eveno mata os seus cavalos e afoga-se no rio Licornas, que desde então se chama Eveno.

Motivo: *pudor*

Modo: afogamento

Temas: Etólia, mito hidrónimo, Posídon, virgindade guardada pelo pai

Fontes:

BNP s.v. Evenus 248-249 n° 3 (nada diz)

Grimal s.v. Événos 156; s.v. Idas 226-227 (mito etiológico comparável ao de Hipodamia relativo aos Jogos Olímpicos)

RE s.v. Euenos 974-977 n° 3

Higino, *Fábulas*, 242.1

[Van Hoof s.v. Euenos: pudor, jumping, +, Hom.II.Schol. 9,557-558]

EVÓPIS (cf. Dimetes)

Dimetes casa com Evópis, filha do seu irmão Trezén. Mas Evópis ama o seu próprio irmão. Dimetes apercebe-se e conta a Trezén. Descoberto o segredo, toldada pela humilhação e pelo medo, Evópis enforca-se, lançando maldições sobre Dimetes.

Motivo: *exsecratio*

Modo: forca

Temas: desamor, incesto, Trezena

Fontes:

BNP (não regista entrada)

Grimal s.v. Dimoetès 125

RE s.v. Euopis 1158-1159

[Van Hoof s.v. Euopis: pudor, hanging, +, Parthenios Er.Path. 31]

FÁSIS

Ocíroo é o nome de várias ninfas e de divindades relacionadas com a água e as fontes. Neste caso, é uma das filhas de Oceano. Esta Oceânide une-se a Hélio e concebe um filho, Fásis. Este surpreende-a um dia com um amante e mata-a. Perseguido pelas Erínias, atira-se ao rio Arcturo, que passa a chamar-se Fásis (o Faso).

Motivo: *fúror*

Modo: afogamento

Temas: adultério, Erínias, Hélio, mito epónimo, hidrónimo, mito etiológico

Fontes:

BNP s.v. Phasis 941 n°1 (nada diz)

Grimal s.v. Ocyrrhoé 322, n° 1; s.v. Phase 365

RE s.v. Phasis 1886-1898 (não refere mitónimo); s.v. Okyrrhoë 2394-2395 n°1

[Van Hoof: não regista]

FEDRA

Hipólito é filho de Teseu e da Amazona Hipólita (ou Melanipo ou Antiópa). Da mãe herda o gosto pela caça e pelos bosques. Despreza Afrodite e a divindade dilecta é Ártemis, deusa da caça. Afrodite vingá-se então de Hipólito suscitando em Fedra, a segunda mulher de Teseu, uma paixão proibida pelo seu enteado. Mas Hipólito é avesso a mulheres e recusa-a. Temendo que o enteado a denuncie a Teseu, Fedra acusa Hipólito de tentar violentá-la. Os seus intentos são alcançados. Teseu enche-se de raiva para com o filho e quere-o morto. Para não ser ele a executar a sentença emocional, recorre a Posídon, que lhe havia prometido cumprir três desejos que formulasse. O deus envia então um monstro marinho que se lança sobre Hipólito enquanto este conduz o seu carro em Trezena, à beira-mar. Os cavalos assustam-se, Hipólito cai, é arrastado até aos rochedos, preso pelos pés nas rédeas, e morre. Fedra, desesperada, invadida pelos remorsos, enforca-se.

Motivo: *conscientia*

Modo: forca

Temas: Afrodite, misoginia, *theriodes bios*, vingança divina, Trezena

Fontes:

BNP s.v. Phaedra 894 (Fedra suicida-se quando o seu amor por Hipólito se torna público)

Grimal s.v. Phèdre 365; s.v. Hippolyte 212-213

RE s.v. Phaidra 1543-1552 n° 1

Eurípides, *Hipólito*, 275-277 (há nove dias sem comer, suicídio frustrado por inédia) e 723-731 (projecta suicídio com *exsecratio*)

Higino, *Fábulas*, 243.5

Sêneca, *Fedra*, 258-266 (ameaça de suicídio dissuadido pela ama); 868 ss: projecta suicídio; 893: pudor; 1197-1200 (mata-se com a espada, por *mala conscientia*)

[Van Hoof s.v. Phaidra 1: dolor, inedia, –, Eur.Hip. 277]

[Van Hoof s.v. Phaidra 2: pudor, hanging, +, Eur.Hip. 726]

FÉNIX

A ave Fénix, quando sente que a morte está próxima, forma um ninho com plantas aromáticas, incenso e amomo. Numa das tradições, a Fénix deita-se sobre o ninho e morre, impregnando-se da sua semente, donde nasce uma nova Fénix. Na outra, provoca a combustão desse ninho para renascer das cinzas.

Motivo: *taedium vitae*

Modo: imolação pelo fogo

Temas: autocombustão, eternidade, eterno retorno, eutanásia, fogo purificador, morte e vida, paralelo com Hiperbóreos, ressurreição

Fontes:

BNP s.v. Phoenix 170-174 n°5 (autocombustão)

Grimal s.v. Phénix 365-366

RE s.v. Phoinix 386-436 n°5, p. 414-423 (símbolo da eternidade)

[Van Hoof: não regista]

FÍLIS

Quando regressa de Tróia, Demofonte (ou seu irmão Acamante), filho de Teseu e de Fedra (noutras versões, de Teseu e de Ariadne), naufraga na Trácia, perto da foz do Estrímon. A princesa local, Fílis, filha de Cíaso (ou Licurgo, ou Fileu), rei

de Anfípolis, apaixonou-se pelo hóspede que seu pai protegera. Quando Demofonte decide viajar para Atenas, prometendo voltar, Fílis presenteia-o com um cofre que contém os objectos consagrados à Grande Mãe Reia. Recomenda-lhe que o abra apenas no caso de perder toda a esperança de voltar a vê-la.

O tempo passa e, no dia aprazado, Fílis por nove vezes caminha em vão até ao porto na esperança de ver o amante / marido regressar. Desesperada, amaldiçoa-o e enforca-se.

Nesse mesmo dia, Demofonte, que se instalara em Chipre e aí casara, abre a caixa, donde sai um espectro que assusta o seu cavalo. Galopando desarvorado, Demofonte cai sobre a sua espada e é ferido mortalmente.

O caminho nove vezes feito por Fílis passou a chamar-se “Os Nove Caminhos”.

No âmbito do mito cabe o enforcamento e metamorfose de Fílis em amendoeira sem folhas, existindo versões complementares: Demofonte torna à Trácia e beija a amendoeira, que se cobre de folhas. A folha passa a chamar-se (*phylla*), do nome de Fílis, perdendo a designação anterior, pétalas.

Noutra versão, a amendoeira plantada sobre a campa de Fílis perdia as folhas na efeméride da morte.

Motivo: *exsecratio*

Modo: força

Temas: Atenas, desamor, Guerra de Tróia, magia, mito epónimo, corónimo, naufrágio, príncipe estrangeiro, simbologia dos números, Trácia, Tróia, viagens

Fontes:

BNP s.v. Phyllis 214 n° 1

Grimal s.v. Phyllis 375; s.v. Démophon 121-122

RE s.v. Phyllis 1021-1025 n° 3

Higino, *Fábulas*, 59 e 243

Ovídio, *Ep.* 2

[Van Hoof s.v. Phyllis: dolor, hanging, +, Hyg.Fab. 243,6]

GANGES

Ganges, é filho de Indo e da ninfa Caláuria. Certo dia, estando bêbado, une-se à sua mãe. Quando acorda, desesperado, atira-se ao rio, o qual, chamado até então Clíaro, passa a chamar-se Ganges.

Motivo: *pudor*

Modo: afogamento

Temas: incesto, Índia, mito epónimo, hidrónimo, vinho

Fontes:

BNP s.v. Ganges 688 (nada diz)

Grimal s.v. Gangès 163

RE s.v. Ganges 703-707 n°1

[Van Hoof: não regista]

GLAUCE (ver Creúsa)

[Van Hoof: não regista]

GLAUCO

Glauco banha-se numa fonte que lhe confere a imortalidade. Como ninguém acredita no facto, atira-se ao mar. Noutra versão, fá-lo quando envelhece. A localização refere-se à cidade de Antédon, crético-micénica.

É metamorfoseado em deus marinho, híbrido, com numerosos cultos e variações na sua lenda. Anuncia a morte a quem o divisa.

Motivo: *iactatio*

Modo: afogamento

Temas: Creta, Micénicos, mito etiológico, metamorfose

Fontes:

BNP s.v. Glaucus 868-870

Grimal s.v. Glaukos 166-167 n° 3

RE s.v. Glaukos 1407-1423 n° 8

[Van Hoof s.v. Glaukos: furor, jumping, +, Athen. 7,297A]

GORGE

É filha de Megareu e casada com Corinto, o fundador da cidade de Corinto. Os filhos são massacrados e Gorge, desesperada, atira-se a um lago, que toma o nome de lago Gorgópis.

Motivo: *dolor*

Modo: afogamento

Temas: amor maternal, Corinto, mito epónimo, hidrónimo, perda de filhos

Fontes:

BNP (não regista entrada)

Grimal s.v. Gorgé 167-168 n° 2

RE Gorge 1596-1597 n° 3 (considera-a mãe de Megareu)

[Van Hoof: não regista]

HÁLIA

Hália é uma heroína de Rodes, irmã dos Telquines. Unida a Posídon, além de uma filha, Rodo, que dará o seu nome à ilha de Rodes, tem seis filhos. Afrodite enlouquece-os e eles tentam violar a mãe. Posídon, com o seu tridente, fá-los serem engolidos pela terra. Hália, desesperada, atira-se ao mar.

Os habitantes de Rodes prestam-lhe culto de divindade marinha com o nome de Leucótea.

Motivo: *dolor*

Modo: afogamento

Temas: Afrodite, estupro, incesto, mito etiológico, Posídon, Rodes, vingança divina

Fontes:

BNP s.v. Halia 1109 n° 2 (“The sons were driven insane by Afrodite as punishment for their hubris and raped their mother”)

Grimal s.v. Halia 173 n° 1

RE s.v. Halia 2232-2241 n° 2

[Van Hoof s.v. Halia: pudor, jumping, +, Diod. 5,55,7]

HALIÁCMON

Um habitante de Tirinte, chamado Haliácmon, num acesso de loucura atira-se ao rio Carmanor, afogando-se. O rio toma o seu nome.

Motivo: *furor*

Modo: afogamento

Temas: mito epónimo, hidrónimo, Tirinte, Argólida

Fontes:

BNP s.v. Haliacmon 1109 (nada diz)

Grimal s.v. Haliacmon 173 n° 2

RE s.v. Haliakmon 2241 (não menciona lenda)

[Van Hoof: não regista]

HARPÁLICE 1 (ver Clímeno)

Filha de Epicaste e do argivo Clímeno, de Argos. Seu pai abusa dela e assume a relação em público. Harpállice suicida-se.

Noutras versões é transformada em ave nocturna ou morta pelo pai. Ou mata o filho da relação incestuosa, servindo-o a seu pai.

Motivo: *pudor*

Modo: ?

Temas: antropofagia, Argos, filicídio, incesto, metamorfose

Fontes:

BNP s.v. Harpalyce 1148 n°2 (não explicita suicídio)

Grimal s.v. Harpalycé 174-175 n° 2

RE Harpalyke 2401-4044 n° 3

[Van Hoof s.v. Harpalyke: pudor, ?, +, Parthenios Er.Path.13]

HARPÁLICE 2

Rejeitada por Ífis ou Íficles, que ela amava, matou-se. Poderá ser mito etiológico de um canto lamentoso homónimo.

Motivo: *dolor*

Modo: ?

Temas: desamor, mito etiológico

Fontes:

BNP s.v. Harpalyce 1148 n° 3

Grimal s.v. Harpalycé 174-175 n° 3 (não indica localização)

RE s.v. Harpalyce 2401-2044 n° 2

[Van Hoof: não consta]

HÉCUBA

A troiana Hécuba, mulher de Príamo, personifica a desgraça devido à sua sorte atribulada. Entre numerosas lendas sobre esta personagem, existe uma que narra o que lhe aconteceu depois da queda de Tróia. Cativeira, é enviada para a Grécia. Mas, no barco, transforma-se em cadela e atira-se borda fora para não servir Ulisses.

Mito etiológico de um escolho marinho chamado *kynos sema* ‘túmulo da cadela’. Ligação ao culto de Hera na Ásia Menor.

Motivo: *pudor*

Modo: afogamento

Temas: Ásia, Guerra de Tróia, hibridismo, Mediterrâneo, metamorfose, misoginia, mito etiológico, Tróia

Fontes:

BNP s.v. Hecabe 34-35 ()

Grimal s.v. Hécube 177-178

RE s.v. Hekabe 2652-2662

Higino, *Fábulas* 111 (mudança em cadela); 243.1 (afogamento)
[Van Hoof s.v. Hekabe: desperata salus, jumping, +, Hyg.Fab. 111]

HELENA

Helena de Esparta é filha de Zeus e de Némesis, que, sob a forma de ovo, a entrega a Leda (em Homéro é filha de Zeus e de Leda). Na versão de origem ródia, contada por Pausânias, depois da morte de Menelau e enquanto Orestes é perseguido pelo mundo fora pelas Erínias, os enteados de Helena, Nicóstrato e Megapentes, expulsam-na de Esparta. Helena refugia-se em Rodes, junto de Polixo, cujo marido, Tlepólemo, havia morrido na Guerra de Tróia combatendo do lado grego. Polixo recebe-a aparentemente com amizade, mas na realidade arquitecta um plano de vingança. Veste as suas servas de Erínias e manda-as atormentar Helena durante o banho. Helena não aguenta a tortura e enforca-se.

Noutra versão, quando é ameaçada de enforcamento, Menelau salva-a, substituindo-a por uma escrava vestida como se fosse a própria Helena.

Pode tratar-se de etiologia do culto de Helena Dendritis em Rodes (*dendron* ‘árvore’), acaso um plátano, sob a qual nascia o helénio, antídoto contra a mordedura de serpentes.

Motivo: *furor*

Modo: força

Temas: Ásia, beleza feminina, engano, Erínias, Esparta, Guerra de Tróia, Helena, mito etiológico, Rodes

Fontes:

BNP s.v. Helena 62-64 (não refere suicídio); s.v. Polyxo 539 nº3
 Grimal s.v. Hélène 178-182 (suicídio); s.v. Polyxo 388 nº 2
 (suicídio); s.v. Dendritis 122-123 (homicídio)

RE s.v. Helena 2823-2837 nº 3; s.v. Polyxo 1859-1864 nº 5
 Eurípides, *Helena*, 298-305 (Helena projecta usar arma, não
 força)

Pausânias, 3.19.9-10 (Polixo mandou as suas servas vestidas
 de Erínias agarrar Helena durante o banho e enforcá-la numa
 árvore)

[Van Hoof s.v. Helena dolens: mala conscientia, weapons, –,
 Eur.Hel. 298+235]

[Van Hoof s.v. Helena in Troia: pudor, ?, –, Hom.II. 3.173]

[Van Hoof s.v. Helena petita: fides, weapons, –, Eur.Hel. 839]

[Van Hoof s.v.: Helena repetita: desperata salus, poisons, –,
 Soph.Frg.Radt.178]

HELÍADES

Filhas e filhos de Hélio e de Clímene, da ilha de Rodes, são em
 número de sete. As irmãs, que tinham aparelhado os cavalos sem
 autorização paterna, choram tantas lágrimas à morte do irmão
 Faetonte que são transformadas em choupos.

Motivo: *dolor*

Modo: inédia

Temas: amor fraternal, metamorfose, paralelo com Cicno,
 perda de irmão, Rodes

Fontes:

BNP; s.v. Phaëton 905 nº3; s.v. Helliadae 68 (não refere)

Grimal s.v. Héliades 183 nº 1; s.v. Phaëton 363-364 nº 2

RE s.v. Heliadai 2849-2852 (vago); s.v. Phaethon 1508-1515
 (explicita a versão)

Higino, *Fábulas*, 152, 154

[Van Hoof: não regista]

HÉMÓN

Noivo de Antígona e filho de Creonte, rei de Tebas (portanto
 Antígona e ele são primos). Quando Antígona é condenada à
 morte por Creonte e encerrada no túmulo dos Labdácidas,

Hémon vai tentar salvá-la e, ao encontrá-la morta, suicida-se.

Motivo: *dolor*

Modo: arma

Temas: amor e morte, conflito pai / filho, suicídio duplo, Tebas

Fontes:

BNP s.v. Haemon 1090-1091 n°5; s.v. Antigone 745-746 n°3

Grimal s.v. Haemon 172 n°1

RE s.v. Haimon 2217-2219 (não refere suicídio); s.v. Antigone 2401-2404 n° 3

Higino, *Fábulas*, 72

Sófocles, *Antígona*, 1175 (suicídio), 1231-1237 (espada)

[Van Hoof s.v. Haimon: desperata salus, weapons, +, Soph. Ant. 1234-1239]

HÉRACLES I (ver Dejanira)

Na versão que se encontra nas *Traquínias* de Sófocles e no *Hércules sobre o Eta* de Séneca, atormentado pelas dores causadas pelo veneno impregnado na túnica que Dejanira lhe oferecera, Hércules decide imolar-se numa pira que ele mesmo constrói sobre o monte Eta, pedindo aos seus escravos que lhe ateiem fogo, o que eles recusam fazer. É Neoptólemo quem satisfaz esse pedido, recebendo como recompensa o arco e as flechas do herói (nas *Traquínias*, 1191 e ss., é Hilo quem ateia o fogo). Entretanto, Hércules é arrebatado para o céu no meio de sinais de tempestade.

O mito está relacionado com cultos do fogo realizados no cimo do monte Eta.

Numa variante da lenda, quando a túnica se inflama, Hércules atira-se ao rio para apagar o fogo e morre afogado. O local passou a chamar-se Termópilas, do nome grego que quer dizer ‘quente’.

Motivo: *impatientia doloris*

Modo: imolação pelo fogo

Temas: Eta, Hércules, magia, suicídio manu aliena, mito etiológico

Fontes:

BNP s.v. Heracles 156-163 (versão apresentada)

Grimal s.v. Héraclès 187-203 (3 versões, incluindo a do *Hércules Furioso* de Eurípides e o de Séneca)

RE s.v. Herakles 516-528 (etimologia do nome)

Eurípides, *Hércules Furioso*, 1247 (mortos os filhos, deseja de morrer, Teseu dissuade-o)

Higino, *Fábulas*, 36.3 (atira-se ao rio), 36.5 (morre no Eta)

Sófocles, *Traquíncias*, 1253-1254 (imolação pelo fogo)

[Van Hoof: Herakles: impatientia doloris, fire, +, Soph.Trach. 1252 sqq.]

[Van Hoof: Herakles furens: dolor, fire, -, Eur.Her. 1246]

HÉRACLES 2 (ver Sileu, filha de)

Na Tessália, Hércules mata o prepotente e injusto Sileu e é acolhido em casa do irmão deste, Diceu ‘O Justo’, onde se apaixona pela filha do assassinado, a qual habitava com o tio e se chamaria Xenódice. Quando o amado tem de se ausentar por algum tempo, a jovem não consegue suportar a ausência e morre.

Regressado, Hércules quer atirar-se à pira fúnebre, mas é impedido.

Motivo: *dolor*

Modo: imolação pelo fogo

Temas: amor conjugal, Hércules, perda de mulher, suicídio frustrado, Tessália

Fontes:

BNP s.v. Herakles 156-163 (nada diz); s.v. Syleus 986 (não refere suicídio)

Grimal s.v. Sylée 432-433; s.v. Héraclès 187-203

RE s.v. Syleus 1039-1040

[Van Hoof: não regista]

HERMÍONE

Hermíone, filha de Helena e de Menelau, é casada com Neoptólemo e não tem filhos. Procura matar Andrómaca, a troiana que fora concubina do marido, e o filho desse concubinato, Molossos. Quando, nesse objectivo, se sente abandonada por seu pai Menelau e receia a reacção do marido, tenta suicidar-se enforcando-se (como já projectara várias vezes anteriormente), ou trespassando-se com uma espada, mas é impedida pela ama e pela criadagem (versão de Eurípides).

Motivo: *conscientia*

Modo: força

Temas: Esparta, esterilidade feminina, Guerra de Tróia, suicídio frustrado

Fontes:

BNP s.v. Hermione (não refere suicídio)

Grimal s.v. Hermione 207-208 (não refere suicídio)

RE s.v. Hermione 841-844 n° 4

Eurípides, *Andrômaca*, 802-827

[Van Hoof s.v. Hermione: mala conscientia, hanging, –, Eur. Andr. 811]

HERO

Leandro e Hero, sacerdotisa de Afrodite, amam-se. Leandro vive em Abido e Hero mora do outro lado do Helesponto, em Sestos. Todas as noites Leandro atravessa o estreito a nado, guiado pela luz que Hero acende no cimo da torre de sua casa. Mas, numa noite de tempestade, a luz apaga-se e a escuridão não permite a Leandro reencontrar a costa. No dia seguinte, a maré leva o cadáver até à praia de Hero, que, não querendo sobreviver ao amado, se atira da torre.

Motivo: *dolor*

Modo: precipitação

Temas: Ásia, Europa, amor contrariado

Fontes:

BNP s.v. Hero 244

Grimal s.v. Léandre 255

RE s.v. 909-916 n° 1

[Van Hoof s.v. Hero: desperata salus, jumping, +, Musaios 341]

HERSE (ver Cécrops, filhas de)

[Van Hoof s.v. Hero: desperata salus, jumping, +, Musaios 341]

HIDASPES

A filha Crisipa apaixonou-se pelo pai Hidaspes e, através de um estratagema, com a ajuda da ama, consegue ter relações sexuais com ele. Ao descobrir o engano, Hidaspes empala a filha

e mata-se atirando-se ao rio da região de Punjab, que recebe o seu nome.

Motivo: *pudor*

Modo: afogamento

Temas: ama, Ásia, engano, hidrónimo, incesto, Índia, mito epónimo

Fontes:

BNP s.v. Hydaspes 597-598 (não consta como mitónimo)

Grimal (não regista)

RE s.v. Chrysippe 2498 n° 3; s.v. Hydaspes 34-39 (não refere mitónimo)

[Van Hoof: não regista]

HÍADES

As Híades, duas a sete, conforme a versão, filhas de Atlas (ou de outrem) e de Plêione, irmãs de Hias e das Pléiades, teriam sido amas de Dioniso, com o nome de “Ninfas do Nisa”.

Ao verem seu irmão Hias morto por uma fera, numa caçada, por desgosto, afogam-se. Zeus transforma-as em constelação (Híades).

O seu nome pode ainda relacionar-se com o termo grego para chover (*hyein*), pois anunciam a época das chuvas.

Motivo: *dolor*

Modo: afogamento

Temas: amor fraternal, caça, metamorfose, mito etiológico, Nisa (Pártia, Ásia), perda de irmão, suicídio colectivo

Fontes:

BNP s.v. Hyades 590-591 (“forced to throw themselves into the sea”); s.v. Hyas 593 (“died of grief”)

Grimal s.v. Hyades 215; s.v. Hyas 215 (suicídio); s.v. Pléiades 379 (assedeadas pelo caçador Oríon, transformam-se em pombas e Zeus converte-as em constelação; ou por desgosto pela morte do pai; ou pela morte do irmão)

RE s.v. Hyaden 2615-2624

Higino, *Fábulas*, 182, 192

Ovídio, *Fastos*, 5.159-182

[Van Hoof: não regista]

HILÓNOME

O centauro Cílaro morre no confronto entre os Centauros e os Lápitas, no casamento de Pirítoo, na Tessália. Sua mulher, a centaura Hilónome, não querendo sobreviver-lhe, mata-se com o mesmo dardo que o havia trespassado e morre enlaçada a ele.

Motivo: *dolor*

Modo: arma

Temas: amor conjugal, Centauros, perda do marido

Fontes:

BNP (não regista entrada)

Grimal s.v. Hylonomé 216; s.v. Cyllaros 110

RE s.v. Kyllaros 2454 (não regista esta lenda)

Ovídio, *Met.* 12.393-428 (419: *iaculum* ‘dardo’)

[Van Hoof: não regista]

HÍMERO

Lacedémon é filho de Taígete e de Zeus. Casa-se com Esparta, filha do rei Eurotas. Este morre sem filhos e lega-lhe o seu reino. Lacedémon dá o seu nome ao povo dos Lacedemónios e o da sua mulher a Esparta, a capital.

Deste casamento nascem filhos, entre eles Hímero. Este, depois de violar a sua irmã Ásina ou Cleódice, com os remorsos, atira-se ao rio Máraton, que toma o seu nome, mais tarde passando a Eurotas.

Motivo: *conscientia*

Modo: afogamento

Temas: Esparta, esturpo, hidrónimo, incesto, mito epónimo

Fontes:

BNP (não regista entrada); s. v. Lacedaemon 141-142 (nada diz)

Grimal s.v. Lacédaemon 247

RE s.v. Himeros 1635-1640 n° 3

[Van Hoof: não regista]

HIPERBÓREOS

O país dos Hiperbóreos, ligado ao culto de Apolo, é idealizado como um país da utopia, situado no extremo norte. As suas gentes têm uma vida longa e bem-aventurada. Quando, na velhice,

entendem que a vida já foi aproveitada o suficiente, atiram-se do alto de uma falésia ao mar, com a cabeça coroada de flores, felizes por irem ao encontro da morte.

Motivo: *taedium vitae*

Modo: afogamento

Temas: Apolo, eutanásia, Hiperbóreos (Europa do Norte), velhice

Fontes:

BNP s.v. Hyperborei 630-631 (não refere)

Grimal s.v. Hyperboréens 217-218

RE s.v. Hyperboreer 258-279, especialmente 274-275

[Van Hoof: não regista]

HIPO (ver Escédaso, filhas de)

[Van Hoof s.v. Hippo: pudor, jumping, +, Val.Max. 6,1,ext.1]

HIPODAMIA

É filha de Enómao. Hipodamia vê o marido Pélops preferir Crisipo, fruto de um primeiro casamento com Axíoque, em detrimento dos dois filhos em comum, Atreu e Tiestes. Incita-os a assassinar o meio-irmão. Estes, perseguidos pela maldição paterna, fogem, levando Hipodamia, que se suicida.

Motivo: *conscientia*

Modo: ?

Temas: Atridas, *noverca*, Pélops, Pisa (Élide)

Fontes:

BNP s.v. Chrysippus 288 n°1; s.v. Hippodamia 364 n°1 (matam o meio-irmão; descoberto o crime, fogem e Hipodamia suicida-se)

Grimal s.v. Hippodamie 211-212 (não fala em suicídio)

RE s.v. Hippodameia 1725-1730

Higino, *Fábulas*, 85, 243.3

Pausânias, 6.20.7 (nada diz)

[Van Hoof s.v. Hippodameia: desperata salus, ?, +, Hyg.Fab. 85]

HIPÓNOO (ver Adrasto)

Adrasto é rei de Argos. Dez anos após a primeira expedição

dos Sete contra Tebas, empreende com os Epígonos (nome dado aos seis filhos dos outros heróis da primeira expedição), uma nova guerra contra Tebas. Tomam a cidade, aí estabelecendo como rei Tersandro, filho de Polinices. Mas Egialeu, ou Hipónoo segundo Higino, filho de Adrasto, é morto por Laódamas, filho de Etéocles. Adrasto morre de desgosto pela perda do filho. Segundo Higino, no seguimento de um oráculo de Apolo, ambos se suicidam pelo fogo.

Motivo: *devotio*

Modo: imolação pelo fogo

Temas: Argos, Atenas, oráculo de Apolo, perda do pai, Sete contra Tebas

Fontes:

BNP s.v. Adrastus 154-155 n°1; s.v. Aegialeus 189 n° 1 (filho ou pai de Adrasto); s.v. Hipponous n° 2 (seria antigo nome de Belerofonte)

Grimal s.v. Adraste 13-14

RE s.v. Adrastos 411-416 n°1 (o velho Adrasto morre de desgosto pela perda do filho Egialeu na guerra)

Higino, *Fábulas*, 242.5 (imolação pelo fogo no seguimento de oráculo de Apolo)

Pausânias, 1.43 (morreu de velhice e de dor pela perda do filho Egialeu)

[Van Hoof s.v. Hipponoos: *devotio*, fire, +, Hyg.Fab. 2 (referência errada)]

HONETES (ver Semíramis)

Semíramis nasce na Síria, fruto dos amores da deusa Dérseto pelo jovem Caístro, com intervenção adversa de Afrodite. Abandonada em criança por sua mãe, é recolhida por pastores. Aí a encontra Honetes, inspector real ou sátrapa da Babilónia, que logo se apaixona e a desposa. Sendo muito bonita, corajosa e inteligente, Semíramis ajuda o exército real a ganhar uma guerra. Nino, o rei, apaixona-se por ela e propõe a Honetes dar-lhe a sua própria filha em troca. Honetes recusa e Nino ameaça arrancar-lhe os olhos. Desesperado, Honetes enforca-se.

Motivo: *desperata salus*

Modo: força

Temas: Afrodite, amor conjugal, Babilónia, cegueira, cólera divina, exposição de crianças

Fontes:

BNP s.v. Onnes 133 (remete para Semiramis); s.v. Semiramis 237

Grimal s.v. Sémiramis 419

RE s.v. Onnes 482-482 n° 1; s.v. Semiramis 1207-1208, n° 1
[Van Hoof s.v. Onnes: dolor, hanging, +, Diod. 2,6,10]

ÍDMON (ver Testor)

Adivinho por vezes identificado com Testor, pai de Calcas. Sabe que morrerá na expedição dos Argonautas, mas parte, aceitando o destino.

Motivo: *necessitas*

Modo: ?

Temas: adivinhação, Argonautas, *provocatio*, destino

Fontes:

BNP s.v. Idmon 715-716

Grimal s.v. Idmon 227

RE (não regista)

Higino, 14.11, 18

[Van Hoof: não regista]

ÍFIS

O jovem Ífis apaixona-se por Anaxárete, uma nobre de Chipre, descendente de Teucro, o fundador de Salamina de Chipre. Anaxárete é dura, de coração empedernido, insensível para com ele. Desesperado, enforca-se à porta da casa dela, que, da sua janela assiste, impávida, à passagem do féretro.

Como castigo, Afrodite transforma Anaxárete em estátua, exposta como *Venus prospiciens* 'A Vénus mirante'.

Motivo: *exsecratio*

Modo: força

Temas: Afrodite, castigo divino, Chipre, desamor, estatuária, mito etiológico

Fontes:

BNP s.v Iphis 930

Grimal sv. Anaxarète 34; s.v. Iphis 236-237 I n° 3

Ovídio, *Met.* 698-771 (lenda de Arcéofon e Arsínoe)

[Van Hoof s.v. Iphis: dolor, inedia,+, Eur.Hik. 1104-1108]

ILÍONE

Ilíone é a filha mais velha de Príamo e de Hécuba, irmã de Polidoro. Casa-se com Polimnestor e têm um filho em comum, Deípilo. Cria-o juntamente com Polidoro, como irmãos. Mas Ilíone troca-lhes as identidades. Depois da queda de Tróia, Polimestor mata o seu próprio filho Deípilo, julgando ser Polidoro. Consultado o oráculo de Apolo para conhecer a sua identidade, Polidoro questiona Ilíone e instiga-a a matar Polimnestor. Ela cega-o e mata-o, e depois suicida-se.

Motivo: *conscientia*

Modo: ?

Temas: engano, Guerra de Tróia, homicídio de marido, oráculo, perda de filho, poder feminino, Tróia

Fontes:

BNP s.v. Ilione 726-727

Grimal s.v Ilioné 229; s.v. Deípilo e Polimestor; s.v. Déipyle 119; s. v. Polymestor 385 (nada explicita)

RE s.v. Ilione 1066

Higino, *Fábulas*, 109, 243.4, 254

[Van Hoof s.v. Ilione: dolor, ?, +, Hyg.Fab. 243,4]

ÍNACO

Ínaco é um deus-rio da Argólide. A sua filha Micena, epónimo da cidade de Micenas, é raptada por Zeus. Ínaco persegue o deus e Zeus envia-lhe uma Erínia, Tisífone, para o atormentar. Ínaco é de tal forma torturado que se lança ao rio até então chamado Haliácmon, e renomeado Ínaco.

Motivo: *furor*

Modo: afogamento

Temas: Argos, Erínias, hidrónimo, rapto, Zeus

Fontes:

BNP s.v.Inachus 759-760 n°2 (não explicita)

Grimal s.v. Inachos 230
 RE s.v. Inachos 1218-1219 nº 1 (não explicita)
 [Van Hoof: não regista]

INDO

Indo é um jovem indiano de grande beleza que violenta a filha do rei Oxialces. Depois, para evitar o castigo, atira-se ao rio Mausolo, que passa a chamar-se Indo.

Motivo: *necessitas*
 Modo: afogamento
 Temas: estupro, hidrónimo, Índia
 Fontes:
 BNP s.v. Indus 794 (não refere mitónimo)
 Grimal s.v. Indos 230 nº 2
 RE s.v. Indos 1369-1373 (não refere o mitónimo)
 [Van Hoof: não regista]

INO 1 (ou Leucótea, ver Ino 2)

Em primeiras núpcias, o rei beócio Atamante casa com Néfele e têm dois filhos, um rapaz, Frixo, e uma rapariga, Hele. Mais tarde, Atamante repudia Néfele e casa com Ino, a filha de Cadmo, conhecida também como Leucótea. Desta segunda relação nascem dois filhos, Learco e Melicertes, educados juntamente com a criança Dioniso, que haviam acolhido depois da morte de Sémele. Hera, irada com esta protecção ao bastardo do seu marido, provoca a loucura em ambos: Atamante mata Learco numa caçada; Ino lança Melicertes num caldeirão a ferver (noutra versão foi o próprio Atamante). Depois, atira-se ao mar com o corpo da criança, morrendo afogada.

A acção passa-se perto de Mégara. Ino é metamorfoseada em Nereide, com o nome de Leucótea, ‘Deusa Branca’, graças à intervenção das deusas marinhas (existe uma deusa marinha homónima). Em honra de Melicertes, heroizado como Palémon, teriam sido criados os Jogos Ístmicos.

Motivo: *furor*
 Modo: afogamento

Temas: Beócia, caçada, Dioniso, engano, Hera, filicídio, Mégara, mito etiológico, vingança divina

Fontes:

BNP s.v. Ino 821 n° 1; s.v. Melicertes 631

Grimal s.v. Athamas 56-57; s.v. Lélex 257-258; s.v. Leucothée 262; s.v. Mélicerte 287; s.v. Palameon 336-337

RE s.v. Leukothea 2293-2036 n° 1; s.v. Melikertes 514-520

Higino, *Fábulas*, 2, 5, 238.1 (Ino afoga-se com Melicertes); 239.1 (mata Melicertes),

[Van Hoof: não regista]

INO 2 (ver Ino 1)

Ino é filha de Cadmo e Harmonia e segunda mulher de Atamante. Deste casamento nascem Learco e Melicertes. Movida pela inveja, Ino planeia matar os enteados Frixo e Hele, filhos do primeiro casamento de Atamante com Néfele. Para tal, convence as mulheres a torrarem o grão das sementes de trigo. Quando os homens as semeiam, nada cresce. Perante isto, Atamante envia mensageiros consultar o oráculo de Delfos mas Ino suborna-os para dizerem a Atamante que Apolo exige o sacrifício de Frixo, de forma a sustar a infertilidade da terra.

No entanto, o mensageiro subornado por Ino apieda-se de Frixo e revela o complot a Atamante. Este ordena que Ino e Melicertes sejam sacrificados, em vez de Frixo. Mas, enquanto os conduzem ao altar, Ino, que havia sido ama de leite de Dioniso, é salva. O deus envolve-a numa nuvem que a torna invisível, o que permite a Ino fugir com Melicertes. Em seguida, Dioniso enlouquece Atamante, que mata Learco, seu filho mais novo. Ino atira-se com o corpo de Melicertes de um penhasco ao mar e passará a receber culto como Leucótea.

Uma outra versão introduz a figura de Temisto, a terceira mulher que Atamante tomara pensando que Ino estava morta, e de quem tem dois filhos, tantos como tivera com Ino. Mas, sabendo que Ino estava viva, Atamante acolhe-a no palácio secretamente. Ino torna-se confidente de Temisto, que projecta matar os filhos de Ino, combinando que esta os vestirá de negro, e aos dela de branco. Ino troca as cores e Temisto mata os seus próprios filhos. Enlouquecido, numa caçada, Atamante mata Learco, o filho mais velho que tivera com Ino. Ino precipita-se no mar com o mais novo, Melicertes.

Motivo: *dolor*

Modo: afogamento

Temas: amor maternal, Beócia, culto de fertilidade, Itália, oráculo de Delfos, perda de filho, mito etiológico, *noverca*, perturbação social, poder feminino, sacrifícios humanos

Fontes:

BNP s.v. Ino 821-822 n° 1s.v. e 2; s.v. Melicertes 631; s.v. Athamas 229-230; Leucothea 451 (ora aparece confundida com Ino ora independente)

Grimal s.v. Athamas 56-57; s.v. Lélex 257-258; s.v. Leucothée 262; s.v. Mélicerte 287; s.v. Palameon 336-337

RE Leukothea 2293-2036 n° 1; s.v. Melikertes 514 a 520

Lexikon s.v. Themisto 3041

Higino, *Fábulas*, 1, 2, 4 (Ino de Eurípides), 5, 224.5 (como Leucótea), 239 (instiga Temisto a matar os filhos), 243.1 (precipitou-se no mar com o filho Melicertes), 5 (instiga Temisto a matar os filhos)

[Van Hoof: *dolor*, jumping, +, Hyg.Fab. 2,5]

ÍOLE

Filha do rei Êurito, da Ecália, que a promete ao vencedor de um concurso de tiro ao arco, mas não cumpre o prometido quando o vencedor é Hércules. Despeitado, o herói ataca a cidade para fazer cumprir o acordo. Não querendo entregar-se a Hércules, a bela Íole atira-se do alto das muralhas. As suas vestes impedem-na sequer de se magoar.

Motivo: *desperata salus*

Modo: precipitação

Temas: desamor, Ecália, rapariga como prémio de jogos, suicídio frustrado, Hércules

Fontes:

BNP s.v. Iole 905 (não refere morte)

Grimal s.v. Iolé 232-233

RE s.v. Iole 1847-1848 n° 1

[Van Hoof s.v. Iole: pudor, jumping, –, Plout.Mor. 308F]

ISMENO

Filho mais velho de Níobe e de Anfíon. É atingido pelas setas de Apolo. Moribundo, atira-se a um rio da Beócia, que passa a chamar-se Ismeno.

Motivo: *impatientia doloris*

Modo: afogamento

Temas: Apolo, Beócia, hidrónimo

Fontes:

BNP s.v. Ismenus (não refere morte)

Grimal s.v. Isménos 239 n° 3

RE s.v. Ismenos 2143-2145 n° 2

Ovídio. *Met.* 6.224-229 (atingido por um dardo)

[Van Hoof: não regista]

JASÃO (ver Alcímede)

É filho de Éson e de Polimele ou Alcímede, herói da Tessália. Célebre pela chefia da expedição dos Argonautas e pelo casamento com a princesa de Iolco, Medeia.

Existem numerosas histórias a ele ligadas. Quanto à sua morte, correm várias versões, incluindo uma de suicídio.

Motivo: *dolor*

Modo: ?

Temas: Argonautas, Cólquida, Tessália

Fontes:

BNP s.v. Iason 682-685 (versões sobre suicídio: Diod. Sic.

4.55.1; enforcamento: Neophron fr.3 TGF; sangue de touro:

Apollonius Sophista 156.18 (confusão com Éson?); imolação

pelo fogo com a noiva: Hyg. Fab. 25.3)

Grimal s.v. Jason 242-243 (não refere suicídio)

RE s.v. Iason 759-782

Diodoro Sículo, 4.55.1 (suicida-se por não conseguir suportar as desgraças)

Higino, *Fábulas*, 25.3 (não menciona morte)

[Van Hoof s.v. Iason: dolor, ?, +, Diod. 4,55,1]

JOCASTA

Filha de Meneceu e irmã de Creonte, casa com Laio, rei de

Tebas. Depois da morte deste, casa com Édipo, que desvendara o enigma da Esfinge. Quando lhe é revelado que Édipo, de quem tem quatro filhos, é seu filho e de Laio, o primeiro marido, Jocasta enforca-se.

Motivo: *pudor*

Modo: força

Temas: incesto, engano, Tebas, Édipo

Fontes:

BNP s.v. Iocaste, 886-887; s.v. Oedipus 43-48 (Hom. Od. 11.277-278)

Grimal s.v. Jocaste 243; s.v. Oedipe 323-325

RE s.v. Iokaste, 1841-1842

Eurípides, *Fenícias*, 1577-1578 (depois de ver mortos Etéocles e Polínicos, suicida-se de dor com brânzeo gládio)

Higino, *Fábulas*, 66 (nascimento e exposição de Édipo), 67, 243.7

Sófocles, *Rei Édipo*, 1263-1267

[Van Hoof s.v. Iokaste (Hom: Epikaste): pudor, hanging, +, Hom.Od. 11,278-280; cf. p.118]

LAODAMIA

Laodamia é filha de Acasto e mulher de Protesilau, da Tessália, o primeiro herói grego a morrer em Tróia. Recém-casada, nutre um amor intenso pelo seu marido. Sabendo da sua morte, Laodamia pede aos deuses que lho devolvam por três horas apenas. Protesilau também formula o mesmo desejo. Quando Protesilau tem que regressar ao Hades, Laodamia suicida-se nos seus braços.

Noutra versão, costumava abraçar-se a um boneco de cera. Quando o pai descobre e o atira para o fogo, Laodamia segue o boneco.

Motivo: *dolor*

Modo: imolação pelo fogo

Temas: amor conjugal, Hades, Guerra de Tróia, paralelo com Orfeu e Eurídice, perda do marido, Tessália, Tróia

Fontes:

BNP s.v. Laodameia 228 n° 2 (Hyg. Fab. 103)

Grimal s.v. Laodamie 251 n° 2

RE s.v. Laodameia 698 n°2

Higino, *Fábulas*, 103, 104 (*usta est* ‘foi queimada’), 243

Ovídio, *Ep.* 13

Pausânias 4.2.5 (não diz nada)

[Van Hoof s.v. Laodameia: fides, fire, +, Hyg.Fab. 94,3ß]

LEDA

É filha do rei Etólio Téstio e mulher do rei espartano Tíndaro. Assediada por Zeus, transforma-se em cisne mas Zeus também sofre a mesma metamorfose e fecunda-a. Leda entrega o ovo a Némesis e dele nasce Helena.

Segundo Eurípides, enforca-se, desgostosa com a má fama de Helena.

Motivo: *pudor*

Modo: força

Temas: amor maternal, Esparta, Etólia, Helena, metamorfose, Zeus

Fontes:

BNP s.v. Leda 345-346 (não refere morte)

Grimal s.v. Léda 255-256 (não fala em suicídio)

RE s.v. Leda 1116-1125

Eurípides, *Helena*, 201-202 (Helena afirma que Leda se enforcou com pena da filha)

[Van Hoof s.v. Leda: pudor, hanging, +, Eur.Hel. 200-201]

LEUCATAS

Perseguido sexualmente por Apolo, o jovem Leucatas precipita-se de uma falésia para o mar. Dá o seu nome à ilha local, Lêucade.

Motivo: *desperata salus*

Modo: afogamento

Temas: Apolo, assédio sexual, homo-erotismo, Lêucade, mito epónimo

Fontes:

BNP (não regista)

Grimal s.v. Leucatas 260

RE s.v. Leukatas 2259 (Templo de Apollon Leukatas como

efígie de moeda); s.v. Leukates 2259-2260 n° 3 (suicídio; paralelos: Boline, Kastalie)
[Van Hoof: não regista]

LEUCOCOMANTE

Leucocomante, de Cnossos, não corresponde ao amor do jovem Prómaco, impondo-lhe duras tarefas que este cumpre sem obter correspondência. Numa dessas provas, o belo Prómaco recompensa um terceiro jovem. Cheio de ciúmes, Leucocomante suicida-se com uma espada.

Motivo: *furor*

Modo: espada

Temas: beleza masculina, Creta, desamor, homo-erotismo, *servitium amoris*

Fontes:

BNP (não consta)

Grimal s.v. Promachos 397

RE s.v. Promachos 642-646 n°18

[Van Hoof: não regista]

LEUCÓTEA (ver Ino 1 e 2)

O culto da Deusa Branca (significado do seu nome), aparece ora associado a Ino ora de forma independente. Sugere existência de atitudes anti-sociais e fâlicas, e de ritos de iniciação e passagem para a adultez. Pode também ser divindade marinha, como em Homero, onde já é identificada com Ino (ver Ino).

Depois da morte do filho Learco, Leucótea lança-se ao mar com o cadáver de Melicertes.

Motivo: *dolor*

Modo: afogamento

Temas: amor maternal, perda de filho, mito etiológico

Fontes:

BNP s.v. Leucothea 451 (ora confundida com Ino ora independente)

Grimal s.v. Leucothée 262

RE s.v. Leukothea 2293-2306 n° 1

[Van Hoof: não regista]

LICURGO 1

Lendário legislador de Esparta. Depois de criar e firmar as instituições sociais e políticas da cidade, parte para Delfos, fazendo o povo jurar que manteria a sua constituição até ao seu regresso. Em Delfos, o oráculo confirma que a constituição de Esparta é boa. Licurgo suicida-se.

Recebe culto em Esparta.

Motivo: *devotio*

Modo: inédia

Temas: Esparta, Delfos, herói fundador, oráculo

Fontes:

BNP s.v. Lycurgus 931-936 n° 4 (“Legendary founder”)

Grimal s.v. Lycurgue 268-270 n°4 (“n’appartient pas à la légende, mais à l’histoire”)

RE s.v. Lykurgos 2433-2466 n° 7

Pausânias 3.16.6 (heroização)

Plutarco, *Licurgo*, 29 (*devotio*, inédia)

[Van Hoof s.v. Lykourgos: iactatio, inedia, +, Plout.Lyk. 29]

LICURGO 2

É rei da Trácia e filho de Drias. Tenta obstaculizar o culto de Dioniso, quer impedindo a passagem do deus ou das Bacantes pela Trácia, quer cortando as videiras. Possuído por loucura induzida pelo deus, confunde uma videira com o seu filho Drias, matando-o à machadada e ferindo-se a si próprio, sem intenção. Gera-se uma carestia. Por ordem de Dioniso, é esquartejado.

Noutra variante, por ordem de Zeus é atingido por cegueira e encerrado numa caverna.

Existem versões muito divergentes: segundo Higino, tenta violar a mãe quando está ébrio e depois autopune-se arrancando as videiras; ou toma-se por videira e amputa um pé ou uma Bacante transforma-se em videira para o asfixiar com seus braços.

Motivo: *furor*

Modo: arma

Temas: Bacantes, *hybris*, Dioniso, Trácia

Fontes:

BNP s.v. Lycurgus 931-936 (não regista)

Grimal s.v. Lycurgue 268 nº2 (não menciona suicídio mas homicídio por Dioniso)

RE s.v. Lykurgos 2433-2466 nº 1

Apolodoro, *Biblioteca*, 3.4.5.1 .327 (não refere suicídio)

Higino, *Fábulas*, 242.2 (elenco dos suicidas, por loucura), 132 (loucura)

Sófocles, *Antígona*, 955-965

[Van Hoof s.v. Lykourgios Dryantis: furor, ?, +, Hyg.Fab. 242,2]

LUCRÉCIA

Esposa de Tarquínio Colatino. Na ausência do marido em Árdea, é violada por Sexto Tarquínio sob ameaça e coacção. Em seguida, manda chamar os familiares, que tentam dissuadi-la. Suicida-se com um punhal depois de os fazer jurar que expulsarão de Roma os reis etruscos.

Motivo: *pudor*

Modo: arma

Temas: estupro, poder feminino, Roma, Tarquínios, tiranicídio

Fontes:

Grimal (não regista entrada; a referida é mulher de Numa, p. 218b s.v. Numa Pompilius)

BNP s.v. Lucretia 857 nº2 (matrona romana, exemplo de *pudicitia* 'fidelidade')

RE s.v. Lucretius, Lucretia 1692-1695 nº 37

Tito Lívio, 1.57.1-60.3

[Van Hoof s.v. Lucretia: pudor, weapons, +, Liv. 1,58,11]

MACAREU (ver Cànace)

Cànace é filha de Éolo e de Enárete, de Lesbos. Segundo Ovídio (segundo sem dúvida Eurípides), Cànace tem um filho do seu irmão Macareu. O bebé é escondido entre objectos sagrados e a ama tenta levá-lo para fora do palácio para o expor. Mas um grito do bebé revela-o a Éolo, que o atira aos cães e envia uma espada à sua filha Cànace, ordenando-lhe que se mate. Descoberta a paixão pela irmã, Macareu mata-se.

Motivo: *pudor*

Modo: arma

Temas: ama confidente, incesto, casamento entre irmãos, exposição de crianças, Lesbos

Fontes:

BNP s.v. Macar(eus) 52-53

Grimal s.v. Macharée 272 nº 1; s.v. Canacé 78

RE s.v. Makar(eus) 617-622 nº 1

Ovídio, *Ep.* 11

Higino, *Fábulas*, 242.2

[Van Hoof s.v. Makareus: pudor, ?, +, Eur.Aiolos]

MACÁRIA

É filha de Hércules e Dejanira. Depois da morte do pai, refugia-se com seus irmãos na corte de Ceíce, de Tráquin, e a seguir na de Atenas. Fogem à perseguição de Euristeu. Um oráculo anuncia que é necessário sacrificar uma jovem nobre para vencer Euristeu. Macária oferece-se à morte.

É-lhe consagrada uma fonte com o seu nome.

Motivo: *devotio*

Modo: arma

Temas: Atenas, Hércules, mito epónimo, oráculo, sacrifício feminino, Tráquin

Fontes:

BNP s.v. Macaria 53 nº 1

Grimal s.v. Macaria 272; Héraclides 203-204

RE s.v. Makaria 622-625 nº 1

[Van Hoof s.v. Makaria: devotio, ?, +, Eur.Herakleid. 530 ss.]

MÁRATO

Márato combate ao lado de Equedemo na expedição dos Dioscuros contra a Ática. Um oráculo exige uma vítima humana para assegurar a vitória dos assediados. Márato sacrifica-se voluntariamente. O seu nome é dado ao demo de Maratona.

Motivo: *devotio*

Modo: arma

Temas: Atenas, *provocatio*, mito epónimo, suicídio *manu aliena*

Fontes:

BNP (não regista)

Grimal s.v. Marathos 276

RE s.v. Marathon 1426-1430 n°1

Plutarco, *Teseu*, 32 (Márato e Equedemo oferecem-se no campo de batalha)

Pausânias 1.15.3 (pintura do herói Marathon, que deu nome à planície), 32.4 (dá o nome ao demo)

[Van Hoof: não consta]

MARPESSA

Filha de Éveno da Etólia e de Demonice. É raptada por Apolo quando está noiva de Idas. Na luta que se segue, Idas desarma Apolo. Zeus intervém, deixando Marpessa escolher entre os dois pretendentes. Ela fica com o mortal, receando ser abandonada na velhice pelo deus. Noutra lenda, Idas ganhou Marpessa como prémio em corrida de carro de cavalos.

Pausânias diz que Marpessa se degolou à morte do marido.

Motivo: *dolor*

Modo: arma

Temas: amor conjugal, Apolo, humano vence um deus, paralelo com lenda de Enómao e Hipodamia, perda de marido, prémio de jogos, Zeus

Fontes:

BNP s.v. Marpessa 385 n° 1 (não refere a morte)

Grimal s.v. Marpessa 276; s.v. Coronis 100 n° 1; s.v. Idas 226

RE s.v. Marpessa 1916-1918 (não refere suicídio)

Pausânias, 4.2.7

[Van Hoof: não regista]

MEDEIA

É filha de Eetes, rei da Cólquida, e neta de Hélio. É figura central do mito tessálico dos Argonautas, liderados por Jasão. Numa das versões sobre a sua vida após o abandono de Jasão, aparece como mãe de Medo e epónima dos Medos (ver Medo).

Apolónio de Rodas apresenta uma versão de suicídio.

Motivo: ?

Modo:?

Temas: Argonautas, Cólquida, colonização iónica, Tessália, mito epónimo

Fontes:

BNP s.v. Medea 546-549 (não refere suicídio)

Grimal s.v. Médée 278-279 (não refere suicídio)

RE s.v. Medeia 29-64

Higino, *Fábulas*, 21, 25, 26, 27 (não refere suicídio)

Pausânias, 2.3. 6-11 (refere matricídio, não morte)

[Van Hoof s.v. Medeia: dolor, hanging, –, Apoll.Rhod. 3,789]

MEDO

É filho do rei persa Artaxerxes e de Medeia (ou de Egeu e Medeia). Viola Roxane, filha de Córdias. Com medo do castigo, Medo atira-se ao rio Xarandas, que recebe o nome de Medo (mais tarde será o Eufrates). É herói epónimo dos Medos e da Média (Mesopotâmia).

Motivo: *conscientia*

Modo: afogamento

Temas: Cólquida, estupro, Medeia, Medo-Persas, mito epónimo, hidrónimo

Fontes:

BNP (não consta)

Grimal s.v. Rhoxane 410; s.v. Médos 280 (não refere morte)

RE; s.v. Medeia 29-64 (esp. 47); s.v. Medeios 64-65 (nada refere); Medos 113 nº 1 (não refere morte)

Diodoro Sículo, 4.55.4-56.2

Higino, *Fábulas*, 27

Pausânias, 2.3.7 (mito epónimo)

[Van Hoof: não regista]

MELEAGRO, irmãs de

Meleagro é filho de Ares ou Eneu, rei dos etólios de Cálidon. Quando morre, as irmãs choram-no até ficarem metamorfoseadas nas aves homónimas.

Motivo: *dolor*

Modo: inedia

Temas: mito epónimo, Etólia, metamorfose, amor fraternal,

Fontes:

Higino, *Fábulas*, 174.6-7

[Van Hoof: não consta]

MELES 1 (ver Timágoras 1)

O jovem ateniense Meles (ou Melito) desprezava o amor do meteco Timágoras, impondo-lhe toda a espécie de duras provas. Acaba por o desafiar a atirar-se do alto dos rochedos da Acrópole. Timágoras assim faz. Desesperado, Meles também se atira. Em consequência, é erigido um altar a Ânteros (‘Amor Correspondido’), onde os estrangeiros domiciliados em Atenas celebravam um culto que lhes era próprio.

Motivo: *furor*

Modo: precipitação

Temas: Atenas, desamor, duplo suicídio, homo-erotismo, metecos, mito etiológico, *servitium amoris*

Fontes:

BNP s.v. Meles 628

Grimal s.v. Mèlès 286

RE Meles 491-492 n° 1 (ambas as versões)

Pausânias, 1.30.1 (Timágoras matou-se por remorso, *metanoia*)

[Van Hoof: não consta]

MELES 2 (ver Meles 1; ver Timágoras 1 e 2)

Existe uma história similar à de Meles 1, de Eliano, mas entre dois aristocratas atenienses, onde os nomes são iguais mas a relação amorosa é inversa. O amado Meles ou Melito executa todas as exigências de Timágoras. Quando lhe traz aves raríssimas e não o demove, Meles atira-se do alto de um rochedo. É seguido pelo seu amante, Timágoras.

Motivo: *desperata salus*

Modo: precipitação

Temas: Atenas, desamor, homo-erotismo, *servitium amoris*, suicídio duplo

Fontes:

BNP s.v. Meles 628
Grimal s.v. Mélès 286
RE Meles 491-492 n° 1 (ambas as versões)
Pausânias, 1.30.1 (Timágoras matou-se por remorso)
[Van Hoof s.v. Meles: *desperata salus*, jumping, +, Paus.
1,30,1]

MELIBEIA

Melibeia e Aléxis amam-se e planeiam casar-se. Mas os pais da rapariga haviam-na prometido a outro, o que leva Aléxis a exilar-se. No dia do casamento imposto, a jovem precipita-se do telhado. Saindo ilesa, de imediato corre para o porto e faz-se ao largo num barco cujas velas se desfraldam sozinhas. Desembarca justamente no sítio onde Aléxis reúne amigos para um banquete. Casam e oferecem um santuário a Ártemis, em Éfeso, com as invocações de Autómata (como o barco que parte automaticamente) e Epidieta (que chega mesmo no início do banquete).

Motivo: *desperata salus*

Modo: precipitação

Temas: amor contrariado, Ártemis, Éfeso, final feliz, mito etiológico, navegação, suicídio frustrado

Fontes:

BNP (não regista esta entrada)

Grimal s.v. Méliboea 286 n° 3

RE s.v. Meliboia 509-514 n°1

[Van Hoof: não consta]

MELISSO

Melisso foge de Argos para Corinto por causa do tirano Fídon. O seu filho Actéon morre durante a tentativa de rapto pelo Heraclida Árquias, cuja paixão fora acicatada pelo vinho. Melisso lança maldições sobre Árquias perante os cidadãos de Corinto. Mas ninguém se revolta. Então Melisso aproveita os Jogos Ístmicos para se atirar do alto do templo de Posídon, invectivando e lançando maldições sobre o assassino. A cidade é assolada por uma peste. Como consequência, Árquias exila-se e funda Siracusa.

Motivo: *exsecratio*

Modo: precipitação

Temas: amor paternal, Argos, colonização, Corinto, homoerotismo, *iactatio*, Jogos Ístmicos, vinho

Fontes:

BNP (não regista esta entrada)

Grimal s.v. Méliossos 287

RE Melisso 529-532 n°1

Plutarco, *Obras Morais*, 773a

Diodoro Sículo 8.10 (só refere a morte de Actéon)

[Van Hoof s.v. Melissos: exsecratio, jumping, +, Plout.Mor. 773A]

MELO (ver Pélia)

Melo é originário de Delos e vai viver para Chipre, na corte do rei Cíniras. Torna-se o amigo dilecto de Adónis e casa-se com uma jovem da família real, Pélia, filha de Peleu. Adónis morre e Melo, desesperado, enforca-se numa árvore que fica com o nome de *melos* ‘macieira’. Pélia enforca-se na mesma árvore.

Afrodite, que amava Adónis e tinha sob a sua protecção o filho de Melo e Pélia, condói-se e transforma Melo no fruto homónimo, a maçã, e Pélia, sua mulher, em pomba, ave sagrada da deusa.

Depois de crescer sob a protecção da deusa, o filho de ambos, Melo, funda a cidade de Melo (conhecida como Milo) e ensina a trabalhar a lã (*melon* ‘ovino’).

Motivo: *dolor*

Modo: força

Temas: Afrodite, amizade, Chipre, colonização, Delos, mito etiológico, mito epónimo, perda de amigo, suicídio duplo

Fontes:

BNP (não regista)

Grimal s.v. Mélos 287-288

RE (não consta)

[Van Hoof: não regista]

MENECEU

Filho do rei Creonte e pai de Jocasta (noutras versões, Creonte e Jocasta são irmãos). De acordo com o adivinho Tirésias, terá

que ser sacrificado para que Tebas alcance a vitória na expedição de ‘Os Sete contra Tebas’.

Na versão da tragédia *As Fenícias*, de Eurípides, Creonte procura afastar o filho. Quando este descobre o motivo, consegue iludir o próprio pai e oferece-se em sacrifício voluntário: degola-se no cimo de um torreão e cai do alto das muralhas para a cova de um dragão.

Sobre o túmulo de Meneceu nasce uma romãzeira.

Motivo: *devotio*

Modo: arma

Temas: dragão, morrer pela pátria, Sete contra Tebas, Tebas

Fontes:

BNP s.v. Menoeceus 696 n°2

Grimal s.v. Ménoécée 291 n° 2

RE s.v. Menoikeus 918 n°2

Eurípides, *Fenícias*, 991-1018, 1090-1092

Higino, *Fábulas*, 67.6 (morreu pela pátria); 68.4 (precipitação); 242.3 (precipitação)

Pausânias, 9.25.1 (sobre a sua campa, uma romãzeira)

[Van Hoof s.v. Menoikeus: devotio, weapons, +, Eur.Phoin. 331]

MERA (ver Entória, Erígone, Icário)

Mera é o nome do cão (ou cadela) do herói Icário, introdutor da vinha na Ática e despedaçado pelos camponeses que, tendo-se embriagado, julgam ter sido envenenados. É Mera quem conduz Erígone ao túmulo de seu pai. Depois do suicídio de Erígone, o canídeo fica sobre o túmulo e morre de desespero ou atira-se à nascente Onigro.

Dioniso transforma este cão fiel numa constelação: o Cão.

Motivo: *dolor*

Modo: inedia

Temas: astronomia, Ática, Dioniso, sentimentos dos animais, simbologia animal, mito etiológico, mito epónimo.

Fontes:

BNP s.v. Maera 122 n°3 (não indica modo)

Grimal s.v. Maera 274 n° 3 (deixa-se morrer ou atira-se a uma nascente)

RE s.v. Maira 604-606 n° 4 (morre de saudades, sob a campa

de Erígone)

Higino, *Fábulas*, 130.5

[Van Hoof s.v. Erigones canis: dolor, jumping, +, Amp. 2,6]

MÉROPS

Mérops é rei de Cós. Sua mulher, a ninfa Etémea, quando se casa com ele, deixa de pertencer ao séquito da deusa virgem Ártemis. A deusa vinga-se trespassando-a com flechas. Etémea não morre porque Perséfone leva-a viva para os Infernos. Sem a mulher, Mérops fica desesperado e decide suicidar-se. Mas Hera tem pena dele. Liberta-o do sofrimento, transforma-o em águia e coloca-o entre os astros.

Motivo: *dolor*

Modo: inédia

Temas: Ártemis, astronomia, Cós, metamorfose, perda de esposa, protecção divina, Perséfone, suicídio frustrado, vingança divina, mito epónimo

Fontes:

BNP s.v. Merops 719 nº 1 (“from grief and longing for his spouse Echemeia, who had been sent to Hades, he is transformed into an eagle by Hera and finally catasterized”)

Grimal s.v. Éthéméa 149 (quer suicidar-se)

RE s.v. 1065-1067 nº 1 (quer suicidar-se)

[Van Hoof: não consta]

MIENO

É filho de Telestor e de Alfesibeia. A madrasta difama-o junto de seu pai, acusando-o de paixão incestuosa por ela. Mieno retira-se para a montanha. Perseguido pelo pai, atira-se do alto de uma falésia.

A montanha local recebe o seu nome.

Motivo: *desperata salus*

Modo: precipitação

Temas: incesto, *noverca*, mito epónimo, orónimo, paralelo com Fedra / Hipólito, *theriodes bios*

Fontes:

BNP (não regista)

Grimal s.v. Myènos 304

RE (não consta)
[Van Hoof: não regista]

MIRRA

Na versão de Ovídio, Mirra ou Esmirna, filha de Cíniras, rei de Chipre, é pretendida por jovens de toda a Ásia, mas apaixonou-se por seu pai. Decide enforcar-se mas é descoberta pela ama quando já tem o laço à volta do pescoço. A ama arquitecta um engano para levar Mirra ao leito de seu pai, quando este está ébrio e a mulher ausente. Uma noite Cíniras reconhece na amante a sua própria filha e sente uma dor imensa. Vai matá-la com a espada, mas ela foge e leva uma vida errante por toda a Arábia, até se cansar. Pede então às divindades uma metamorfose, e é ouvida. Transforma-se na árvore homónima. Da relação com Cíniras nasce Adónis.

Noutra versão, Mirra, ou Esmirna, é filha do rei Tiante da Síria e vítima de Afrodite. Apaixona-se pelo seu próprio pai e com ele pratica incesto durante 12 noites, com ajuda da ama. Quando ele descobre o embuste, ameaça-a de morte. Mirra foge e, a seu pedido, é transformada na árvore da mirra, donde virá a nascer Adónis.

Motivo: *taedium vitae*

Modo: inédia

Temas: Adónis, Afrodite, ama, Arábia, Síria, Chipre, engano, metamorfose, mito epónimo, suicídio frustrado

Fontes:

BNP s.v. Myrrha 420; (não tem entrada para Smyrna)

Grimal s.v. Myrrha 306; s.v. Smyrna 427; s.v. Adonis 11-12 (refere amores pecaminosos, tentativa de enforcamento, metamorfose)

RE s.v. Myrrha 1134 n°1 remete para Smyrna; s.v. Smyrna oder Myrrha 727-765 n°2 (duas versões: filha de Tiante; filha de Cíniras)

Higino, *Fábulas*, 58 (como Ovídio, filha de Cíniras e de Cêncreis, da Assíria), 164, 242 (Esmirna, filha de Cíniras)

Ovídio, *Met.* 10.298-502 (v.517-518)

[Van Hoof s.v. Myrrha (Smyrna): pudor, hanging, –, *Ov.Met.* 10,378]

MOLPADIA e PÁRTENO

São filhas de Estáfilo e de Crisótemis. Seu pai encarrega-as de ficar de guarda ao vinho, acabado de descobrir. Mas as jovens adormecem. Os porcos invadem a adega e quebram as ânforas. Quando Molpadia e Párteno (ou Reo) acordam, com medo do pai, atiram-se ao mar do alto de uma fálésia.

Compadecido, Apolo salva-as e leva-as para a cidade de Cástabo, do Quersoneso, onde recebem culto.

Motivo: *desperata salus*

Modo: afogamento

Temas: Apolo, Ásia, mito etiológico, suicídio colectivo, suicídio frustrado

Fontes:

BNP s.v. Molpadia 132; s.v. Parthenos 571 (não regista esta entrada)

Grimal s.v. Parthénos 349

RE s.v. Molpadia nº 1; s.v. Parthenos 1936-1968 nº3 (p.1967; eventual relação com nº 1)

[Van Hoof s.v. Molpadia et Parthenos: pudor, jumping, –, Diod. 5,62,3]

MÓLPIA (ver Escédaso, filhas de)

[Van Hoof: não regista]

MÓLPIS

Mólpis é um nobre da Élide. Durante uma fome que assola o país, sacrifica-se voluntariamente sob as ordens de um oráculo, para acalmar a fúria dos deuses. São-lhe atribuídas honras divinas, com uma estátua no templo de Zeus *Ombrios*, 'da Chuva'.

A lenda seria mito etiológico.

Motivo: *devotio*

Modo: arma

Temas: Élide, mito etiológico, oráculo, Zeus

Fontes:

BNP (não regista entrada)

Grimal s.v. Molpis 301

RE Molpis 27-28 nº 1

[Van Hoof: não regista]

NARCISO 1 (ver Eco)

Existem diferentes versões da lenda. A mais conhecida é a versão de Ovídio nas *Metamorfoses*. Narciso é filho do deus Cefisio, rio da Beócia, e da Ninfa Liríope. Quando nasce, o adivinho Tirésias vaticina que a criança “viverá até velho, se não se olhar”. De grande beleza, Narciso é alvo da paixão de muitos homens, mulheres e ninfas, mas não corresponde nunca a esses sentimentos.

A ninfa Eco, quando se apaixona por ele, desespera e retira-se na solidão, emagrecendo até ser apenas uma voz que geme. Solidárias com Eco, as outras mulheres desprezadas por Narciso clamam aos deuses por vingança. E Némesis aplica o golpe de misericórdia: num dia de grande calor, depois da caça, provoca em Narciso o desejo de se debruçar sobre uma fonte para matar a sede. Quando vê a beleza do seu rosto, Narciso não mais sai do sítio, nas margens do rio Estige, até morrer por inédia.

No local onde morre, nasce uma flor, à qual será dado o seu nome.

Motivo: *furor*

Modo: inédia

Motivos: Beócia, castigo da beleza, homo-erotismo, mito epónimo, misoginia, narcisismo, Némesis, paralelo com Hipólito, rito de passagem, *theriodes bios*

Fontes:

BNP s.v. 506-507 Narcissus (corrobora esta versão)

Grimal s.v. Narcisse 308-309; s.v. Echo 132-133

RE s.v. Echo 1926-1930; s.v. Narkissos 1721-1733 n°1

Higino, *Fábulas*, 261.2

Ovídio, *Metamorfoses*, 3.402-510

Pausânias, 9.31.7-9 (suicídio fica subentendido)

[Van Hoof: não regista]

NARCISO 2 (ver Amínias)

Na versão beótica, é natural de Téspias, junto do monte Hélicon. O belo Narciso não corresponde ao amor do jovem Amínias. Chega mesmo a enviar-lhe uma espada com que este se suicida, lançando imprecações sobre o amado.

Narciso, ao debruçar-se sobre uma fonte para matar a sede,

apaixona-se pela sua própria beleza e acaba por se suicidar. O local do suicídio fica manchado com o seu sangue, aí nascendo uma flor, com o seu nome.

Motivo: *furor*

Modo: arma

Temas: castigo da beleza, desamor, espada enviada (paralelos), *exsecratio*, homo-erotismo, mito epónimo, narcisismo, recusa do amor

Fontes:

BNP s.v. Narcissus 506-507

Grimal s.v. Narcisse 308-309

RE s.v. Ameinias 1818 n° 2; s.v. Narkissos 1721-1733 n°1

[Van Hoof s.v. Narkissos: dolor, weapons, +, Konon, frg. 24 (FGrH 1.197)]

NÁUPLIO

É filho de Posídon e Amimone, pai de Palamedes e grande navegador. Na sua tentativa de lançar Penélope nos braços dos pretendentes, como vingança por os gregos terem lapidado Palamedes, é enganado por Anticleia, mãe de Ulisses. Esta anuncia-lhe a morte de um dos seus filhos. Na sua dor, Náuplio atira-se ao mar e afoga-se.

Provavelmente identifica-se com o herói epónimo de Náuplia, perto de Argos.

Motivo: *dolor*

Modo: afogamento

Temas: amor paternal, Argos, Guerra de Tróia, mito epónimo, perda de filho, Náuplia, navegação, Penélope

Fontes:

BNP s.v. Nauplius 550 n°1 (não menciona suicídio)

Grimal s.v. Nauplios 309 n° 2 (suicídio)

RE s.v. Nauplios 2004-2008

Apolodoro, *Biblioteca*, 2.1.5 (não especifica suicídio)

Higino, *Fábulas*, 116 (não refere o suicídio)

[Van Hoof: não consta]

NEERA

É filha de Autólico, pai de Ulisses, de Ítaca. Suicida-se à morte do filho Hipótoo.

Motivo: *dolor*

Modo: ?

Temas: amor maternal, Ítaca, perda de filho

Fontes:

BNP s.v. Neaera 577 (nenhum dos 6 registos refere suicídio; remete para outras entradas)

Grimal (não regista entrada)

RE (não refere)

Higino, *Fábulas*, 243.4

[Van Hoof s.v. Neaira: dolor, ?, +, Hyg.Fab. 243,4]

NICTEU

O tebano Nicteu, filho de Hirieu e de Clónia, é pai de Antíope. Segundo outras versões, Antíope é filha do deus-río Asopo. Sendo muito bela, Zeus une-se a ela sob a forma de um sátiro. Antíope fica grávida de gémeos. Temendo a cólera do pai, foge de casa e refugia-se na corte de Epopeu em Sícion, antes do nascimento dos gémeos, Anfíon e Zeto.

Noutra versão, Nicteu envia a filha a seu irmão Lico, para ser castigada.

Desesperado com a fuga da filha, Nicteu ataca Sícion, onde morre, ou suicida-se, confiando a vingança e o castigo de Antíope ao irmão Lico.

Motivo: *pudor*

Modo: ?

Temas: Mégara, Tebas, vingança, Zeus

Fontes:

BNP s.v. Nycteus 922-923

Grimal s.v. Antiope 39 (refere o suicídio); s.v. Nyctée 319 (menciona o suicídio)

RE s.v. Nykteus 1511-1515 n° 2

Apolodoro, *Biblioteca*, 3.5.5 (suicídio: ‘In a fit of despondency Nycteus killed himself’, trad. Loeb)

Pausânias, 2.6.1-3

[Van Hoof: não regista]

NÍOBE (ver Assáon)

Níobe é filha de Assáon, que a casa com o assírio Filoto. Mas este morre durante uma caçada e Assáon apaixonou-se pela sua própria filha. Níobe não se entrega e Assáon vingou-se de forma terrífica: reúne os seus vinte netos, filhos de Níobe, para uma festa e incendeia o palácio. Todos morrem queimados. Assáon, com remorsos, mata-se. Níobe atira-se do alto de uma falésia, sendo transformada em pedra.

Motivo: *dolor*

Modo: precipitação

Temas: amor maternal, assédio de pai, Assíria, perda de filhos

Fontes:

BNP s.v. Niobe 770-772 (Parténio)

Grimal s.v. Assaon 55; s.v. Niobé 317 n°2

RE s.v. Niobe 644-706 n°1 (esp. p.665-666); s.v. Assaon 1741 (Reue 'arrependimento')

Higino, *Fábulas*, 9

Ovídio, *Met.* 6.146-312

Pausânias, 1.21.3 (estátua de Níobe em lágrimas)

Parténio, 33 (lenda Lídia: atira-se de penhasco ao ser assediada)

[Van Hoof s.v. Niobe: pudor, jumping, +, Parthenios Er.Path. 33,3; cf. p.118]

NIREU

Nireu, de Cátana, por desgosto de amor, atira-se ao mar de uma falésia da ilha de Lêucade. É salvo ao cair numa rede de pescadores.

Motivo: *dolor*

Modo: afogamento

Temas: Atena, desamor, Lêucade, rede de pesca (paralelos), suicídio frustrado

Fontes:

BNP s.v. Nireus 775 n°3

Grimal s.v. Nirée 317-318 n°2

RE s.v. Nireus 708-709 n° 3

[Van Hoof: não regista]

NISO 1 (ver Cila)

É filho de Pandión, rei de Mégara. Depois de perder a madeixa de cabelos que lhe dava poderes, cortada à traição pela filha Cila, mata-se.

É transformado em águia sempre em perseguição da filha, por sua vez metamorfoseada no peixe homónimo.

Motivo: *pudor*

Modo: ?

Temas: cabelo mágico, Mégara, mito etiológico

Fontes:

BNP s.v. Nisus 779 n°1

Grimal s.v. Nisos 318 n° 1

RE s.v. Nisos 759-760 n°1

Higino, *Fábulas*, 242.3 (filho de Marte)

[Van Hoof s.v. Nisos: desperata salus, ?, +, Hyg.Fab. 242,3]

NISO 2 (companheiro de Euríalo)

Na *Eneida* de Virgílio, os jovens troianos Niso e o belo Euríalo, que haviam chegado a Itália na companhia de Eneias, saem em expedição nocturna para ir ao encontro deste, mas são descobertos. Euríalo é morto. Niso, em vez de fugir e se salvar, avança contra o inimigo. É morto sobre o corpo do seu amigo.

Motivo: *dolor*

Modo: arma

Temas: camaradagem de armas, expedição nocturna, *provocatio*, Guerra de Tróia, homo-erotismo, Itália, suicídio *manu aliena*, Tróia

Fontes:

BNP s.v. Nisus 779 n°2

Grimal s.v. Nisos 318 n° 2

RE s.v. Nisos 759-760 n° 3

Virgílio, *Eneida*, 9.176-459 (em esp. 399-401 e 444-445)

[Van Hoof: não regista]

OCNA

Ocna, da Beócia, ama seu tio Eunosto, mas é um amor não

correspondido. Sentindo-se desprezada, Ocna calunia-o perante os seus irmãos, Équemo, Leone e Búcolo: Eunosto teria tentado violá-la. Os irmãos reagem e matam Eunosto. Consumida pelos remorsos, Ocna confessa a verdade. Os irmãos fogem, ameaçados pelo pai de Eunosto, e ela enforca-se ou atira-se de um penedo.

Motivo: *conscientia*

Modo: precipitação

Temas: Beócia, desamor, intriga feminina, misoginia, paralelo com Fedra

Fontes:

BNP (não regista entrada)

Grimal s.v. Boucolos 67 (enforcando-se)

RE s.v. Bukolos 1017-1019 n° 4; s.v. Ochne 1768 (atira-se de um penedo)

Plutarco, *Obras Morais*, 300f (precipitou-se)

[Van Hoof s.v. Ochne: mala conscientia, jumping, +, Plout. Mor. 300F]

ORESTES

É filho de Agamémnon e de Clitemnestra, irmão de Electra. Na lenda que situa o seu julgamento por matricídio na Argólide, Orestes é condenado à morte, sendo-lhe dada a escolha do meio. É a versão de Eurípides, *Orestes*.

A lenda pode ter uma componente de ritual de iniciação ou de transição.

Motivo: *necessitas*

Modo: arma

Temas: Argos, *deus ex machina*, Guerra de Tróia, matricídio, rito de transição, sentença de morte, vingança pelo assassinato do pai

Fontes:

BNP s.v. Orestes 198 (não refere suicídio)

Grimal s.v. Oreste 329-331

RE s.v. Orestes 966-1014 (esp.986-991: não fala em suicídio)

Eurípides, *Orestes*, 947 ss. (mensageiro sugere-lhe espada ou forca; 1035-1084 Orestes pensa em espada ou forca; Electra decide usar a espada)

[Van Hoof: Orestes 1: mala conscientia, ?, -, Eur.Or. 415]

[Van Hoof: Orestes 2: necessitas, weapons, –, Eur.Or. 947]

[Van Hoof s.v. Orestes 3: desperata salus, inedia, –, Eur.Iph. Taur. 973]

ORONTES

Orontes, filho de Dídnaso, é um guerreiro da Índia muito temido, até pela sua estatura descomunal. Comanda um exército do rei hindu Deríades aquando da expedição de Dioniso à Índia. É ferido pelo deus e mata-se.

O seu corpo é arrastado pelas águas do Orontes, na Síria, que são rebaptizadas com o nome do herói.

Motivo: *impatientia doloris*

Modo: afogamento

Temas: Dioniso, hidrónimo, Índia, mito epónimo, paralelo com Hércules, Síria

Fontes:

BNP s.v. Orontes 238-239 nº1 e 7 (não refere)

Grimal s.v. Orontès 331-332 nº1

RE s.v. Orontes 1160-1167 nº2

Pausânias 8.29.3 (nada diz)

[Van Hoof: não regista]

PACTOLO

É filho de Zeus e de Leucótea. Desflora a sua irmã Demódice sem o saber, durante os mistérios de Afrodite. Quando se apercebe, atira-se ao rio Crisórroas, na Ásia Menor. O rio toma então o nome de Pactolo.

Motivo: *pudor*

Modo: afogamento

Temas: Afrodite, Ásia Menor, engano, hidrónimo, incesto com irmã, Lídia, mito epónimo

Fontes:

BNP s. v. Pactolus 321-322 (nada diz)

Grimal s.v. Pactolos 336

RE s.v. Paktolos 2439-2440

Higino, *Fábulas*, 191 (não refere suicídio)

Ovídio, *Met.* 11.85-193
[Van Hoof: não regista]

PANDROSO (ver Cécrops, filhas de)
[Van Hoof: não consta]

PANGEU

É um herói trácio, filho de Ares e de Critobulo. Viola a sua filha de forma involuntária. Trespasa-se então com a sua espada numa montanha que passa a chamar-se Pangeu.

Motivo: *pudor*

Modo: arma

Temas: incesto involuntário, mito epónimo, orónimo, engano

Fontes:

BNP (não regista)

Grimal s.v. Pangaeos 344-345

RE Pangaion 589-592

[Van Hoof: não consta]

PÁRTENO (ver Molpadia)
[Van Hoof: não consta]

PARTÉNOPE (ver Sereias)

Uma das Sereias, que se atiram ao mar (cf. Sereias). O seu corpo dá à costa em Nápoles, onde um monumento assinala o seu culto, ficando a cidade com o seu nome.

Motivo: *pudor*

Modo: afogamento

Temas: hibridismo, mito epónimo, Itália

Fontes:

BNP s.v. Parthenope 570 n°1

Grimal s.v. Parthénopé 349

RE s.v. Parthenope 1934-1936 n°4

[Van Hoof s.v. Parthenope: dolor, jumping, +, Dionysios Periegetes]

PÉLIA (ver Melo)

Quando o seu marido, Melo, se enforca ao perder o amigo Adónis, a cipriota Pélia enforca-se na mesma árvore. Afrodite metamorfoseia-a em pomba, ave que é o símbolo da deusa e do amor.

Motivo: *dolor*

Modo: forca

Temas: Afrodite, amor conjugal, Chipre, perda de marido, pomba

Fontes:

BNP (não consta)

Grimal s.v. Mélos 287

RE s.v. Pelia 308 (parece ser outro mito)

[Van Hoof: não regista]

PELOPEIA (ou Pelópia)

É filha de Tiestes, banido de Micenas pelo seu irmão Atreu, e a viver em Sícion. Um oráculo prediz que o filho que Tiestes tiver com a sua filha o vingará de Atreu, que lhe matara os filhos. Certa noite, quando Pelopeia volta de um sacrifício em Sícion, Tiestes viola-a, gerando Egisto. Pelopeia, sem saber quem é o violador, consegue arrancar-lhe a espada e guardá-la.

Grávida de Egisto, Pelopeia casa com Atreu, seu tio. Expõe a criança, que é recolhida por pastores e alimentada a leite de cabra, cujo nome grego se relaciona etimologicamente com o próprio nome de Egisto. Mas Atreu manda buscar Egisto para o criar, sem saber quem é o pai.

Quando Egisto cresce, Atreu encarrega-o de ir a Delfos buscar Tiestes como prisioneiro, com o objectivo de o matar. Egisto obedece. Mas quando Tiestes vê a espada que Egisto empunha, dá-se a anagnórise. Tiestes reconhece o filho, pede que tragam Pelopeia à sua presença e revela-se o segredo do nascimento de Egisto. Pelopeia apossa-se da espada e espetá-a no peito. Egisto arranca-a ainda ensanguentada e vai ter com Atreu, que está a fazer um sacrifício de júbilo pela morte do irmão. Mata-o com a espada e os dois, Egisto e Tiestes, reinarão em conjunto no reino de Micenas.

Motivo: *pudor*

Modo: arma

Temas: anagnórise, Delfos, estupro pelo pai, exposição de crianças, Guerra de Tróia, incesto, Micenas, mito etiológico, ódio fraterno, Sícion, tiranicídio

Fontes:

BNP s.v. Pelopeia 702 n°2 (mata-se quando Egisto descobre que ela é mãe dele)

Grimal s.v. Atrée 59-60; s.v. Égisthe 134-135; s.v. Pelopia 354 n° 1; s.v. Thyeste 458

RE s.v. Pelopia 374-375 n°3

Higino, *Fábulas*, 87, 243.8

[Van Hoof s.v. Pelopeia: pudor, ? , +, Hyg.Fab. 87; 243,8]

PENÉLOPE

Durante a ausência de Ulisses, chega a desejar uma morte rápida, como a das filhas de Pandáreo. Noutra versão, perante o boato da morte de Ulisses lançado por Náuplio, Anticleia suicida-se e Penélope atira-se ao mar, sendo salva por aves marinhas.

Motivo: *dolor*

Modo: afogamento

Temas: amor conjugal, engano, Guerra de Tróia, Ítaca, perda do marido, suicídio frustrado

Fontes:

BNP s.v. Penelope 720-722 (não refere suicídio); s.v. Nauplios 2004-2008 (falsa notícia de Náuplio)

Grimal s. v. Pénélope 355-356 (lenda do afogamento); s. v. Pandaréos 343 (desejo de morrer)

RE s.v. Penelope 460-493

[Van Hoof: não consta]

PERDIZ

Perdiz é meia-irmã de Dédalo, filha de Eupálamo, de Creta. À morte ou exílio do filho, que também se chama Perdiz, enforca-se de desespero.

Os Atenenses instituem um culto em sua honra.

Motivo: *dolor*

Modo: força

Temas: amor maternal, Creta, mito etiológico

Fontes:

BNP s.v. Perdix 748-749 (não tem esta versão)

Grimal s.v. Perdix 358 nº 1

RE s.v. Perdix 615 nº 1

Ovídio, *Met.* 8.236-259 (etiologia do nome da ave)

[Van Hoof: não consta]

PÍLADES (ver Orestes)

Filho de Estrófió e de Anaxábia ou Anaxíbia, da Fócide, amigo de Orestes e seu parceiro no assassinato de Egisto. Segundo Eurípides, quando Orestes é julgado na Argólide, Pílares dispõe-se a morrer com ele, uma vez que foi co-autor do crime. Este argumento conjuga-se com a proclamação de que não saberia viver sem o amigo.

Motivo: *dolor*

Modo: arma

Temas: amizade, Argólide, *deus ex machina*, Fócide, suicídio frustrado

Fontes:

BNP s.v. Pylades 239-240 nº 1 (não menciona suicídio)

Grimal s.v. Orestes 329-331 (não menciona suicídio); s.v. Pylade 402 (não refere suicídio)

RE s.v. Pylades 2077-2084 nº 1

Eurípides, *Orestes*, 1035-1084 (Pílares decide suicidar-se juntamente com Orestes); 1091 (Pílares diz que partilha a morte); 1625-1693: Apolo assume a responsabilidade pelo matricídio e salva Orestes, Electra e Pílares)

[Van Hoof s.v. Pylades: *dolor*, *jumping*, –, Eur.Or. 1091]

PÍRAMO (ver Tisbe)

Píramo e Tisbe amam-se e Tisbe engravida antes de se casarem. Desesperada, mata-se. Então Píramo apunhala-se e morre também.

Segundo Ovídio, a lenda passa-se na Babilónia e o casamento é contrariado pelos pais. Num dos encontros secretos, Tisbe esconde-se atrás de uma amoreira, na proximidade do túmulo de

Nino e de uma fonte. Aí é atacada e ferida por uma leoa que se aproxima para beber, mas consegue fugir. Quando Píramo chega, vê vestígios ensanguentados das roupas da amada. Julgando-a morta, mata-se com uma espada. O mesmo fará depois Tisbe, quando regressa e o vê morto.

Os frutos da amoreira, que costumavam ser brancos, passam a vermelho, a cor do sangue dos suicidas.

Noutra versão, apiedados, os deuses transformam-nos em cursos de água da Cilícia: Píramo no rio homónimo; Tisbe numa fonte que lança a sua água nesse rio.

Motivo: *dolor*

Modo: arma

Temas: amores contrariados pelos pais, Babilónia, Cilícia, engano, mito epónimo, mito etiológico, hidrónimo, sexo pré-matrimonial, suicídio duplo, Romeu e Julieta.

Fontes:

BNP s.v. Pyramus and Thysbe 251-252 n° 2 (lenda da Cilícia)

Grimal s.v. Pyrame 402-403 (não regista entrada para Thysbe; fala em rio da Cilícia)

RE s.v. Pyramos 1-11 n° 3 (remete para Thisbe); s.v. Thisbe 286-291 n° 1 (rio da Cilícia)

Ovídio, *Met.* 4.55-166

Higino, *Fábulas*, 242.5 (Píramo da Babilónia), 243 (Tisbe da Babilónia)

[Van Hoof s.v. Pyramus: desperata salus, weapons, +, *Ov.Met.* 4.119 sqq.]

PIRENEU

Pireneu, rei de Dáulis, na Fócide, assedia as Musas que havia convidado a refugiarem-se em sua casa durante uma tempestade. Quando estas fogem, Pireneu precipita-se do alto de uma torre para as perseguir em seu voo.

Motivo: *furor*

Modo: precipitação

Temas: assédio sexual, Fócide, Musas, tirano abusador

Fontes:

BNP (não regista entrada)

Grimal s.v. Pyrénéé 403

RE s.v. Pyreneus 18-19

Ovídio, *Met.* 5.269-293 (291: tresloucado)
[Van Hoof: não consta]

PLÊIADES

Irmãs de Hias e das Híades, são as 12 filhas de Atlas e de Plêione. Acerca da sua lenda existem numerosas variantes. Perseguidas pelo caçador Oríon durante cinco anos, na Beócia, são transformadas em pombas e atiram-se ao mar. Zeus apieda-se e converte-as em constelação.

Noutra versão, teriam morrido de desgosto pela perda ou do pai Atlas ou do irmão Hias.

Motivo: *desperata salus*

Modo: afogamento

Temas: Beócia, assédio sexual, metamorfose, mito epónimo, astronomia, perda de irmão, perda de pai, pomba

Fontes:

BNP s.v. Hyades 590-591 (forçadas a lançarem-se ao mar);
s.v. Hyas 593 (“died of grief”); s.v. Pleiades 375-376

Grimal s.v. Hyades 215; s.v. Hyas 215 (suicídio); s.v. Plêiades
379 (não refere morte)

Higino, *Fábulas*, 192, 248

[Van Hoof: não regista entrada]

POLIDORA

É filha de Meleagro e de Cleópatra, mulher de Protesilau, de Cálidon. Também é chamada Laodamia ou Hipodamia. Mata-se depois da morte prematura do marido.

Motivo: *dolor*

Modo: arma

Temas: amor conjugal, Cálidon, Etólia, perda do marido

Fontes:

BNP s.v. Polydora 519 nº4

Grimal s. v. Polydora 384 (não é esta)

Pausânias, 4.2.7

RE s.v. Polidora 1604-1607 nº 5

[Van Hoof: não regista entrada]

POLIMELE (ver Alcímede)

BNP s.v. Polymele 527 n° 1 (remete para Aeson e para Iason)
 RE s.v. Promachos 642-646 n° 11 (Prómaco é filho de Éson e de Polímele, é morto em criança por Pélias); s.v. Polymela oder Polymele 1776-1767 “Name mytischer Frauen ‘designação de mitónimos femininos” n°1 (mulher de Éson, mãe de Jasão)
 [Van Hoof: não consta]

POLÍXENA

É filha de Príamo e de Hécuba, de Tróia. Teria sido sacrificada sobre o túmulo de Aquiles, por exigência do espírito deste e por intermédio de Pirro (ou Neoptólemo), filho de Aquiles, e de Ulisses, e para garantir o regresso dos Gregos no final da Guerra de Tróia.

Segundo Filóstrato, trespassa-se com uma espada no túmulo de Aquiles, por amor.

Motivo: *dolor*

Modo: arma

Temas: amor, Aquiles, Guerra de Tróia, paralelo com Ifigénia, sacrifício feminino

Fontes:

BNP s.v. Polyxena 538-539

Grimal s.v. Polyxène 387-388

RE s.v. Polyxena 1840-1850

Séneca, *Troianas*, 1148-1152 (Polixena como que se oferece ao golpe final)

Higino, *Fábulas*, 110 (não refere suicídio)

[Van Hoof s.v. Polyxena: dolor, weapons, +, Philostr.Her. 51,2-6]

PRAXÍTEA (ver Erecteu, filhas de)

Filha do rei Leos de Atenas. Juntamente com as duas filhas, ou é sacrificada ou oferece-se em sacrifício para salvar Atenas da peste.

Motivo: *devotio*

Modo: arma

Temas: Atenas, peste, sacrifício feminino, suicídio colectivo

Fontes: BNP s.v. Praxithea 788 n°2

Grimal s.v. Praxithea 391-392 n°1 (só refere sacrifício das filhas para garantir vitória)

RE s.v. Praxithea 1809-1811 n° 3 (exemplos de sacrifícios femininos)

[Van Hoof: não consta]

QUÍRON

Quíron é um centauro e é imortal. Seu pai é Cronos e sua mãe Fílira. Para se unir a ela, Cronos transfigurou-se em cavalo. Quíron também é justo e amigo dos homens. Quando Hércules massacra os Centauros, Quíron luta a seu lado. Mas, uma flecha envenenada cai da aljava de Hércules e atinge-o. A ferida é incurável e Quíron deseja morrer, ele que é imortal. Então, Prometeu dá-lhe a sua mortalidade e Quíron cede-lhe a sua imortalidade. É transformado em constelação.

Motivo: *impatientia doloris*

Modo: arma

Temas: astronomia, mito epónimo, hibridismo, filantropia, renúncia à imortalidade, suicídio *manu aliena*

Fontes:

BNP s.v. Chiron 233-234; s.v. Prometheus 6-10

Grimal s.v. Prométhée 397; s.v. Chiron 90

RE s.v. Chiron 2302-2308 n°

Ovídio, *Fastos*, 5.379-414

Apolodoro, *Biblioteca*, 2.5.4, 11

[Van Hoof: não consta]

SAFO

Safo está apaixonada por Fáon, um herói da ilha de Lesbos, de uma beleza invulgar. Mas ele despreza-a. Safo precipita-se então do alto da falésia de Lêucade para o mar.

Nesse local, realiza-se um ritual anual expiatório em que um condenado é precipitado.

Motivo: *dolor*

Modo: afogamento

Temas: beleza masculina, Lesbos, mito etiológico, sacrifícios humanos

Fontes:

BNP s.v. Sappho 961-964; s.v. Phaon 919-920 n° 1

Grimal (não regista entrada); s.v. Phaon 364

RE s.v. Sappho 2357-2385, esp. 2364

Ovídio, *Ep.* 15

[Van Hoof s.v. Sappho: dolor, jumping, +, Amp. 8,4]

SÁGARIS

Ságaris, ou Sângaris, é um dos filhos de Midas, ou de Mígdon e de Alexírrhoe. Como não presta culto a Cíbele, a deusa enlouquece-o. Atira-se ao rio Xeróbates, que passa a chamar-se Sangário.

Também se designava *ságaris* o instrumento de castração.

Motivo: *furor*

Modo: afogamento

Temas: Ásia (Lídia), Cíbele, mito epónimo, hidrónimo, vingança divina

Fontes:

BNP s.v. Sagaritis 865-866

Grimal s.v. Sagaris 413 n° 2

RE s.v. Sagaris 1733-1734 n°1; s.v. Sagaritis 1734-1736

[Van Hoof: não consta]

SÁLMACIS

Hermafrodito, natural da Frígia, levava uma vida errante. Na Cária, Sálmacis, a ninfa de um lago, apaixonou-se por ele. Quando Hermafrodito aí mergulha, Sálmacis abraça-o mas ele repudia-a. Então, a ninfa pede aos deuses que os seus dois corpos nunca mais se separem. Os deuses assim o fazem e de ora em diante, a pedido de Hermafrodito, todos aqueles que tomarem banho no lago Sálmacis perdem a virilidade.

Motivo: *desperata salus*

Modo: inédia

Temas: Ásia, hermafroditismo, metamorfose, mito epónimo, mito etiológico, ninfa

Fontes:

BNP s.v. Hermaphroditus 207-208; Salmacis 896
Grimal s.v. Hermaphrodite 206
Ovídio, *Metamorfoses*, 4.274-388.
[Van Hoof: não consta]

SELEMNO

Árgira é uma ninfa de uma fonte da Arcádia e está apaixonada pelo pastor Selemno. O seu amor dura enquanto Selemno é jovem. Quando este perde a beleza, ela abandona-o. Desesperado, Selemno deixa-se consumir e é transformado em rio por Afrodite. Apesar da transformação, continua a sofrer até Afrodite lhe conceder o dom de esquecer todas as suas dores. É por essa razão que os homens e mulheres que se banham no Selemno esquecem os seus desgostos de amor.

Motivo: *dolor*

Modo: inédia

Temas: Afrodite, Arcádia, bucolismo, desamor, diferença de idades, mito etiológico

Fontes:

BNP (não regista)

Grimal s.v. Argyra 50

RE s.v. Sele 1135-1136 n° 2 Sile / Selemnos; s.v. Argyra 799-801 n°3

Pausânias, 6.23.2: morre de amor, 7.23.2

[Van Hoof: não consta]

SELENE

Selene é filha de Basileia. Está casada com o seu irmão Hipérion e gera Selene (a Lua) e Hélio (o Sol). Despeitados, os outros Titãs matam o marido-irmão e afogam Hélio, o filho, no rio Eridano. A dor de perder o irmão leva Selene a precipitar-se do telhado de sua casa.

O mito mais comum é o dos amores de Selene e Endímion.

Motivo: *dolor*

Modo: precipitação

Temas: astronomia, casamento com irmão, Cíbele, incesto, amor conjugal, Arcádia

Fontes:

BNP s.v. Selene 210-211 (não explicita esta versão]; (não regista entrada Basileia)

Grimal s.v. Basileia 63 (suicídio de Selene); s.v. Sélénè 418 (não refere este mito, só os amores com Endímion)

RE s.v. Sele / Selene 1136-1144 nº 1

[Van Hoof s.v. Selene: dolor, jumping, +, Diod. 3,57,5]

SEMÍRAMIS (ver Honetes)

Semíramis seria filha da divindade Dérceto. Casa-se com o rei Nino, enviuvada e torna-se rainha da Assíria. É avisada pelo oráculo egípcio de Ámon de que morrerá quando seu filho conspirar contra ela. Desta forma, Semíramis entrega-lhe o poder e desaparece, transformada em pomba.

Imola-se na pira à morte do seu cavalo — de que gostava tanto que tinha coito com ele.

Motivo: *dolor*

Modo: imolação

Temas: animais (cavalo), Assíria, Babilónia, bestialismo, metamorfose, oráculo, pomba

Fontes:

BNP s.v. Semiramis 237 (não refere suicídio, mas abdicação); s. v. Onnes (remete para Semiramis)

Grimal s.v. Sémiramis 419; s. v. Nios 317

RE s.v. Semiramis Suppl.7 1204-1210 nº 1, esp.1208

Higino, *Fábulas*, 243.8 perda do cavalo (ver Honetes)

Plínio o Naturalista, *História Natural*, 8.155

[Van Hoof s.v. Semiramis: dolor, fire, +, Hyg.Fab. 242,4 (referência errada)]

SEREIAS

As Sereias são metade mulher, metade pássaro. O seu número varia consoante a tradição. Em geral fala-se em três. Vivem numa ilha do Mediterrâneo e o seu canto atrai os marinheiros, fazendo-os naufragar e devorando-os.

Quando Ulisses passa por estas paragens, a sua curiosidade e os conselhos de Circe conduzem-no ao seguinte estratagemma: os seus homens tapam os ouvidos com cera e ele é preso ao mastro do navio. Assim, Ulisses ouve o canto das Sereias mas não vai ao

encontro delas. Despeitadas por terem falhado, as Sereias atiram-se ao mar e morrem afogadas.

Motivo: *pudor*

Modo: afogamento

Temas: canto mágico, Circe, Guerra de Tróia, hibridismo, Mediterrâneo, música, Ulisses

Fontes:

BNP s.v. Sirens 504-505 (“The Siren’s committing suicide because of the defeat is not found in literature before the Hellenistic period”; Lycophr.714)

Grimal s.v. Sirènes 424-425

RE s.v. Sirenen 288-308 especialmente 295 (história do suicídio num vaso grego de 600 a.C, Museu Britânico E 440)

Higino, *Fábulas*, 141.2

Ovídio (não menciona a morte em nenhuma das referências)
[Van Hoof: não consta]

SIDE

Side é uma jovem que foge às perseguições do seu pai e acaba por se suicidar sobre o túmulo da sua mãe. Do seu sangue, os deuses fazem crescer uma romãzeira, árvore que tem o mesmo nome da jovem. O pai é transformado em milhafre. Segundo diziam, este pássaro nunca poisa em cima de uma romãzeira.

Motivo: *desperata salus*

Modo: arma

Temas: assédio do pai, metamorfose, mito etiológico, simbologia animal

Fontes:

BNP s.v. Side 433-435 (esta entrada não corresponde a mitónimo)

Grimal s.v. Sidè 422 n °5

RE s.v. Side 2208-2211 n°12 (nachstellen ‘perseguir’)

[Van Hoof: não consta]

SILEU, filha de (ver Hércules 2)

Hércules mata o prepotente e injusto Sileu, da Tessália, e é acolhido em casa do irmão deste, Diceu ‘O Justo’. Aí, apaixonar-se

pela filha do assassinado, a qual habitava com o tio. Quando tem de se ausentar por algum tempo, a jovem não consegue suportar a separação e morre. Ao regressar, Hércules quer atirar-se à pira fúnebre, mas é impedido.

Motivo: *dolor*

Modo: inédia

Temas: Hércules (trabalhos de), ausência do amado, Tessália

Fontes:

BNP s.v. Herakles 156-163 (nada diz); s.v. Syleus 986 (não refere suicídio)

Grimal s.v. Sylée 432-433; s.v. Héraclès 187-203, esp. 200

RE s.v. Syleus 1039-1040

[Van Hoof: não consta]

SIRENES (ver Sereias)

SOLUNTE

No regresso da expedição contra as Amazonas, Teseu traz a jovem Antíope consigo no barco. Solunte, um dos companheiros da expedição, apaixona-se por ela e confessa-se a um amigo. Este revela o segredo a Antíope, que recusa Solunte. Solunte atira-se a um rio da Bitínia e morre afogado. Teseu dá ao rio o nome do jovem.

Motivo: *dolor*

Modo: afogamento

Temas: Amazonas, Ásia (Bitínia), hidrónimo, mito epónimo

Fontes:

BNP (não regista)

Grimal s.v. Solois 427

RE s.v. Soloeis 935 nº1 (não refere lenda)

Plutarco, *Teseu*, 26

[Van Hoof s.v. Solois: dolor, jumping, +, Plout.Thes. 26,3-5]

TÁNAIS

Deus-rio, filho de Oceano e de Tétis, ou de Beroso e da Amazona Lisipe, numa lenda tardia. De entre os deuses, apenas cultua Ares e abomina as mulheres. Afrodite decide puni-lo

provocando-lhe um amor incestuoso pela sua mãe. Desesperado, Tánais só encontra um meio para fugir a esta paixão: atira-se ao rio, até então chamado Amazónio e que passará a chamar-se Tánais (actual Don).

Motivo: *desperata salus*

Modo: afogamento

Temas: Afrodite, Amazonas, Ásia, hidrónimo, incesto com mãe, misoginia, mito epónimo, vingança divina, região do Don

Fontes:

BNP s.v. Tanais 130-131 nº1 (não refere a lenda)

Grimal s.v. Tanaïs 435

RE s.v. Tanais 2162-2171

[Van Hoof: não consta]

TEANO

Mulher do rei Metaponto, da Icária, Ásia. Sendo estéril, o marido ameaça repudiá-la. Ela recolhe então duas crianças abandonadas, filhas de Neptuno e Melanipa, e apresenta-as ao rei como sendo seus filhos. Mais tarde dará à luz dois rapazes. Mas o rei prefere os outros dois e não aceita o conselho de os fazer desaparecer. Teano convence então os filhos verdadeiros a matarem os outros dois durante uma caçada. Mas são os jovens recolhidos que sobrevivem e trazem o corpo dos filhos verdadeiros para o palácio. Teano suicida-se com uma faca de caça.

Motivo: *conscientia*

Modo: arma

Temas: Ásia, caçada, engano, esterilidade, exposição de crianças, poder feminino, repúdio

Fontes:

BNP s.v. Theano 377 nº 2

Grimal s.v. Théano 447 (não refere suicídio)

RE s.v. Theano 1377-1381 nº 3

Higino, *Fábulas*, 186.7 (versão apresentada)

[Van Hoof s.v. Theano: *desperata salus*, *weapons*, Hyg.Fab. 186]

TEMISTO

É filha de Hipseu e de Creúsa. Na tragédia *Ino*, de Eurípides, que utiliza uma versão beótica da lenda, Atamante, julgando Ino morta (ver entrada Ino), casa em terceiras núpcias com Temisto, filha de Hipseu. Desta união nascem dois filhos, Orcómeno e Esfíngio. Mas Ino junta-se às Bacantes e um dia infiltra-se no palácio vestindo o papel de criada. Temisto sabe que Ino não morreu e quer matar-lhe os filhos. Confia-se à nova serva e ordena-lhe que vista as crianças de Ino de preto e as suas de branco, para as distinguir na escuridão. A pretensa serva troca as roupas e Temisto, por engano, mata os seus próprios filhos. Quando se apercebe do acto que cometeu, mata-se.

Motivo: *conscientia*

Modo: ?

Temas: Beócia, engano, infanticídio, *noverca*, Tessália, triângulo amoroso

Fontes:

BNP s.v. Athamas 229-230; s.v. Ino 821-822; s.v. Themisto 428-429 n°1

Grimal s.v. Athamas 56-57; s.v. Themisto 448

RE s.v. Themisto 1680-1684 n°1

Higino, *Fábulas*, 1, 4, 239, 243.5

[Van Hoof s.v. Themisto: dolor, ?, Hyg.Fab. 1,2]

TÉSTIO

Téstio é rei de Plêuron, na Etólia. Após longa ausência, regressa e encontra o seu filho Cálidon deitado ao lado da mãe. Pensando tratar-se de incesto, mata os dois. Mais tarde, conhecendo o erro, atira-se ao rio Áxeno, desde então rebaptizado com o seu nome, Téstio. Virá depois a chamar-se Aqueloo.

Motivo: *dolor*

Modo: afogamento

Temas: engano, Etólia, hidrónimo, incesto, mito epónimo

Fontes:

BNP s.v. Thestius 579-580 (“finds his son Calydon and his wife together, thinks there has been adultery and kills him”; s.v. Calydon 1008-1009 n°2 (“sees him with his mother and kills him”).

Grimal s.v. Calydon 76 n° 2 (incesto); s.v. Thestios 456 (nada

diz, remete para Cálidon)

RE s.v. Thestios 184-186 n° 1 (não explicita a morte)

Apolodoro, 1.7.7 (nada diz)

Higino, *Fábulas*, 250 (não refere morte)

Pausânias, 3.13.8

[Van Hoof: não consta]

TESTOR (ver Ídmon)

É filho de Apolo e de Laóteo e o adivinho dos Argonautas, sendo também chamado Ídmon. Quando vê sua filha Teónoe raptada por piratas, parte em sua busca. Mas naufraga, é preso na Cária e vendido como escravo ao rei local, a quem também a sua filha havia sido vendida. Entre aventuras novelescas, encontra-se na prisão com outra filha, Leucipe, que se disfarçara de homem. É justamente esta que lhe arranca das mãos a espada com que ia matar-se, desesperado com a perda de ambas as filhas. O final feliz é consumado com o reconhecimento de Teónoe.

Motivo: *desperata salus*

Modo: arma

Temas: disfarce, final feliz, mulher travestida de homem (teatro), piratas, suicídio frustrado, viagens

Fontes:

BNP s.v. Thestor 580 n°1

Grimal, s.v. Théonoé 448-449 n°2; s. v. Thestor 456 remete para Théonoé

RE s.v. Thestor 185 n° 1

Higino, *Fábulas*, 190

[Van Hoof: não consta]

TEUCRO

Filho de Télamon e de Hesíone, meio-irmão de Ajax, natural de Salamina. Nos funerais de Ajax, protege o cadáver de ofensas. É impedido de se suicidar. No regresso, anda errante por todo o Mediterrâneo.

Motivo: *dolor*

Modo: arma

Temas: amor fraternal, Egina, Guerra de Tróia, navegações,

Salamina de Chipre, suicídio frustrado, Tróia

Fontes:

BNP s.v. Teucer 330-331 nº 2

Grimal, s.v. Teucer 445-446 nº 2

RE s.v. Teukroi 1121-1134 nº2

[Van Hoof: não consta]

TIMÁGORAS 1 (ver Meles 1 e 2; ver Timágoras 2)

Em Atenas, o jovem e caprichoso Meles despreza o amor do meteco Timágoras, impondo-lhe toda a espécie de duras provas. Acaba por o desafiar a atirar-se do alto dos rochedos da Acrópole. Timágoras assim faz e salta para a morte. Desesperado, Meles também se atira e morre.

Em memória deste episódio, erige-se um altar a Ânteros ('Amor Correspondido'), onde os estrangeiros domiciliados em Atenas celebram um culto que lhes é próprio.

Motivo: *furor*

Modo: precipitação

Temas: Atenas, meteco, mito etiológico, *servitium amoris*, suicídio duplo

Fontes:

BNP s.v. Meles 628; s.v. Timagoras 681 (não regista esta entrada)

Grimal s.v. Mélès 286 (não regista Timágoras)

RE Meles 491-492, nº 1 (duas versões)

Pausânias, 1.30.1

[Van Hoof s.v. Timagoras: iactatio, jumping, +, Paus. 1,30,1]

TIMÁGORAS 2 (ver Timágoras 1; ver Meles 1 e 2)

Existe uma história similar à de Timágoras 1, de Eliano, mas entre dois aristocratas atenienses, onde os nomes são iguais mas a relação amorosa é inversa: o amado Meles ou Melito executa todas as exigências de Timágoras. Quando lhe traz aves raríssimas e não o demove, atira-se do alto de um rochedo. Timágoras segue o amante.

Motivo: *furor*

Modo: precipitação

Temas: Atenas, desamor, homo-erotismo, *servitium amoris*, suicídio duplo

Fontes:

BNP s.v. Meles 628

Grimal s.v. Mélès 286

RE Meles 491-492 n° 1 (ambas as versões)

Pausânias, 1.30.1

[Van Hoof: não consta]

TISBE (ver narrativa na entrada Píramo)

Motivo: *dolor*

Modo: espada

Temas: amores contrariados pelos pais, Ásia (Babilónia, Cilícia), mito etiológico, flora, hidrónimo, sexo pré-matrimonial, suicídio duplo

Fontes:

BNP s.v. Pyramus and Thysbe 251-252 n° 2 (rio da Cilícia)

Grimal s.v. Pyrame 402-403 (não regista entrada para Thysbe; rio da Cilícia; rio da Sicília, na tradução portuguesa, errada)

RE s.v. Thisbe 286-291 n° 1 (rio da Cilícia)

Ovídio, *Met.* 4.55-166 (acrescenta a arma do suicídio)

Higino, *Fábulas*, 242, 243.8

[Van Hoof s.v. Thisbe: desperata salus, weapons, +, *Ov.Met.* 4,162]

VALÉRIA (ver Valério)

Para fazer cessar uma epidemia que caíra sobre Falérios, um oráculo ordena o sacrifício anual de uma virgem a Juno. Quando Valéria empunha o cutelo para se imolar, uma águia arrebatá-o e deixa cair um bastão sobre o altar, junto de um martelo ritual. Valéria compreende que basta sacrificar uma vitela.

Ao consumir o sacrifício, canta a palavra grega *errhoso*, correspondente ao latim *vale* ‘saúde, adeus’ e explicação etiológica do nome Valéria e da cessação da peste.

Motivo: *devotio*

Modo: arma

Temas: suicídio frustrado, Falérios, mito etiológico; sacrifícios humanos substituídos, Túsculo

Fontes:

BNP Valeria 166 nº 5 (condiz com Grimal; acrescenta etiologia)-

Grimal s.v. Valéria 475

RE (não consta)

Plutarco, *Obras Morais*, 311ab (ela e a criança sobrevivem apesar de uma tentativa de aborto; pai mata-se depois do nascimento da criança)

[Van Hoof: Valeria Tusculanaria: pudor, jumping, –, Plout. Mor. 311B]

VALÉRIO (ver Valéria)

Figura mitológica de Túsculo e vítima do amor incestuoso de sua filha Valéria. Esta, com a cumplicidade da ama, embriaga o pai e dorme com ele de rosto velado, dizendo ser uma donzela vizinha que quer manter o anonimato. Foi gerado Egipá, que os romanos identificam com Silvano e Pã. Ao conhecer a verdade, Valério precipita-se de um rochedo.

Motivo: *pudor*

Modo: precipitação

Temas: engano, incesto involuntário, Túsculo

Fontes:

BNP s.v. Valerius 169-183 nº1

Grimal (não regista)

RE (não consta)

Plutarco, *Obras Morais*, 311ab

[Van Hoof: não consta]

CAPÍTULO III
TEMÁTICAS EMERGENTES

Nos mitos descritos, as constâncias detectadas fazem emergir temáticas que realçam contextos geográficos, culturais, antropológicos, etnográficos, religiosos e científicos, tão abundantes que seria impossível tratá-los no âmbito desta dissertação. Faremos portanto um esquisso breve.

Um aspecto que sobressai dos mitos é a grande quantidade de relações incestuosas. A este propósito, reveja-se uma das particularidades das leis de Sólon: “*Na verdade, o ateniense Sólon permitiu o casamento com (meias-irmãs) filhas do mesmo pai, mas proibiu-o com as filhas da mesma mãe*”¹. Ou seja, era permitido a um homem casar-se com a sua meia-irmã, desde que tivessem mães diferentes. Este “alargamento” generoso dos espartilhos do incesto poderá também evidenciar nesse mundo mitológico, espelho reflector do mundo real, a abundância desta temática. Inclusivamente, muitas vezes o incesto é produto de um oráculo, a pedra de toque necessária e catalisadora para algo se concretizar. Veja-se o caso de Pelopeia: o oráculo diz a seu pai que o filho que terá com ela, sua filha, o vingará de seu irmão Tiestes. A força destas relações tabu é tal, que nos chegamos a deparar com situações em que o incesto é quase duplo, como na lenda de Evópis, que casa com o tio mas ama o irmão.

Os adultérios femininos desocultam alguns cenários sociais muito interessantes. Por exemplo, as mulheres praticam-no sobretudo no seio da casa, no *oikos* e com estrangeiros. Este facto permite-nos fazer duas leituras. Primeiro, a de que muito do universo feminino está efectivamente confinado à casa e, portanto, o adultério acontece mais naturalmente nesse contexto doméstico. Segundo, percebe-se uma aceitação fácil do Outro, enquanto estrangeiro. É o paradigma do príncipe naufragado que encanta a princesa, é Nausícaa e Ulisses.

Noutras situações, este modelo feminino assume contornos distintos, mais retorcidos, permitindo identificar padrões ricos de densidade psicológica dos personagens. É o caso de Astidameia e de Cleobeia. Os amores estigmatizados que sentem para com o estrangeiro que “aportou” em seus lares, fá-las-á terrivelmente audazes no sofrimento e, conseqüentemente, também na vingança.

¹ Fílon, *De spec.leg.*3.22, apud D. Leão 2001 365.

Nestes cenários, assistimos à cristalização de estereótipos: a mulher má, como Hipodamia, que incita os filhos a matarem o meio-irmão e seu enteado, ou a *noverca*, encarnada magistralmente na figura de Fedra, antagónica da figura da mãe, boa e abnegada. Aliás, a carga pejorativa que a *noverca* encerra, espalha-se por vezes até às margens da misoginia, Hipólito assim o demonstra.

Um conjunto de personagens transporta múltiplas luzes que permitem aprofundar análises históricas e sociológicas e que fazem apelo a aspectos de novelas, a tópicos literários de bucólicas e romances. Por exemplo, reconhece-se o serviço amoroso (*servitium amoris*) em Leucocomante, que impõe duras tarefas ao apaixonado e, de forma muito expressiva, identificamo-lo também em Timágoras e Meles. Atravessa-se a temática dos sofrimentos ou coitas de amor (*erotika pathemata*) em Calíroe 1. Encontra-se o tópico da vida selvagem (*theriodes bios*) em Hipólito, que, a par da leitura misógina já referida, também revela subjugação à natureza, à solidão, ao recolhimento, à devoção a Ártemis, deusa virgem da caça.

Existem lendas que classificámos de histórias paralelas, quer por corresponderem a um padrão de situações idênticas, quer pela moral subjacente ou pelo impacto cultural e sociológico posterior. Por exemplo, na história de Erígone, a quem é revelado o sítio onde se encontra seu pai morto, privado de sepultura, sobressai a mesma problemática vigente em Antígona. Na lenda de Cálamo reencontramos a morte e o renascimento que a lenda de Fénix também encerra. A história de Eveno, que matava todos os pretendentes da sua filha Marpessa e ornava o templo de Posídon com os seus crânios, plasma-se naturalmente em Enómao e nas suas acções para com a sua filha Hipodamia.

Mas as semelhanças mais carismáticas, no sentido em que são mitos explicativos de ritmos cíclicos e de socialização, residem naquele subgrupo das lendas etiológicas, que retrata festividades e celebrações². Por exemplo, Cárila é génese de um ritual catártico e evocativo de generosidade para com o povo. Dáfnis é origem de celebração religiosa e sacrificial. Muitas vezes estes rituais sofrem evoluções no sentido de um melhoramento civilizacional, como no caso das companheiras de Erígone 2, que dão origem ao festival dos Aiora, em Atenas, durante o qual se suspendem raparigas das árvores que mais tarde serão simples efígies.

Inserimos o suicídio por mão alheia (*manu aliena*) nos temas,

² Ver gráfico VI.

mas esta expressão engloba aqueles que pedem a outrem que os mate. Num indivíduo que está na posse das suas capacidades físicas, esse pedido pode ser entendido como uma evidência de fragilidade perante o confronto com a situação, ou tão-somente como o desejo de não vivenciar o fardo desta experiência na solidão. Nesta conjuntura última, poderíamos acolher o escravo Drímaco, o qual, cansado de viver entre perigos e fugas, pede ao amado que o degole. No entanto, é evidente que esta perspectiva é baseada na nossa contemporaneidade e impossível de clarificar. O suicídio *manu aliena* também se apresenta em contextos mais enviesados, onde não existe um pedido explícito, como em Drímaco, mas sim a demanda convicta de uma situação que leve ao final desejado. Por exemplo, Euquenor parte para a guerra sabendo que vai morrer. Procura portanto conscientemente a morte, que acontece por uma seta de Páris.

A quantidade de temas sugeridos na pesquisa efectuada revelou-se tão pujante que entendemos ser mais sugestivo pô-los também no aparato crítico. Desta base, seleccionámos em geral três temas que surgem no quadro descritivo que contém todas as entradas (ver quadro, no final dos anexos). Além disso, também referenciámos o local onde acontece o suicídio, o que nos dá algumas luzes sobre esta “diáspora suicidária”. Esta metodologia operativa permitiu ter uma visão de conjunto única sobre o assunto.

CONCLUSÃO

Depois do longo caminho percorrido, sentimos que muito há ainda por percorrer devido à riqueza da matéria-prima em questão. O *corpus* identificado alargou de forma considerável as tentativas de seriação de outros estudiosos. A tipologia adoptada, sem deixar de valorizar a de Van Hoof, tornou mais clara a tipificação, sobretudo dos motivos, e corrigiu vários casos classificados de outra forma.

Juntar o suicídio ao mito clássico significou aglomerar, sob estes dois gigantes, histórias lendárias cujo denominador comum se caracterizou por uma intenção, concretizada, de pôr termo à vida. Os suicídios frustrados, abortados por outrem, também foram valorizados, pois cortá-los deste conjunto seria necessariamente empobrecê-lo da sua verdadeira dimensão.

Nas concretizações dessas mortes, surpreendeu-nos também o encontro com as não mortes, ou seja, com as metamorfoses, formas de vida outras que constituem linhas inquebrantáveis de continuidade. Estas circunstâncias permitiram-nos mergulhar em histórias soberbas, no dramatismo e nos sentimentos humanos extremos, onde os deuses estão sempre vigilantes na aplicabilidade do princípio de Némesis.

A construção mítica, resultado de um enorme espectro temporal, limitado a jusante pela época micénica e a montante pelo Império Romano, não se distancia da do mundo real. É evidente que decorre da sua matriz identitária um mimetismo da vivência dos homens de então. Percorrendo a plêiade de temas sugeridos, delineiam-se com muita facilidade contextos geográficos, movimentos migratórios, a colonização grega da Ásia Menor, temáticas literárias, arquétipos de personalidade e indicações sobre mentalidades. Observámos, inclusive, que, na bibliografia analisada, os personagens míticos e os reais “coabitam” lado a lado, muitas vezes sem referência *a priori* especificada sobre se são provenientes de um mundo ou do outro. E essa razão reside no facto de esse mundo, o mítico, ser resultado visceral desse outro, o real. Por exemplo, as tipologias *necessitas* e *iactatio* viram a sua definição clarificada com dois personagens reais, Petrónio e Séneca, da época neroniana.

Muitos mitos estão relacionados com a Guerra de Tróia e com os poemas homéricos, o que nos leva a concluir que o grande fundo temático é anterior ao séc. VII e que atesta a formidável perenidade desse ciclo épico, muito embora ele também tenha absorvido continuamente o espírito do tempo, até aos finais da Antiguidade.

Elaborámos as *causae moriendi* com base em termos e conceitos da Antiguidade. Algumas revelaram características tremendamente constantes no tempo e universais no sentir, como sejam a dor (*dolor*). Mas noutras, encontrámos marcas indeléveis de um outro tempo, como em *iactatio* e na expressão paradigmática que a acompanha, *iactatio, ut quidam philosophi*, ou seja, a jactância de certos filósofos, na visão da jurisprudência romana, que nos transporta para um acto a um tempo filosófico e teatral. Aliás, observámos que no Mundo Antigo, ao invés do actual, onde os contextos suicidários se enquadram fundamentalmente num acto solitário, essas mortes eram muitas vezes públicas ou, pelo menos, socializadas.

Algumas classificações, como *pudor* e *conscientia*, esgrimem noções de crime voluntário ou involuntário, dicotomias entre culpa e mancha, às quais os personagens se submetem com paixão e ardor. Noutras, como em *devotio*, atravessam-se actos heróicos, muitas vezes com a intervenção de oráculos. Esta tipologia, em particular, permitiu-nos ver que as mulheres, tal como os homens, também se matam por abnegação e sacrifício pela causa comum, não é só o *oikos* que é palco feminino.

A quantidade tão expressiva de mitos etiológicos, esses mitos didácticos que operam no domínio explicativo das ciências, sobretudo da Botânica, da Astronomia, dos fenómenos naturais, das particularidades geográficas, assim como das vivências culturais, permite-nos, com uma margem de confiança bastante grande, afirmar que os mitos evidenciam de forma privilegiada uma tentativa de racionalização.

Nos *modi moriendi*, o mais numeroso é o afogamento. Ora, se juntarmos isto ao grande número de mitos epónimos, sobretudo na atribuição de nomes a rios, a mares, a particularidades do litoral e a ilhas, sobressai de forma muito clara um padrão que nos permite ver distintamente aquilo que emerge desta realidade e a sintetiza: a água. Sob o signo deste elemento, identificaram-se muitos dos mitos do Mundo Clássico, e isso remete-nos para a importância deste elemento como gerador, formador e modelador de civilizações.

Em suma, esta informação mitológica permitiu-nos identificar padrões sociológicos que sobressaem da planície narrativa e identificar fios condutores que deixam inferir práticas culturais desse Mundo Antigo. Ajudou-nos a plasmar as narrativas ao próprio contexto geográfico e a observar o que de tão profundo as une, quartelando as histórias por semelhanças novelescas e concordâncias morais. Identificámos discursos no feminino e no masculino. Fizemos emergir o paganismo e os seus múltiplos fiordes nas estruturas sociais, nos espaços privados e na vivência dos homens de então. Tentámos refazer aspectos da História com as muitas histórias que aqui se enlaçam. Afinal, foi isso que se pretendeu desde o início.

APÊNDICE - TRATAMENTO ESTATÍSTICO

Tabela 1

Mitos Epónimos	63
Dos quais Hidrónimos	27
Mitos Etiológicos	55
Metamorfoses	29
Das quais com Mitos Epónimos e Etiológicos	8
Total Mitos Epónimos e Etiológicos	118

Gráfico I - Motivos

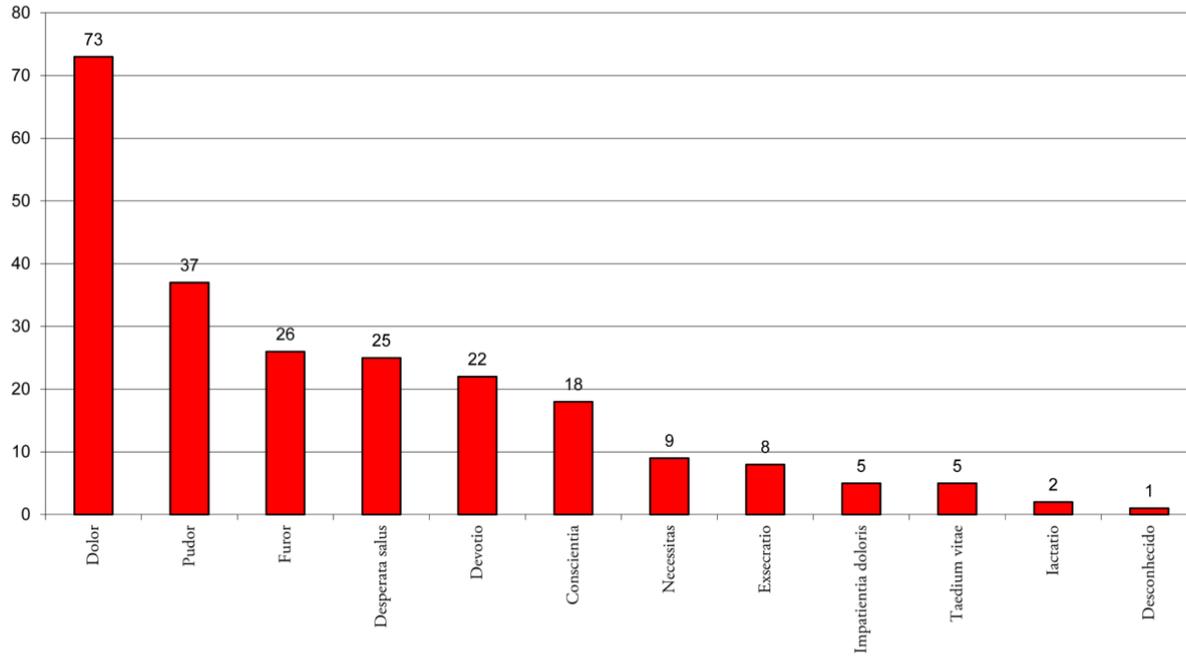


Gráfico II - Motivos por Género (n=228)

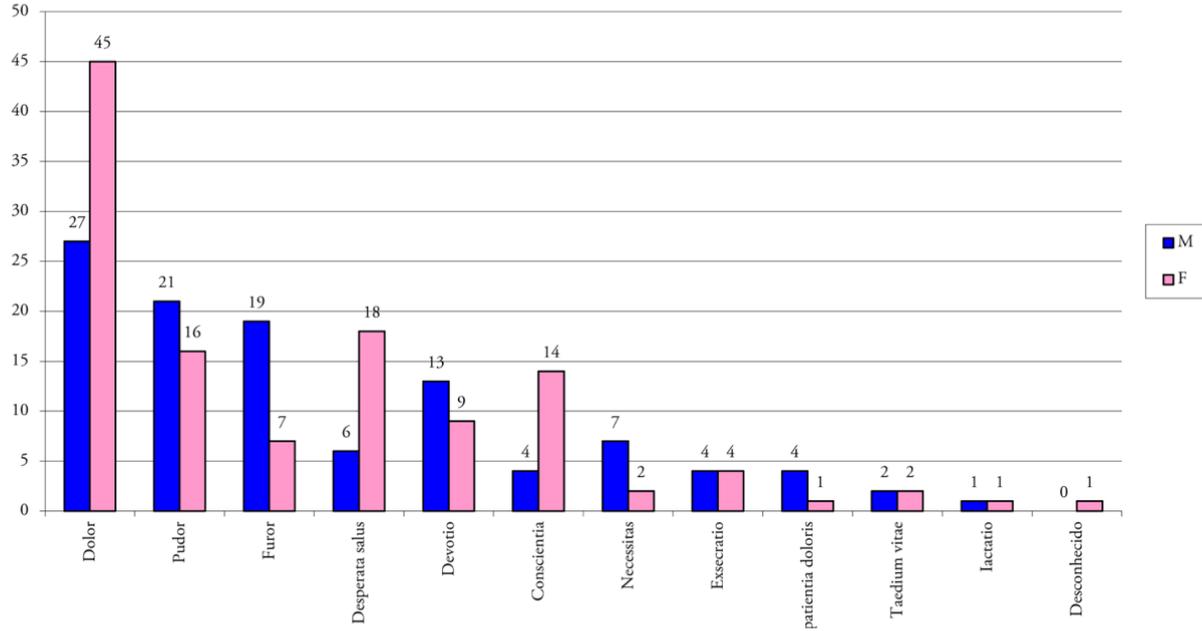


Gráfico III - Temas Evocados nos Casos Dolor

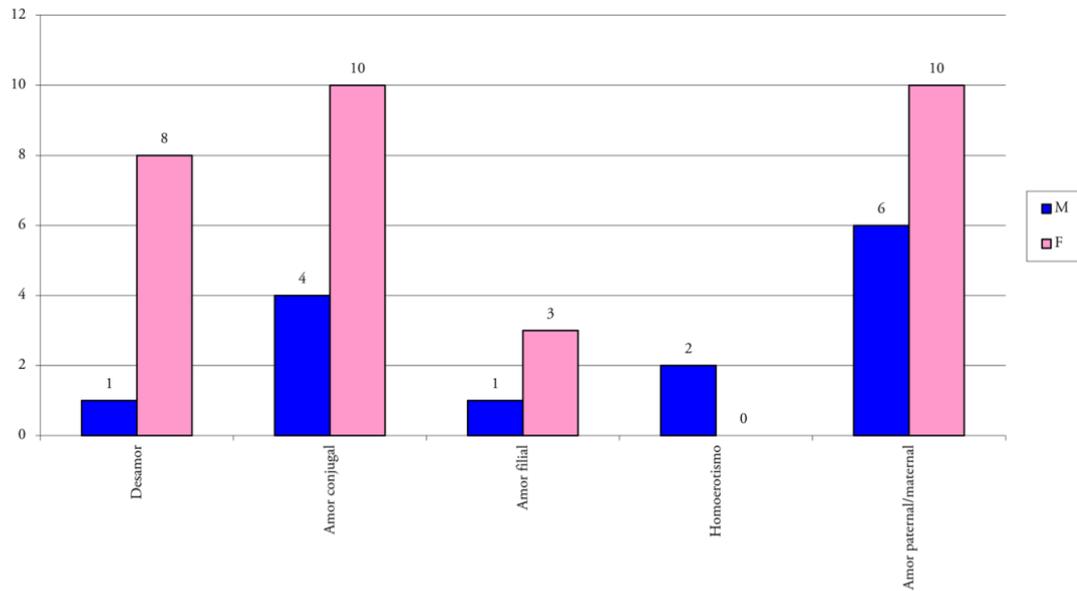


Gráfico IV - Desperata Salus - Masculino

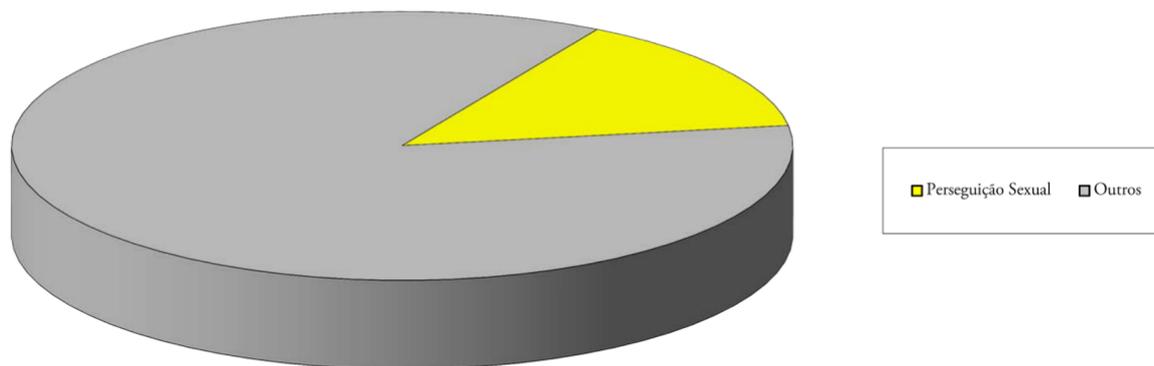


Gráfico V - Desperata Salus - Feminino

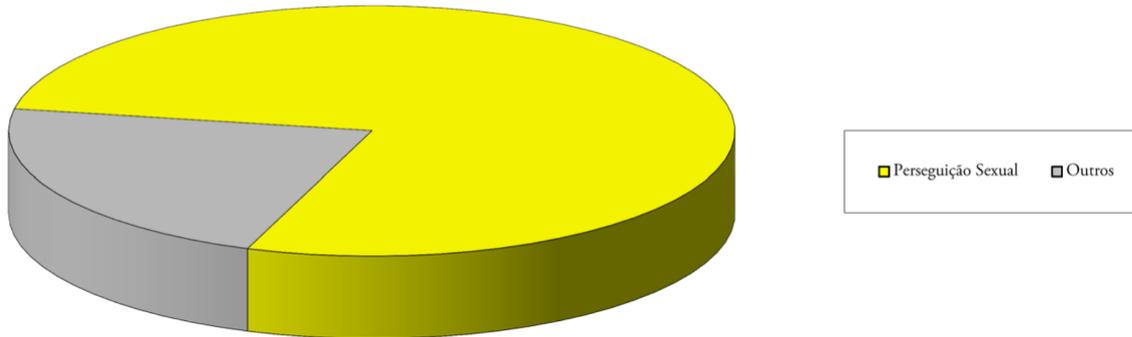


Gráfico VI - Mitos Etiológicos - Constituição

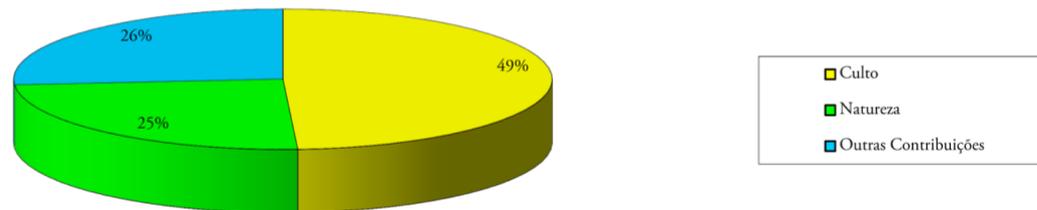


Gráfico VII - Modos

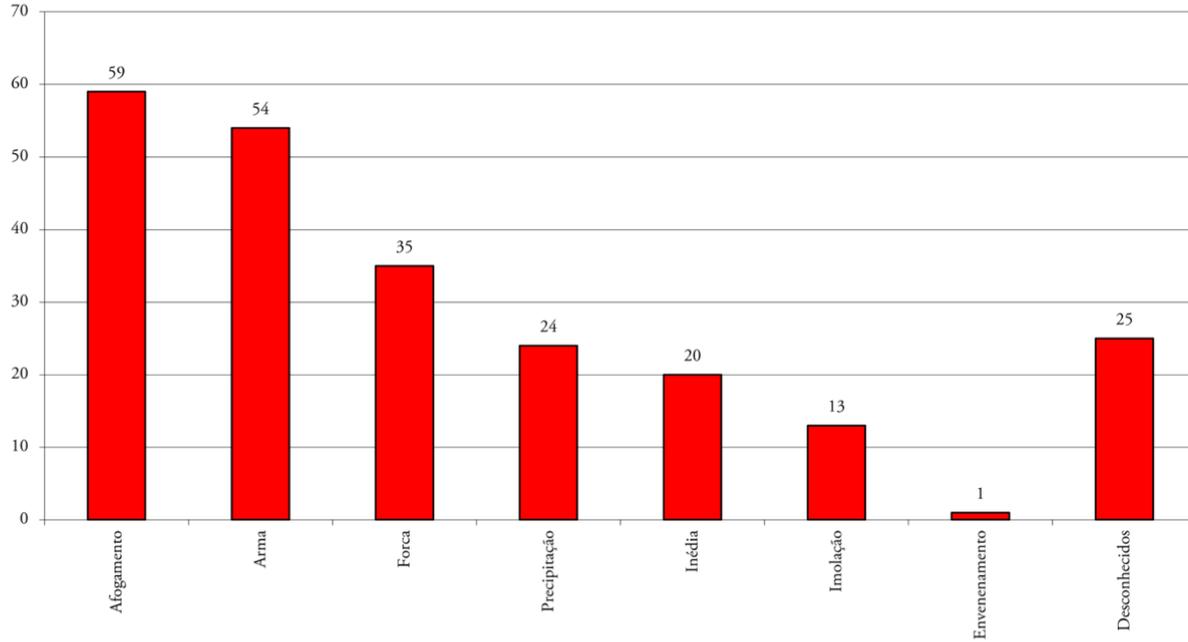


Gráfico VIII - Modos por Gênero (n=228)

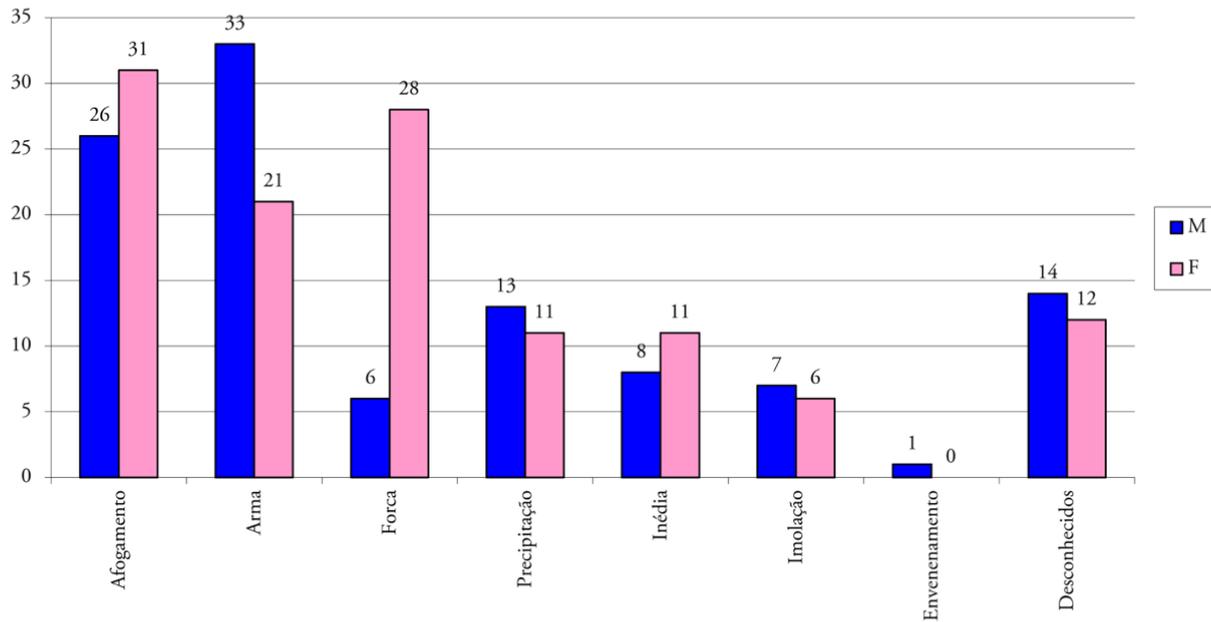


Gráfico IX - Modos Utilizados nos Casos de Mitos Epónimos e Etiológicos

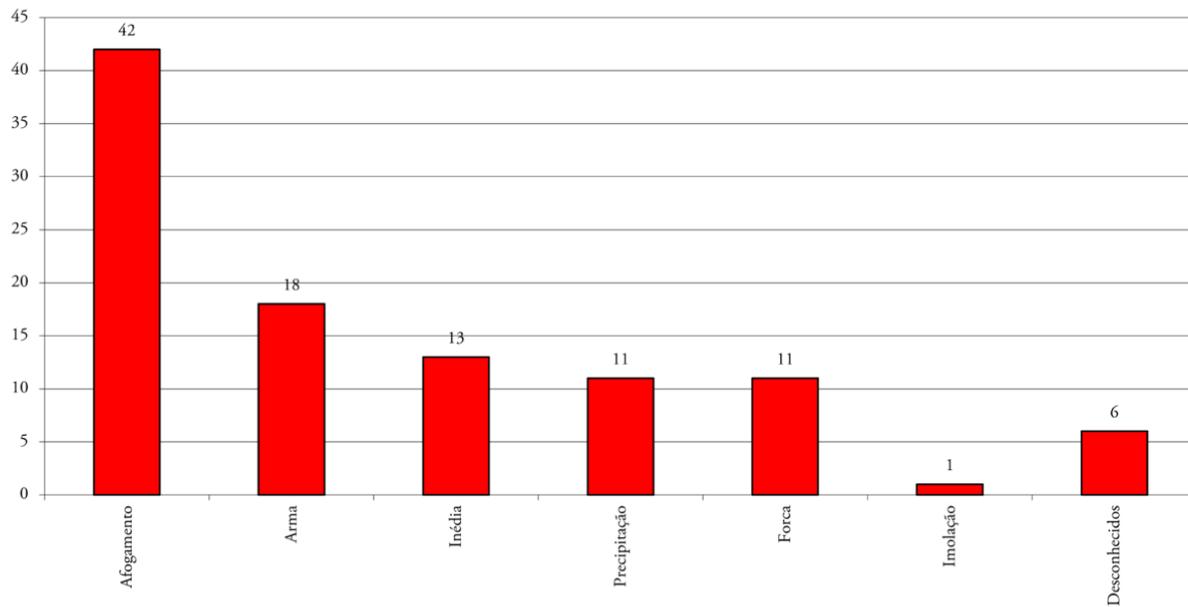
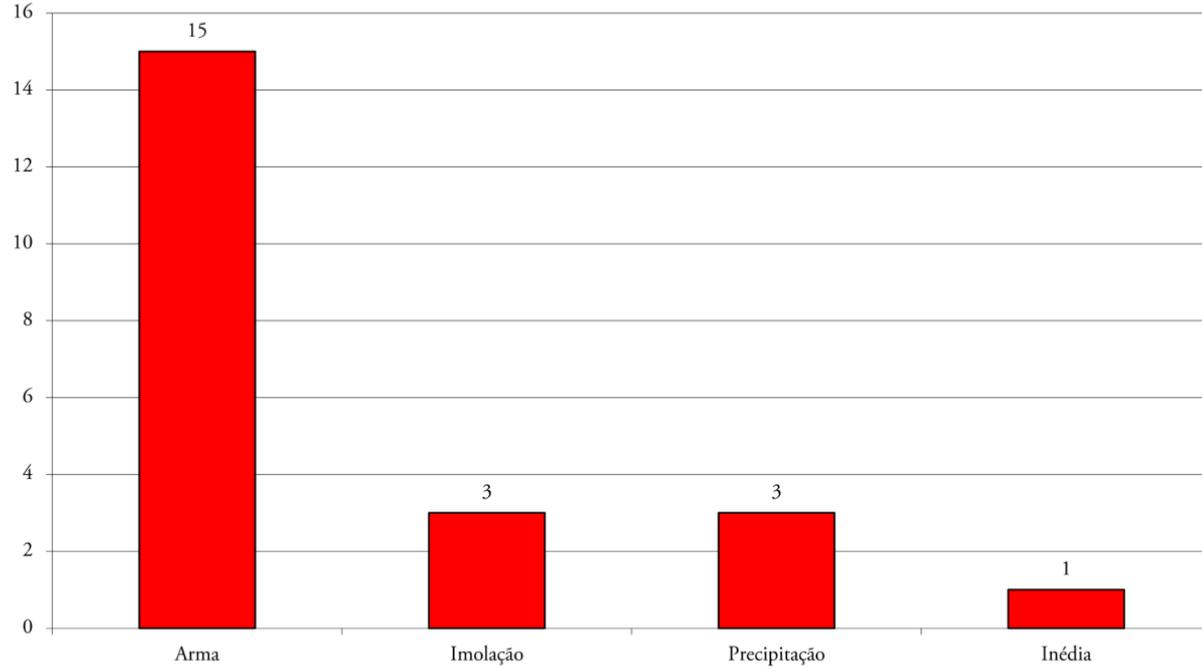


Gráfico X - Modos Utilizados nos Casos de Devotio



PERSONAGEM	GÊNERO	MOTIVO	MODO	TEMA 1	TEMA 2	TEMA 3	LOCAL SUICÍDIO
Adrasto 1	M	dolor	desconhecido	amor paternal	Sete contra Tebas	Argos	Tebas
Adrasto 2	M	devotio	imolação	Apolo	oráculo	Argos	Tebas
Adrasto 3	M	dolor	arma	amizade	hospitalidade	engano	Lídia
Aglauro	F	devotio	precipitação	mito etiológico	sexualidade dos deuses	Atena	Atenas
Agrio	M	pudor	desconhecido	Guerra de Tróia	perda de poder político	vingança de família	Tróia
Ajax 1	M	pudor	arma	Guerra de Tróia	adultério de Helena	prémio de saque (Paládio)	Tróia
Ajax 2	M	furor	arma	Guerra de Tróia	hybris	engano	Tróia
Alceste	F	devotio	arma	amor conjugal	catábase	vingança de Artemis	Tessália
Alcímede	F	exsecrató	força	amor conjugal	Argonautas	lolco	Iolcos
Alcínoe 1	F	furor	afogamento	adultério com hóspede	maldição	vingança divina	Mar Mediterrâneo
Alcíone 1	F	dolor	afogamento	metamorfose	maldição	engano	Tráquina, prata
Alcíone 2	F	dolor	afogamento	metamorfose	mito epónimo (mar)	amor filial	Mar de Alcione
Alciónidas	F	dolor	afogamento	metamorfose	mito epónimo (mar)	amor filial	Mar de Alcione
Alcia	F	conscientia	força	aves de Meleagro	Caçada de Cálidon	destino	Cálidon
Alcménes	M	dolor	precipitação	Creta	oráculo	engano	Rodes
Amata	F	conscientia	força	influência política feminina	príncipe estrangeiro	matriarcado	Lácio
Aminias	M	exsecrató	arma	homo-eroticismo	Narciso	desamor	Monte Helicon
Ana	F	dolor	imolação	príncipe estrangeiro	Encias	Carrago	Carrago
Ancuro	M	devotio	precipitação	oráculo	anel de Polícrates	Ásia	Górdio (capital da Frígia)
Anfon	M	dolor	arma	hybris	amor paternal	prognéne	
Ánio	M	pudor	afogamento	mito epónimo (hidrónimo)	rapto	Eritúria	Roma
Anticleia	F	dolor	inédia	Guerra de Tróia	catábase	amor maternal	fraca
Antígona 1	F	necessitas	força	Édipo	tiranía	sepultura	Tebas
Antígona 2	F	dolor	força	desamor	vingança feminina	adultério	Tessália
Antíloco	M	devotio	arma	Guerra de Tróia	manu aliena	provocatio	Tróia
Apríte	F	desperata salus	afogamento	viagens marítimas	desamor	rapto	Lesbos
Aquiles	M	necessitas	arma	Guerra de Tróia	manu aliena	amizade	Tróia
Aracne	F	pudor	força	metamorfose	mito epónimo	hybris	Lídia
Ariadne	F	dolor	força	desamor	Creta	Teseu	Creta
Aspalis	F	desperata salus	força	mito etiológico	engano	tirano devasso	Tessália
Assion	M	conscientia	desconhecido	Assíria	caçada	incesto	Assíria
Astéria	F	desperata salus	afogamento	mito epónimo / etiológico	metamorfose	Zeus / Delos	Delos
Astianax	M	necessitas	precipitação	mito epónimo	criança	Guerra de Tróia	Tróia
Átis	M	furor	arma	mito etiológico	autocastração	hermafroditismo	Lídia
Aura	F	furor	afogamento	mito etiológico	metamorfose	Dioniso	Frígia
Biblis 1	F	furor	precipitação	metamorfose	mito epónimo	incesto	Ásia
Biblis 2	M	desperata salus	força	mito epónimo	incesto	Ásia	Ásia
Bolina	F	desperata salus	afogamento	assédio sexual	Apolo	sexualidade dos deuses	Mar Mediterrâneo
Briseu	M	pudor	força	Guerra de Tróia	Ásia	saque	Tróia
Bríte	F	desperata salus	afogamento	mito etiológico	Creta	assédio sexual	Creta
Britomartis	F	desperata salus	afogamento	mito epónimo / etiológico	assédio sexual	suicídio frustrado	Creta
Bróteas 1	M	furor	imolação	Ártemis	Ásia	caça	Frígia ou Lídia
Bróteas 2	M	taedium vitae	imolação	fealdade masculina	Ásia	vingança de Zeus	
Butes	M	furor	afogamento	vingança divina	Dioniso	pirataria	Tessália
Cálamo	M	conscientia	inédia	mito epónimo	homo-eroticismo	amizade	Frígia
Calcas	M	pudor	inédia	Guerra de Tróia	oráculo	adivinhação	Colofon
Calpiso	F	dolor	desconhecido	Ulisses	desamor		
Calíroo 1	F	dolor	força	Guerra de Tróia	desamor	sexualidade feminina	Líbia
Calíroo 2	F	conscientia	arma	mito epónimo (hidrónimo)	desamor	Dioniso	Cálidon
Cambles	M	furor	arma	magia	antropofagia	canibalismo	Lídia
Cânace	F	necessitas	arma	incesto	exposição de crianças	espada	Tessália
Canens	F	dolor	inédia	mito epónimo (corónimo)	sexualidade feminina	fidelidade masculina	Lácio
Cáon	M	devotio	arma	mito epónimo	Epiro	epidemia	Caônia (Epiro)
Cárla	F	pudor	força	mito etiológico	folclore	distribuição de trigo	Delos
Castília	F	desperata salus	afogamento	mito epónimo (hidrónimo)	Apolo	assédio sexual	Delos
Cécrops, filhas de	F	furor	precipitação	mito etiológico	sexualidade dos deuses	Atena	Atenas
Ceneu	F	desperata salus	desconhecido	metamorfose	hybris	transsexualidade	Tessália
Clane 1	F	pudor	inédia	metamorfose	mito hidrónimo / etiológico	rapto no ritual de casamento	Nápoles
Clane 2	F	devotio	arma	oráculo	anagnórise com anel	incesto	Siracusa
Clanipo 1	M	devotio	arma	oráculo	anagnórise com anel	incesto	Siracusa
Clanipo 2	M	dolor	imolação	amor conjugal	theriodes bios	Dioniso	Tessália
Cícno 1, mãe de	M	pudor	afogamento	metamorfose	castigo da beleza	homo-eroticismo	Cálidon (Etólia)
Cícno 1, mãe de	F	dolor	afogamento	amor maternal	suicídio solidário	perda de filho	Etólia
Cícno 2	M	dolor	inédia	metamorfose	homo-eroticismo	perda do amado	Ligúria
Cidipe	F	iaciatio	desconhecido	mito etiológico	felicidade	filosofia	Argos
Cila	F	desperata salus	afogamento	mito epónimo / etiológico	príncipe estrangeiro	Creta	Mégara
Cíniras 1	M	pudor	desconhecido	incesto	colonização	Apolo	Chipre
Cíniras 2	M	pudor	desconhecido	Apolo	competição com deus	música	Chipre
Cíniras 2, filhas de	F	dolor	afogamento	Apolo	competição com deus	música	Chipre
Cíquiro	M	dolor	precipitação	mito epónimo / etiológico	engano	caça	Caônia
Cleobea	F	conscientia	força	adultério feminino	hospitalidade	dolo feminino	Mileto
Cleomedes	M	furor	desconhecido	mito etiológico	metamorfose	jogos Olímpicos	Olimpo
Cleópatra	F	dolor	força	amor conjugal	perda de marido	intervenção feminina	Cálidon
Clestrato	M	devotio	precipitação	mito epónimo	dragão	sacrifício voluntário masculino	Téspias
Clíce	F	conscientia	inédia	mito etiológico	metamorfose	Hélio	Pérsia
Clímeno	M	pudor	desconhecido	metamorfose	antropofagia	incesto	Arcádia
Clite	F	dolor	força	amor conjugal	Argonautas	Ásia	Propóntida (Ásia)
Codro	M	devotio	arma	mito etiológico	oráculo	provocatio	Atenas
Corosso	M	devotio	arma	mito epónimo (hidrónimo)	oráculo	desamor	Cálidon
Corónides	F	devotio	arma	mito epónimo	sacrifícios humanos	Hades	Béocia
Creusa 1	F	impudentia doloris	afogamento	Medeia	Jasão	fonte	Corinto
Creusa 2	F	pudor	arma	noverca	exposição de crianças	reconhecimento	Delos
Crispo	M	pudor	desconhecido	mito etiológico	homo-eroticismo	hospitalidade	Peloponeso
Dada	F	pudor	arma	mito epónimo (corónimo)	// com Lucrécia	assédio sexual	Creta
Dáfnis	M	pudor	precipitação	mito etiológico	castigo da beleza	vinho	Sicília
Dejanira	F	conscientia	arma	magia	Hércules	catábase	Tráquina
Dicte	F	desperata salus	afogamento	suicídio frustrado	pesca	assédio sexual	Creta
Dido 1	F	devotio	imolação	Cartago	Ásia	África	Carrago
Dido 2	F	exsecrató	arma	desamor	// com Hércules sobre a pira	espada do amado	Carrago
Dimetes	M	dolor	arma	suicídio sobre estímulo da amada	neofilia	amor macabro	Trezena
Drimaco	M	taedium vitae	arma	mito etiológico	suicídio manu aliena	escravos	Queros
Eco	F	dolor	inédia	mito epónimo	desamor	gruta	Béocia
Édipo	M	pudor	desconhecido	oráculo	incesto	Corinto	Tebas
Egéria	F	dolor	inédia	metamorfose	mito etiológico	amor conjugal	Roma
Egeu	M	dolor	afogamento	mito epónimo	amor paternal	Minotauro	Atenas
Egínetas	M	desperata salus	força	suicídio em massa	vingança divina	peste	Egina
Enone	F	conscientia	força	guerra de Tróia	medicina feminina	virgindade	Monte Ida (Tróia)
Enória, quatro filhos de	M	dolor	força	mito epónimo / etiológico	// lenda de Erigone	amor filial	Roma
Erecteu, filhas de	F	devotio	arma	mito etiológico	filés	sacrifício feminino	Atenas
Erigone 1	F	pudor	força	Aeópago	intervenção feminina	Orestes	Atenas
Erigone 2	F	dolor	força	amor filial	Dioniso	// com Antígona	Atenas
Erigone 2, companheiras de	F	furor	força	mito etiológico	folclore	Dioniso	Atenas
Erisícton	M	furor	inédia	metamorfose	// com Cambles	hybris	Tessália
Esaco	M	dolor	afogamento	metamorfose	sonho	amor conjugal	Tróia
Escélaso	M	exsecrató	desconhecido	mito etiológico	Esparta	Erínias	Leucrotos
Escélaso, filhas de	F	pudor	força	Esparta	estupro	suicídio colectivo	Leucrotos
Esfinge	F	pudor	precipitação	hibridismo	Tebas	perigos das viagens	Tebas
Éson	M	necessitas	veneno	Argonautas	ódio fraternal	Jasão	Iolcos
Estenebeia	F	dolor	afogamento	adultério	// com Fedra / Hipólito	desamor	Tirinto
Estrímon	M	dolor	afogamento	mito hidrónimo	Guerra de Tróia	amor paternal	Trácia
Etra	F	dolor	desconhecido	amor maternal	Teseu	sexualidade dos deuses	Tessália
Eufrates	M	dolor	afogamento	mito epónimo (hidrónimo)	amor paternal	engano	Assíria
Euquenor	M	necessitas	arma	Guerra de Tróia	manu aliena	provocatio	Tróia
Eurídice	F	dolor	força	amor maternal	Antígona	Creonte	Tebas
Evadne	F	dolor	imolação	hybris	amor conjugal	Sete contra Tebas	Tebas
Eveno	M	pudor	afogamento	mito hidrónimo	Etólia	Pusídon	Etólia
Evópis	F	exsecrató	força	desamor	incesto	Trezena	Trezena
Fásis	M	furor	afogamento	mito epónimo (hidrónimo)	adultério	Erínias	Rio Arcturo
Fedra	F	conscientia	força	theriodes bios	misoginia	Afrodite	Trezena
Fénix	F	taedium vitae	imolação	// com Hiperbóreas	morte e vida	Egipto	Eritólia
Filis	F	exsecrató	força	mito epónimo (corónimo)	Guerra de Tróia	príncipe estrangeiro	Trácia
Ganges	M	pudor	afogamento	mito epónimo (hidrónimo)	incesto	vinho	Índia
Glauco	M	iaciatio	afogamento	mito etiológico	metamorfose	Creta / Micénios	Antédon
Gorge	F	dolor	afogamento	mito epónimo (hidrónimo)	amor maternal	Corinto	Lago Gorgópis
Hália	F	dolor	afogamento	mito etiológico	incesto	Afrodite	Rodes
Haliácton	M	furor	afogamento	mito epónimo (hidrónimo)	Tirinto		Argólida
Harpálice 1	F	pudor	desconhecido	metamorfose	incesto	antropofagia	Argos
Harpálice 2	F	dolor	desconhecido	mito etiológico	desamor		
Hécuba	F	pudor	força	metamorfose	mito etiológico	Guerra de Tróia	Mar Mediterrâneo
Helena	F	furor	força	mito etiológico	Guerra de Tróia	Erínias	Rodes
Heliades	F	dolor	inédia	metamorfose	amor fraternal	// com Cícno	Rodes
Hémon	M	dolor	arma	confito pai / filho	amor e morte	Labdácidas	Tebas
Hércules 1	M	impudentia doloris	imolação	mito etiológico	manu aliena	magia	Monte Eta
Hércules 2	M	dolor	imolação	amor conjugal	suicídio frustrado	Hércules	Tessália
Hermíone	F	conscientia	força	Guerra de Tróia	suicídio frustrado	esterilidade feminina	Esparta
Hero	F	dolor	precipitação	amor contrariado	Ásia	Europa	Hespeonto
Híades	F	dolor	afogamento	mito etiológico	metamorfose	caça	Nisa
Hidaspes	M	pudor	afogamento	mito epónimo (hidrónimo)	incesto	ama	Índia
Hilónome	M	dolor	arma	amor conjugal	Centaurus	perda do marido	Tessália
Hiloneu	M	conscientia	afogamento	mito epónimo / hidrónimo	incesto	estupro	Rio Máraton
Hiperbóreas	colectivo	taedium vitae	afogamento	eutanásia	Apolo	Europa do Norte	
Hipodámia	F	conscientia	desconhecido	noverca	Atridas	Pélops	Pisa (Élide)
Hipónoo	M	devotio	imolação	Sete contra Tebas	oráculo	Argos	Tebas
Honertes	M	desperata salus	força	amor conjugal	exposição de crianças	Afrodite	Babilónia
Ídmon	M	necessitas	desconhecido	adivinhação	Argonautas	destino	Colquida
Ífis	M	exsecrató	força	mito etiológico	desamor	estatutária	Chipre
Iíone	F	conscientia	desconhecido	Guerra de Tróia	oráculo	poder feminino	Tróia
Ínaco	M	furor	afogamento	mito epónimo (hidrónimo)	mito epónimo	rapto	Argólide
Índo	M	necessitas	afogamento	mito epónimo (hidrónimo)	estupro	Índia	Índia
Ino 1	F	furor	afogamento	mito etiológico	filicídio	engano	Mégara
Ino 2	F	dolor	afogamento	mito etiológico	oráculo de Delos	noverca	Béocia
Ióle	F	desperata salus	precipitação	desamor	rapariga como prémio de jogos	Hércules	Ecália
Ismeno	M	impudentia doloris	afogamento	mito epónimo (hidrónimo)	Apolo	Béocia	Béocia
Jasão	M	dolor	desconhecido	Argonautas	Colquida	Tessália	Tessália
Jocasta	F	pudor	força	incesto	engano	Édipo	Tebas
Laodamia	F	dolor	imolação	amor conjugal	Guerra de Tróia	// com Orfeu e Eurídice	Tessália
Leda	F	pudor	força	metamorfose	amor maternal	Helena	Esparta
Leucatas	M	desperata salus	afogamento	mito epónimo (hidrónimo)	homo-eroticismo	Apolo	Léucade
Leucocomante	M	furor	arma	desamor	homo-eroticismo	servitium amoris	Creta
Leucoótea	F	dolor	afogamento	mito etiológico	amor maternal	perda de filho	Béocia
Licurgo 1	M	devotio	inédia	oráculo	Esparta	herói fundador	Delos
Licurgo 2	M	furor	arma	hybris	Bacantes	Dioniso	Trácia
Lucrécia	F	pudor	arma	poder feminino	estupro	Romão	Roma
Macareu	M	pudor	arma	incesto	exposição de crianças	ama confidente	Lesbos
Macária	F	devotio	arma	mito epónimo	oráculo	sacrifício feminino	Atenas
Mátrato	M	devotio	arma	mito epónimo (corónimo)	suicídio manu aliena	provocatio	Ática
Marpesia	F	dolor	arma	amor conjugal	// com Enómao e Hipodámia	prémio de jogos	Etólia
Medeia	F	desconhecido	desconhecido	mito epónimo	colonização jónia	Colquida	Tessália
Medo	M	conscientia	afogamento	mito epónimo (hidrónimo)	estupro	Medo-Persas	Mesopotâmia
Meleagro, irmãs de	F	dolor	inédia	mito epónimo	metamorfose	amor fraternal	Etólia
Meles 1	M	furor	afogamento	mito etiológico	metecos	servitium amoris	Atenas
Meles 2	F	desperata salus	precipitação	homo-eroticismo	suicídio duplo	servitium amoris	Atenas
Melibeia	F	desperata salus	precipitação	mito etiológico	navegação	Ártemis	Éfeso
Melisso	M	exsecrató	precipitação	iaciatio	homo-eroticismo	colonização	Corinto
Melo	M	dolor	força	mito epónimo / etiológico	amizade	colonização	Chipre
Menecuu	M	devotio	arma	Sete contra Tebas	Afrodite	dragão	Tebas
Mera	cão	dolor	inédia	mito epónimo / etiológico	sentimentos dos animais	astronomia	Ática
Mérops	M	dolor	inédia	metamorfose	mito epónimo	astronomia	Cós
Mieno	M	desperata salus	precipitação	mito epónimo (orónimo)	theriodes bios	noverca	Monte Mieno
Mirra	F	taedium vitae	inédia	mito epónimo / etiológico	metamorfose	ama	Ásia
Molpadia	F	desperata salus	afogamento	mito etiológico	Apolo	suicídio frustrado	Quersoneso (Cástabo)
Mólpis	M	devotio	arma	mito etiológico	oráculo	Zeus	Élide
Narciso 1	M	furor	inédia	mito epónimo	theriodes bios	narcisismo	Béocia
Narciso 2	M	furor	arma	mito epónimo	homo-eroticismo	exsecrató	Béocia
Náuplio	M	dolor	afogamento	mito epónimo	amor paternal	guerra de Tróia	Argos
Neera	F	dolor	desconhecido	amor maternal	fraca	perda de filho	fraca

BIBLIOGRAFIA

- W. Burkert (1991), *Mito e Mitologia*. Lisboa, Edições 70.
- Brill's Encyclopaedia of the Ancient World. New Pauly*. Antiquity.
Eds H. Cancick, H. Schneider; engl. ed.: Ch. F. Salazar, D.
E. Orton. Leiden-Boston, 2002-.
- M. Citroni, F. E. Consolino, M. Labate, E. Narducci (2006),
Literatura de Roma Antiga. Lisboa, Fundação Calouste
Gulbenkian.
- E. R. Dodds (1988), *Os Gregos e o Irracional*. Lisboa, Gradiva.
- C. Edwards (2007), *Death in Ancient Rome*. New Haven –
London, Yale University Press.
- D. Ferreira Leão (2001), *Sólon, Ética e Política*. Lisboa, Fundação
Calouste Gulbenkian.
- E. P. Garrison (1991), “Attitudes toward suicide in Ancient
Greece”, *Transactions of American Philological Association*
121 1-34.
- E. P. Garrison (1995), *Groaning Tears: Ethical and Dramatic
Aspects in Greek Tragedy*. Leiden, E. J. Brill.
- F. Rebelo Gonçalves (1966), *Vocabulário da Língua Portuguesa*.
Coimbra, Coimbra Editora.
- Y. Grisé (1982), *Le Suicide dans la Rome Antique*. Paris, Les Belles
Lettres.
- P. Grimal (¹⁵1951), *Dictionnaire de la Mythologie Grecque et
Romaine*. Paris, Presses Universitaires de France.
- P. Grimal (⁴2004), *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*.
Algés, DIFEL.
- P. Grimal (1990) *Dictionary of Classical Mythology*. London,
Penguin Books.
- M. Griffin (1986), “Philosophy, Cato and Roman Suicides”,
Greece & Rome 33.1 64-77.
- T. D. Hill (2004), *Ambitiosa Mors: Suicide and Self in Roman*

- Thought and Literature*. New York and London, Routledge.
- A. J. L. van Hoof (1990), *From Autothanasia to Suicide. Self-Killing in Classical Antiquity*. London, Routledge.
- J. T. Hooker (1987), "Homeric Society: A Shame-Culture?", *Greece & Rome* 34.2 121-125.
- Lexikon der Alten Welt* (1965) Eds. C. Andresen et alii. Zürich – Stuttgart, Artemis Verlag.
- F. Oliveira, "Suicídio na Roma Antiga", *Máthesis* 3 1994 65-93.
- The Oxford Classical Dictionary* (³2003). Eds S. Hornblower and A. Spawforth. Oxford, University Press.
- Paulys Realencyclopädie der Classischen Altertumswissenschaft* (1893-). Neue Bearbeitung, hrsg. G. Wissowa. Stuttgart, Alfred Druckenmüller Verlag.
- M. H. Rocha Pereira (^o2003), *Estudos de História da Cultura Clássica. Volume I – Cultura Grega*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- M. H. Rocha Pereira (⁴2009), *Estudos de História da Cultura Clássica. Volume II – Cultura Romana*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- R. W. Sharples (1996), *Stoics, Epicureans and Sceptics: An Introduction to Hellenistic Philosophy*. New York and London, Routledge.
- J. Toner (2009), *Popular Culture in Ancient Rome*. Cambridge, Polity.

VOLUMES PUBLICADOS NA *COLECÇÃO “VARIA”* -
SÉRIE MONOGRAFIAS

1. Mariana Montalvão Matias, *Paisagens naturais e paisagens da alma no drama senequiano. “Troades” e “Thyestes”* (Coimbra, CECH, 2009).
2. João Paulo Barros Almeida, *Sentimento e conhecimento na poesia de Camilo Pessanha* (Coimbra, CECH, 2009).
3. Cristina Santos Pinheiro, *O percurso de Dido, rainha de Cartago, na Literatura Latina* (Coimbra, CECH, 2010).
4. Ricardo Nobre, *Intrigas Palacianas nos Annales de Tácito. Processos e tentativas de obtenção de poder no principado de Tibério* (Coimbra, CECH/CEC, 2010).
5. Weberson Fernandes Grizoste, *A dimensão anti-épica de Virgílio e o indianismo de Gonçalves Dias* (Coimbra, CECH, 2011).
6. Joana Guimarães, *Suicídio Mítico – Uma luz sobre a Antiguidade Clássica* (Coimbra, CECH, 2011).

Impressão:
Simões & Linhares, Lda.
Av. Fernando Namora, n.º 83 Loja 4
3000 Coimbra

O que nos move, ainda, na descoberta das narrativas mitológicas? Neste livro pretendeu-se identificar todos os mitos greco-romanos unidos pelo cunho do suicídio. Este apresentou - se sob múltiplas roupagens, peças únicas de um *corpus* fascinante e mostrou ser ferramenta de interrogação e compreensão sobre a Antiguidade Clássica e sobre nós mesmos também. A construção mítica, resultado de um enorme espectro temporal, limitado a jusante pela época micénica e a montante pelo Império Romano, delineou contextos geográficos, movimentos migratórios, a colonização grega da Ásia Menor, temáticas literárias, arquétipos de personalidade e indicações sobre mentalidades.